



Bianca Xavier Lemes

**O “SABER-FAZER” DO CROCHÊ: VALORES
DO ARTÍFICE E DO PATRIMÔNIO IMATERIAL**

Belo Horizonte
Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais
2017

Bianca Xavier Lemes

**O “SABER-FAZER” DO CROCHÊ: VALORES DO ARTÍFICE E DO PATRIMÔNIO
IMATERIAL**

Belo Horizonte
Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais
2017

Bianca Xavier Lemes

O “SABER-FAZER” DO CROCHÊ: VALORES DO ARTÍFICE E DO PATRIMÔNIO
IMATERIAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de Concentração: Conservação de Bens Culturais, Tecnologia e Território.

Orientação: Prof.^a Dr.^a Andréa Franco Pereira.

FICHA CATALOGRÁFICA

L552s

Lemes, Bianca Xavier.

O "saber-fazer" do crochê [manuscrito] : valores do artífice e do patrimônio imaterial / Bianca Xavier Lemes. – 2017.

134f. : il.

Orientadora: Andréa Franco Pereira.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Arquitetura.

1. Patrimônio cultural - Teses. 2. Artesanato - Teses. 3. Artesãos - Teses. 4. Crochê - Teses. I. Pereira, Andréa Franco. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Arquitetura. III. Título.

CDD 746.434

Bianca Xavier Lemes

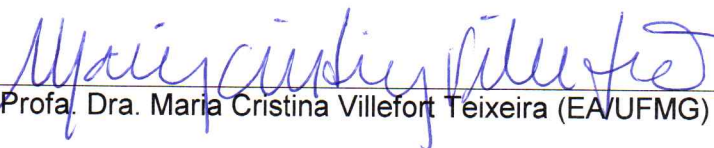
"O "saber-fazer" do crochê: valores do artífice e do patrimônio imaterial"

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais

Comissão Examinadora:



Profa. Dra. Andréa Franco Pereira (EA/UFMG - orientadora)



Profa. Dra. Maria Cristina Villefort Teixeira (EA/UFMG)



Profa. Dra. Rita Lages Rodrigues (EBA/UFMG)

Belo Horizonte, 11 de abril de 2017.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Shirley, que me ensinou a fazer crochê.

Aos meus pais, pelo apoio e incentivo recebido em todos os momentos da minha vida.

À minha orientadora Andréa, pelo carinho, disponibilidade, parceria e aposta nesta pesquisa.

Às artesãs do Sul de Minas, pela generosidade e ternura com que me receberam em suas casas para conversarmos sobre o crochê e pela parceria ao longo desses anos.

Às professoras Rita Lages e Maria Cristina Villefort, cujas observações e recomendações, na qualificação, muito contribuíram para que este texto tomasse corpo.

À CAPES, pela bolsa de estudo concedida para a realização da pesquisa.

À minha amiga querida, Libéria Neves, sempre me inspirando e incentivando a seguir.

Aos amigos queridos do mestrado, sempre generosos e grandes apoiadores, em especial, a Marina, Tiza, Daniel, Thaís, e Fernanda.

Aos ombros amigos de Luzia, Evandro, Bráulio, Natália e Wesllen por acompanharem tudo de perto, sempre dando apoio.

*“Viver é entrelaçar linhas.
Quanto maior a ousadia,
mais colorido o tecido da vida”.*

Libéria Neves, 2017.

RESUMO

A presente pesquisa aborda o ofício do crochê e os valores relacionados ao saber-fazer do artífice, focalizando o trabalho de mulheres crocheteiras da região Sul do estado de Minas Gerais pelo viés do patrimônio imaterial, estabelecendo interdisciplinaridade entre patrimônio, arte, artesanato e moda. Partindo-se do princípio de que a valorização do saber-fazer de uma comunidade contribui para a permanência da tradição, para a construção da identidade, da afirmação do sujeito e da cultura e para a valorização do produto advindo do ofício, investiga-se de que maneira o saber-fazer poderá valorizar um grupo de mulheres artesãs do Sul de Minas. A pesquisa apresenta-se a partir de duas análises: a primeira, por meio da pesquisa-ação, na qual a pesquisadora, como crocheteira, analisa o saber-fazer em um grupo de artesãs com o qual estabelece relações de parceria na produção e comercialização de peças em crochê; a segunda, por meio de entrevistas semiestruturadas, dirigidas ao grupo de mulheres artífices do crochê, acerca do saber-fazer, com ênfase no artesanato, na tradição, no feminino e no encontro. Os resultados obtidos remetem à importância do encontro entre essas mulheres, favorecendo a troca de saberes e a permanência da tradição, e também revela aspectos econômicos relacionados à geração de renda pela comercialização da produção artesanal.

PALAVRAS CHAVE: Saber-fazer; Patrimônio imaterial; Artesão; Crochê; Artesanato.

ABSTRACT

This study presents the crochet craft and related values to the knowhow of the artificer, focusing on the work of women crocheters from the southern regions of the state of Minas Gerais, Brazil, by the intangible heritage bias, establishing interdisciplinarity with heritage, art, crafts and fashion. Assuming the principle that the valuation of the knowhow of a community contributes to the continuity of tradition, to the construction of identity and the affirmation of the individual and its culture, as well as to the valuation of the product coming from this craft, this study seeks to investigate in what way this knowhow can add value to a group of craftswomen from the southern regions of Minas Gerais. This investigation is presented from two analysis: the first is carried out through action research, as the researcher, a crocheter, analyzes the know-how in a group of artisans with whom she establishes partnerships in the production and sale of crocheted pieces; the second, through semi-structured interviews, directed to the group of women artisans of crochet, about the know-how, with emphasis on crafts, tradition, the feminine and the encounter. A bibliographic survey was conducted regarding this knowhow in the areas of intangible heritage and of this group of women, focusing on handcraft, tradition, feminine, and encounter. The results obtained point to the importance of the encounter between these women, favouring the exchange of knowledge and the permanence of tradition, as well as economic aspects related to income generation through the commercialization of artisanal production.

Keywords: Knowhow; Intangible heritage; Craftswoman; Crochet; Handcrafts.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1: Cena de família de Adolfo Augusto Pinto, 1891..... | 31 |
| Figura 2: Capa da revista Mãos Maravilhosas. | 33 |
| Figura 3: Mulher tecendo..... | 33 |
| Figura 4: Pontos básicos iniciais do crochê. | 36 |
| Figura 5: Capa da Revista Mãos de Ouro. | 37 |
| Figura 6: Revista Álbum de Crochê..... | 37 |
| Figura 7: Gráfico com desenho da legenda dos pontos a serem seguidos para se fazer um tapete..... | 37 |
| Figura 8: Revista com modelos de “bicos” de crochê. | 37 |
| Figura 9: Crochês com desenhos tradicionais da década de 60 e 70..... | 39 |
| Figura 10: Desenho conhecido por quadrados da vovó. Tradicional nos anos 70..... | 40 |
| Figura 11: detalhes de colchas de crochê em pontos variados | 40 |
| Figura 12: detalhes de colchas de crochê em pontos variados | 40 |
| Figura 13 - detalhes de colchas de crochê em pontos variados | 41 |
| Figura 14 - detalhes de colchas de crochê em pontos variados | 41 |
| Figura 15 - detalhes de colchas de crochê em pontos variados | 42 |
| Figura 16: Escultura em crochê, 170 x 80cm, Carolina Pontes, sem título, 2013..... | 43 |
| Figura 17: Escultura em crochê, 200 x 125cm, Carolina Pontes, Sem título, 2013. | 43 |
| Figura 18: Fotos do Desfile de peças em crochê. Artista: Ronaldo Fraga. São Paulo Fashion Week. Verão 2014/15..... | 44 |
| Figura 19: Banco tecido em crochê, enfocando o artesanato contemporâneo, trazendo conceitos de design como cores, tecnologia, moda vintage e sustentabilidade. | 46 |
| Figura 20: Luminárias em plástico revestidas com crochê..... | 47 |
| Figura 21: Toalha guardada por Shirley como herança de família..... | 57 |
| Figura 22: Colcha de quadrinhos e detalhe - tecida por Elene, 2016. | 63 |
| Figura 23: Montagem - Grupo de mulheres crocheteiras de Campanha e Três Corações, Minas Gerais. | 64 |

| | |
|--|----|
| Figura 24: Peças tecidas pela artesã Águeda Silva..... | 66 |
| Figura 25: Captura de tela - Google com vídeos no YouTube ensinando a técnica do crochê. | 68 |
| Figura 26: Captura de tela (aplicativo Instagram). Os conteúdos das conversas não foi exposto para resguardar os usuários..... | 69 |
| Figura 27: Captura de tela (aplicativo Pinterest). O conteúdo das conversas não foi exposto para resguardar os usuários..... | 69 |
| Figura 28: Detalhes da colcha tecida pela artesã Marinete, 2016. | 74 |
| Figura 29: Primeiro evento com a participação da Emerenciana – Peças: coletes. Griffé Show, 2010, Minascentro - Belo Horizonte. | 79 |
| Figura 30: Desenhos de vestidos com referência de pontos, medidas e linhas usados pela Emerenciana. | 80 |
| Figura 31: Desenhos de blusas com referência de pontos, medidas e linhas. | 81 |
| Figura 32: Captura de tela (aplicativo Whatsapp). Registo de conversas entre pesquisadora e a artesã Cristiane Melo - 2016 e 2017. | 82 |
| Figura 33: Captura de tela (aplicativo Whatsapp). Registo de conversas entre pesquisadora e a artesã Marta Pereira - 2016 e 2017..... | 83 |
| Figura 34 - Casa casulo | 84 |
| Figura 35 - Casa casulo | 85 |
| Figura 36: Blusas Emerenciana. | 87 |
| Figura 37: Blusas Emerenciana. | 87 |
| Figura 38: Blusas Emerenciana. | 88 |
| Figura 39: Vestido Emerenciana. | 89 |
| Figura 40: Vestidos Emerenciana. | 90 |
| Figura 41: Anúncio da feira Griffé Show..... | 91 |
| Figura 42: Folder virtual com anúncio de bazar – 2016, Belo Horizonte..... | 91 |
| Figura 43: Stand da Emerenciana montado na feira Griffé Show- 2010. Local: Minascentro, Belo Horizonte..... | 92 |
| Figura 44: Detalhe Stand - feira Diversa – 2015. Nova Lima- MG. | 92 |
| Figura 45: Peças da Emerenciana em eventos, divulgadas na Internet. | 93 |

| | |
|--|----|
| Figura 46: Logo Emerenciana. | 94 |
| Figura 47: Cartões para afixar nas peças – referências do modo de lavar, passar e o tipo de material. | 94 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|---------------|---|
| ELA | Escola Livre de Artes |
| EMATER | Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais |
| IBGE | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística |
| IPHAN | Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional |
| INRC | Inventário Nacional de Referências Culturais |
| MDIC | Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços |
| PAB | Programa do Artesanato Brasileiro |
| SICAB | Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro |
| UNESCO | Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 13 |
| 2. O PATRIMÔNIO E SUA DIMENSÃO | 17 |
| 2.1. O patrimônio imaterial- tradição e identidade | 17 |
| 2.2. Artesanato, artesão e o saber-fazer | 22 |
| 2.2.1. Artesanato no Brasil | 27 |
| 2.4. Referências à origem do crochê | 35 |
| 2.5. A ampliação do uso do crochê..... | 42 |
| 2.6. Artesanato e design | 44 |
| 3. METODOLOGIA | 48 |
| 3.1. Problemática | 48 |
| 3.2. Pergunta de partida | 50 |
| 3.3. Modelo de análise | 50 |
| 3.4. Primeira Parte da análise: Entrevistas semiestruturadas | 52 |
| 3.5. Segunda parte da análise: A pesquisa-ação | 53 |
| 4. TECER E EMPODERAR: AS ENTRELINHAS DO SABER-FAZER DO CROCHÊ NO GRUPO DE MULHERES ARTESÃS. | 54 |
| 4.1. As Entrevistas | 54 |
| 4.1.2. Tradição e feminino - A figura feminina na transmissão do ofício..... | 56 |
| 4.1.3. O encontro – sociabilidade, trocas e preservação do ofício..... | 62 |
| 4.1.3.1. O Encontro virtual - uma nova maneira de transmissão do fazer | 65 |
| 4.1.4. O artesanato: Fator econômico e o gosto pelo fazer | 70 |
| 4.2. A parceria estabelecida com as artesãs | 78 |
| 4.2.1. Novas formas de transmissão e de comunicação..... | 79 |
| 4.2.2. O processo | 83 |
| 4.2.3. A tradição e novo olhar | 84 |
| 4.2.4. Mídias, mercado e o crochê – valorização do produto, crescimento e novas expectativas | 91 |
| 5. ARREIMATE, ACABAMENTO E CONSIDERAÇÕES FINAIS. | 96 |

| | |
|--------------------------|-----|
| REFERÊNCIAS | 104 |
| ANEXO A | 110 |
| ANEXO B | 111 |

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda o ofício do crochê e os valores relacionados ao saber-fazer¹ do artífice e ao patrimônio imaterial. O interesse pelo tema surgiu por meio de experiências e de relações que foram se estabelecendo ao longo de uma trajetória iniciada na infância, quando aprendi o ofício, culminando em minha formação em Artes Plásticas. Durante a graduação em Artes, já questionava a ausência do ensino dos ofícios tradicionais dentro da Academia, fato que me levou a buscar conhecimento para sua valorização pelo viés do patrimônio.

Atualmente, o crochê se faz presente em minha vida em três instâncias singulares de formação e atuação: na arte, na educação e na produção de peças de vestuário. Esta última, ocorre em parceria com um grupo de mulheres residentes na cidade de Campanha, em Minas Gerais, e cidades vizinhas.

A primeira instância se refere ao trabalho desenvolvido durante minha habilitação em Escultura, em 2010, na qual o uso do ofício do crochê, aliado aos conhecimentos acadêmicos, culminou na construção de um objeto de arte. Por meio desse trabalho, exposto na galeria da Escola Guignard², pretendi redimensionar o conhecimento em Artes Plásticas a partir de um diálogo com os ofícios tradicionais, questionando a ausência de seu ensino e a desvalorização do trabalho do artífice na contemporaneidade.

A segunda consiste na docência exercida em oficinas denominadas “Plasticidades populares”, realizadas na Escola Livre de Artes de BH – ELA³, Projeto Arena da Cultura. Nessas aulas, partiu-se da proposta de produção coletiva e das relações de trocas entre um grupo de mulheres. Foi feito o uso do ofício do crochê pelo viés das Artes Visuais como forma de encontrar, nesse coletivo, algo comum do grupo, buscando-se valorizar seu patrimônio material e imaterial.

A terceira instância se dá na parceria estabelecida com um grupo crocheteiras das cidades de Campanha e Três Corações, em MG, que colaborou no tecer de peças

¹ “Saber-fazer”: Em francês, “*savoir-faire*” - Termo de origem francesa usado para aquele que possui habilidade, jeito ou perícia específicos para executar uma tarefa ou atividade. Fonte: Infopedia (2016).

² Escola Guignard - Escola de Artes de Belo Horizonte, uma das unidades acadêmicas da UEMG – Universidade do Estado de Minas Gerais.

³ ELA (Escola Livre de Arte) - Projeto Arena da Cultura. Gerido pela da Fundação Municipal de Cultura de Belo Horizonte. Fonte: Portal PBH (2017).

da grife mineira de nome Emerenciana⁴, buscando-se uma aliança entre tradição, arte, moda e artesanato.

O estudo sobre o crochê apresenta uma interdisciplinaridade com o campo do patrimônio, material e imaterial. Ele revela o patrimônio cultural de um grupo de mulheres e provoca questões que aqui serão discutidas, entendendo o crochê para além de um ofício, a partir de uma interlocução de elementos que entrelaçam tradição, arte, moda e artesanato.

Esse fazer artesanal, transmitido pela tradição familiar, mantém-se vivo até hoje em minha cidade natal Campanha, na cidade de Três Corações e em outras cidades localizadas no Sul de Minas Gerais, trazendo consigo processos artesanais por meio da memória e do cotidiano de um grupo de mulheres. Procurando valorizar esse saber-fazer, proponho uma reflexão acerca da identidade local, de modo a possibilitar que seja gerado um produto com vias à geração de renda, favorecendo o desenvolvimento econômico, cultural e social do grupo, assim como valores do patrimônio imaterial.

Três Corações⁵ está localizada na região sul do estado de Minas Gerais, e é cidade vizinha de Campanha. Teve seu progresso devido à construção da estrada de ferro e à instalação da Feira de Gado. A pecuária se destaca na participação na economia, com o rebanho leiteiro e gado de corte, sendo que esse gado leiteiro é um dos melhores do Estado. Também colaboram na economia as culturas do café, milho, batata inglesa, feijão, arroz e frutas regionais. Como produto natural (mineral), destaca-se a pedra São Tomé e, no setor industrial, os derivados do leite e uma gama de produtos diversificados.

Campanha⁶, segundo Ronald Ferreira (2010), é considerada “O Berço da Cultura Sul Mineira” ou “Cidade Mãe do Sul de Minas” por diversos e relevantes motivos históricos e culturais. De acordo com o censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, em 2010, sua população era de 15.435 habitantes. A cidade é porta de entrada para o Circuito das Águas de Minas Gerais e atrai turistas

⁴ Emerenciana: Grife mineira de peças artesanais construídas por meio do uso da técnica do crochê. Fundada em 2009 por esta pesquisadora. Página na Web disponível em: https://www.facebook.com/pages/Emerenciana/131103513602280?ref=aymt_homepage_panel
Acesso em: 09/08/17

⁵ Três Corações. Fonte: Três Corações (2017).

⁶ Campanha. Fonte: Campanha (2016).

interessados em conhecer suas igrejas e casarões coloniais.

As principais atividades econômicas da cidade de Campanha giram em torno da agropecuária, com maior destaque para as culturas de café, milho, feijão, cítricos, batata e gado leiteiro. A cidade também se destaca nas áreas de laticínios e metalurgia, além da fabricação de gaiolas e acessórios para a criação de pássaros. No artesanato, destaca-se na produção de tapetes tecidos em teares manuais, além de artesanatos de imagens de santos, bonecas de pano, caixas de madeira e doces.

Em meio à produção artesanal, encontramos com uma presença forte e anônima, nos lares dessas cidades, mulheres que há anos exercem o ofício do crochê, transmitidos por suas mães, avós, tias ou outras conhecidas. O crochê produzido por essas mulheres é vendido na cidade como artesanato em forma de colchas para cama e objetos de decoração para casa. Outro grupo específico de mulheres utiliza o ofício na fabricação e comercialização de vestuário.

É nesse cenário, das cidades de Campanha e Três Corações, que se construíram algumas questões, as quais foram norteadoras para o desenvolvimento desta pesquisa. Em que contexto social e econômico encontram-se essas artesãs em sua comunidade local? Qual o papel da mulher na transferência do ofício do crochê? Quais as concepções sociais e culturais presentes no encontro de mulheres ao fazer o crochê? O crochê como produto gera renda para essas mulheres? Qual o legado, na visão de patrimônio, esse saber poderia deixar para a comunidade?

As principais referências metodológicas que embasaram a presente pesquisa encontram-se nas obras: “Manual de investigação em ciências sociais” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005) e “Metodologia da pesquisa-ação” (THIOLLENT, 2011). Estas duas referências bibliográficas guiaram a construção da metodologia seguida. A primeira, no que diz respeito às técnicas e métodos para uma investigação mais aprofundada em uma pesquisa social, na qual se pretende compreender melhor os significados de um acontecimento ou de uma conduta. A segunda foi essencial por apresentar um tipo de pesquisa social de forma empírica, baseado em uma estreita parceria entre os pesquisadores e participantes, em uma ação junto ao coletivo de modo cooperativo ou participativo feita a partir de um diagnóstico da situação real, no qual os aspectos estruturais da realidade social não podem ficar desconhecidos.

Com base nessa estrutura, a pesquisa a ser descrita aqui, como dissertação de

mestrado, foi desenvolvida. A perspectiva adotada diz respeito a como o saber-fazer tradicional valoriza um grupo de artífices do crochê, afirmando e reconhecendo a construção das identidades individuais e coletivas, pelo viés do patrimônio imaterial. Ao valorizar o artífice, valoriza-se também o produto advindo de seu saber-fazer, com possíveis desdobramentos positivos para o desenvolvimento da economia local.

No **primeiro capítulo**, será abordado o referencial teórico, destacando-se a ampliação do termo patrimônio em sua dimensão imaterial, que incorpora novos valores, dentre eles, o saber-fazer. Os valores tratados nesta pesquisa estão associados à figura do artesão e ao artesanato. Apresenta-se, ainda, uma abordagem histórica de como o trabalho manual vem sendo associado à figura feminina. Hoje, por meio do ofício do crochê, faz-se presente em um grupo de mulheres artesãs do Sul de Minas, valorizando questões para além do ofício, como aspectos sociais e econômicos, amparados pelo patrimônio

No **segundo capítulo**, será explicitada a metodologia utilizada, com o intuito de contribuir para construção teórica e análise dos dados coletados no trabalho de campo. Serão apresentadas as entrevistas semiestruturada com o grupo de mulheres artesãs e o método da pesquisa-ação, evidenciado uma parceria entre as artesãs e a pesquisadora.

No **terceiro capítulo**, será apresentada a discussão acerca da relação que o grupo de mulheres artesãs do Sul de Minas estabelece com o ofício do crochê em sua tradição. Os dados obtidos foram colhidos por meio de entrevista semiestruturada realizada nas cidades de Campanha e Três Corações. Como resultados, surgiram questões peculiares ao saber-fazer do grupo: o feminino, o encontro, a tradição e o artesanato. É apontada, ainda, a parceria estabelecida com as mulheres artesãs do Sul de Minas, mediante a produção de peças de crochê para a grife Emerenciana, cujo objetivo é agregar valores do trabalho artesanal às peças, favorecendo sua visibilidade e venda no mercado.

Os resultados obtidos remetem à importância do encontro entre essas mulheres, que possibilita a troca de saberes e a permanência da tradição. Além disso, há um impacto nos aspectos econômicos relacionados à geração de renda pela comercialização da produção artesanal.

2. O PATRIMÔNIO E SUA DIMENSÃO

Neste primeiro capítulo, será apresentada a abrangência do patrimônio nos dias atuais, visto que incorpora novos valores e amplia o olhar para os “saberes tradicionais” dos ofícios, pertencentes ao patrimônio imaterial. Será abordado também o artesanato em suas concepções técnicas e suas demais questões intrínsecas, como a identidade, a referência e o pertencimento social. Assim, será possível consubstanciar a figura do artesão como possuidor de habilidades manuais e de um saber-fazer transmitido por suas gerações anteriores. Será exibido, além disso, o percurso do trabalho feminino no Brasil e a relação do trabalho manual associado à figura feminina ao longo da história e, por fim, será apontado como o crochê vem estabelecendo parcerias com diversas áreas como a arte, o *design* e a moda.

2.1. O patrimônio imaterial- tradição e identidade

Nas últimas décadas, o termo patrimônio passou a contemplar uma grande abrangência de conhecimentos nas mais diversas áreas e, conseqüentemente, foi ampliado o quadro de novos agentes e mecanismos de conhecimento para sua análise. Pensar sobre o patrimônio de uma comunidade significa levar também em consideração aspectos culturais, sociais, econômicos, além de seus benefícios e impactos ambientais e ecológicos.

O patrimônio cultural, natural e paisagístico é um elemento chave na afirmação de identidades e da coesão social, além de ser um fator essencial para o desenvolvimento econômico”. Esse novo marco sobre o patrimônio o reafirma, portanto, como riqueza assumindo alcance econômico e social, ou seja, com a diversidade e o pluralismo (HERRERO, 2009, p.25).

Segundo Castriota (2009), o patrimônio tem sido discutido a partir de dois aspectos. O primeiro refere-se às políticas de preservação/conservação e o segundo, ao bem cultural a ser conservado. O autor aponta que se deve olhar para os “valores” incorporados aos bens culturais, e não apenas para seus aspectos monumentais ou estéticos. Nesse sentido, ele afirma que para se decidir, portanto, o que é patrimônio e os valores nele incorporados, é necessário examinar sempre porque, como o patrimônio é valorizado e por quem.

Para a preservação do bem cultural, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico

Nacional⁷ (IPHAN, 2012) aponta que é importante ele seja praticado pela população local. Ademais, é fundamental analisar como se manifesta, de que maneira é transmitido pelas gerações, quem são as pessoas atuantes na manutenção dessa tradição e os vários aspectos relativos à existência do bem.

A Constituição Federal Brasileira de 1988, nos artigos 215 e 216, incorporou a ampliação do termo patrimônio, referindo-se aos bens de natureza material e imaterial. Este era, até pouco tempo, entendido como “folclore”, em clara oposição à “cultura” (HERRERO, 2009, p.25). Além disso, Castriota (2009, p.207) aponta que neste mesmo período, em 1989, a UNESCO⁸ estabeleceu a “Recomendação sobre a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular”. A UNESCO se pronunciou na convenção para a “Salvaguarda do patrimônio cultural imaterial” ocorrida em Paris no dia 17 de outubro de 2003, que se encontra no decreto N° 5.753 de 12 de abril de 2006 no Brasil (BRASIL, 2003). Entende-se por salvaguarda as medidas que visam garantir a viabilidade do patrimônio cultural imaterial, dentre elas, a valorização e a transmissão do patrimônio nos mais diversos aspectos. O mesmo o decreto aponta que “O Patrimônio Cultural Imaterial” é constantemente recriado pelas comunidades na transmissão de geração em geração por meio do ambiente e das interações, gerando um sentimento de identidade e continuidade e promovendo a diversidade cultural.

A instituição, pelo Decreto brasileiro 3.551/2000, do Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial (BRASIL, 2000), que constituem patrimônio cultural brasileiro e dos diversos Livros de Registro⁹, sugere a percepção de diferentes domínios para se compor a dimensão imaterial do patrimônio cultural. Assim, os bens culturais de natureza imaterial estariam incluídos, ou contextualizados, nas seguintes categorias que constituem os distintos Livros do Registro: Saberes, Formas de expressão, Celebrações e Lugares.

Para esta pesquisa, recorreu-se ao “Livro dos Saberes”, que reúne os

⁷ IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Organismo de proteção ao Patrimônio, criado ao final dos anos 30, é vinculado ao Ministério da Cultura, é o responsável pela política de preservação nação em nível federal no Brasil. Fonte: IPHAN (2016a).

⁸ UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Fundada em 1945, essa agência da ONU promove a cooperação internacional entre seus Estados membros nos campos da educação, ciência, cultura e comunicação. Fonte: UNESCO (2016).

⁹ Livros de Registro – Livros onde estão os bens culturais imateriais passíveis de registro pelo Iphan. São aqueles que detêm continuidade histórica, possuem relevância para a memória nacional e fazem parte das referências culturais de grupos formadores da sociedade brasileira. Fonte: IPHAN (2016b).

conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades.

Os *Saberes* são conhecimentos tradicionais associados a atividades desenvolvidas por atores sociais reconhecidos como grandes conhecedores de técnicas, ofícios e matérias-primas que identifiquem um grupo social ou uma localidade. Geralmente estão associados à produção de objetos e/ou prestação de serviços que podem ter sentidos práticos ou rituais. Trata-se da apreensão dos saberes e dos modos de fazer relacionados à cultura, memória e identidade de grupos sociais (IPHAN, 2016c).

A palavra tradição, segundo Martins (1986, p.27), vem do latim *tradere* que significa transferência, passagem. Desse modo, a etimologia da palavra refere-se à transmissão e está associada à noção de difusão. No entanto, o autor ressalta que a diferença entre difusão e tradição é que a primeira, refere-se “à transmissão da carga cultural de uma população” (MARTINS, 1986, p.27), e a segunda, “opera no tempo”, referindo-se “à transmissão da herança cultural de uma geração a outra da mesma população” (MARTINS, 1986, p.27). Paul Oliver, citado por Castriota (2014), aponta que os aspectos tradicionais estão ligados aos comportamentos, costumes, rituais e mesmo uso de artefatos que foram passados pelas gerações. Assim, eles fazem parte do presente, e são chamados *traditas*. Por ser algo do passado, ainda no presente, a tradição é vista como algo inerte da sociedade.

No processo de transmissão, os bens culturais imateriais tornam-se vulneráveis devido às constantes mutações e transformações inerentes à sociedade e aos próprios indivíduos que a constitui. Nesse sentido, Castriota aponta que “no mundo moderno, a lógica da cultura passa a ser a da própria mudança, da substituição incessante de valores e modelos” (CASTRIOTA, 2009, p.39). Nessa mudança, surge a necessidade de pensar a preservação da tradição, em sua “dimensão dinâmica” que caracteriza a modernidade.

Krucken (2009), ao discutir sobre a vulnerabilidade do patrimônio imaterial associado ao artesanato, aponta que, com a globalização, deve-se ampliar as alternativas para a proteção do patrimônio imaterial. Isso pode ser feito agregando outros valores aos produtos locais, criando condições para que eles se convertam em benefício para as comunidades, o que é de fato um desafio para as economias emergentes. O pensamento de Castriota (2009) e de Krucken (2009) tornam-se pertinentes a outras questões prévias aos resultados desta pesquisa: o ofício do crochê irá desaparecer frente a essa vulnerabilidade? Como será a transmissão desse saber-fazer para as demais gerações, e como ela se sustentará?

Em um sentido antropológico, a lógica da mudança, segundo Castriota, aponta que “todos os sistemas culturais, mesmo aqueles tradicionais, estão em contínuo processo de modificação” (CASTRIOTA, 2014, p.3,4). Sendo assim, não haveria uma “cultura estática”, porque o processo de transmissão também está ligado às mudanças absorvidas pelas demais culturas, sejam essas mudanças internas, próprias do grupo, ou mesmo aquelas advindas pelo contato com outro sistema cultural. Esse processo estaria, segundo o autor, ligado à própria diversidade da cultura e no que Lévi-Strauss denominou de “colaboração entre culturas”. (CASTRIOTA, 2014, p.4)

Sob a ótica do sociólogo americano Edward Shils, Castriota (2014) aponta que a tradição é qualquer coisa que é transmitida do passado para o presente. Em uma ampla abordagem, inclui nela sua substância, o processo (praticada por pelo menos três gerações) e o valor (atribuído pela sociedade). A substância, segundo ele, corresponde a “todos os padrões consolidados da mente humana, de crença ou modo de pensar, das relações sociais, práticas, técnicas, artefatos físicos ou objetos naturais [que] são suscetíveis a se tornarem objetos de transmissão” e ainda se torna parte da memória (CASTRIOTA, 2014, p.6,7).

Hobsbawm (1997) traz o conceito de “tradição inventada”, sendo utilizado em um sentido amplo, incluindo “tanto as tradições realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram e se estabeleceram com enorme rapidez no tempo” (HOBSBAWM, 1997, p.9). O autor afirma que a invenção de tradições ocorrerá provavelmente, com frequência,

(...) quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas” tradições foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando derem mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas (HOBSBAWM, 1997, p.12).

O autor coloca que “pode ser que muitas vezes se inventem tradições não porque os velhos costumes não sejam mais disponíveis, nem porque não sejam mais viáveis, mas porque eles deliberadamente não são usados nem adaptados” (HOBSBAWM, 1997, p.16).

Valorizar o Patrimônio Imaterial do saber-fazer das artesãs no ofício do crochê, em um tempo no qual prevalece o imediatismo das máquinas e o valor da efemeridade,

possibilitará, possivelmente, o fortalecimento e a manutenção da tradição e da identidade local. Tal identidade foi construída a partir das relações em diferentes contextos e foi formada com base na história de cada pessoa, da sua família, do lugar onde vive, suas falas e expressões. Nesse sentido, torna-se relevante saber quem é cada uma das mulheres crocheteiras e como elas se relacionam entre si e com a comunidade, por meio do saber-fazer crochê. Segundo Hall (2005), a identidade social projetaria-nos em outras identidades, de modo a fazer-nos internalizar seus valores e significados, tornando-os parte de nós. Dessa maneira, conseguimos nos colocar no mundo “social e cultural” que ocupamos. A identidade, então, costura o sujeito à estrutura.

Neto (1999), em uma reflexão publicada no site Ñandeva, destaca que a construção da identidade visual de um país é formada a partir de elementos cotidianos “que de tão vistos ninguém mais os enxerga e de tão tocados ninguém mais os sente”. Essas “imagens banais” passariam a constituir uma memória coletiva que revelaria sentidos ocultos dos produtos culturais capazes de interferir e alterar a percepção de nós mesmos como sujeitos culturais (ÑANDEVA, 2016).

O “Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais”, que contém explicações dos critérios e instruções sobre a metodologia e demais instrumentos presentes no INRC¹⁰ (Inventário Nacional de Referências Culturais), esclarece o que seriam as referências que constituem a identidade de uma comunidade: “(..) são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidades, são o que popularmente se chama de ‘raiz’ de uma cultura” (IPHAN, 2000).

A identidade se modifica dinamicamente em relação aos indivíduos e à sociedade, tornando-se uma “celebração móvel, formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos apresentados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1987, p.13). Nesse sentido, essa pesquisa parte da perspectiva de que o saber-fazer do ofício poderia afirmar a identidade própria de um grupo de mulheres artesãs. Além disso, é possível determinar suas referências, pelo bem imaterial que é o próprio fazer de uma produção manual, exclusiva, com

¹⁰ INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais) - instrumento que identifica e documenta de bens culturais de natureza material e imaterial e a possibilidades de preservação dos mesmos. Fonte: IPHAN (2000).

caráter local, social, histórico e cultural. Esse fazer também se encontra em constantes mudanças, de acordo com o tempo em que vivemos.

2.2. Artesanato, artesão e o saber-fazer

A palavra ofício deriva do latim, *opficium*, e significa realizar um trabalho aplicando técnicas e habilidades específicas. Este trabalho pode ser manual ou pode utilizar máquinas. Os ofícios estão ligados às habilidades artesanais e à figura do artífice ou artesão, no regime de trabalho denominado artesanato. Sennett (2015), em uma expansão do termo, afirma que é possível aprender sobre si mesmo pelo ato de fazer algo manualmente.

Segundo Fachone, “a história do artesanato se confunde com a história do homem, pois a necessidade de produzir bens de uso rotineiro e ornamentos são expressão da capacidade criativa e do trabalho” (FACHONE, 2012, p.61); embora hoje seja produzido e consumido como reformulação das relações econômicas, políticas e sociais.

Em um mesmo sentido, Canclini (1989, p.77) afirma que devemos estudar o artesanato como processo e não apenas como objetos em si mesmos, envolvendo, no processo, as relações sociais. Esse é o viés pelo qual se caminhará nesta pesquisa, ampliando a discussão em torno do saber fazer do artesão, indo além das peças em crochê produzidas pelas artesãs, olhando para as relações sociais, econômicas e antropológicas do processo artesanal.

Sobre o objeto na sociedade, a autora Vera Lúcia Barbosa (2014), aponta que, este possui “significado” e “função social” como “forma de comparação, diferenciação e superação entre os grupos, expressando a individualidade ou afinidade e assume papel na manutenção e fortalecimento dos privilégios do grupo social” (BARBOSA, 2014, p.23). A autora coloca, ainda, que, “os objetos modelam e dão solidez às relações sociais e, ao mesmo tempo, as relações sociais se expressam através dos objetos” (Sarti, 2003 *apud* Barbosa, 2014). Assim, a formação cultural de uma sociedade se dá por meio da produção de seus bens e valores. Os artefatos, por nascerem dos saberes, costumes e técnicas passados pelas gerações, fazem parte do processo de identidade de seus membros, assim chamada de “cultura material”. Ainda segundo a autora, o termo nasce no século XIX e, hoje em dia, ampliou-se para uma “maneira de melhor entender os artefatos que produzimos e consumimos,

bem como a maneira em que estes se encaixam em sistemas simbólicos e ideológicos mais amplos” (FACHONE, 2012, p.37,38).

A autora aponta, portanto, que saber sobre a cultura material de um grupo social é importante porque, por meio desse saber, é possível conhecer as condições de sua fabricação, os recursos utilizados como materiais, o aprendizado, o aprimoramento das técnicas e seus processos de transmissão do saber dentro do grupo (FACHONE, 2012, p.41).

Em relação à figura do artífice, Sennett (2015), aponta que sua celebração pode ser encontrada desde muito tempo, em um hino homérico de Hefesto¹¹, no qual o artífice seria o propiciador da paz e produtor de civilização

Canta, Musa da voz clara, as celebradas habilidades de Hefesto. Com Atena e seus olhos brilhantes, ele ensinou gloriosos ofícios aos homens de todo o mundo - homens que, antes, moravam em cavernas nas montanhas, como animais selvagens. Mas agora que aprenderam ofícios graças a Hefesto, famoso por sua arte, eles levam uma vida tranquila em suas casas o ano todo (EVELIN, 1941 *apud* SENNETT, 2015, p.31).

Sociedades qualificadas pelos antropólogos como tradicionais, como a Grécia, acreditavam que as habilidades e capacitações eram passadas de geração em geração. Desta forma, estabeleciam as regras que deveriam ser observadas pelas novas gerações no desenvolvimento de seus talentos. Nesse sentido, “as normas sociais tinham mais peso que os dons individuais na sociedade de capacitação tradicional, sendo ainda considerado um vínculo comunitário” (SENNETT, 2015, p.32). Na mesma acepção, para Martins (1973), o artesanato é uma manifestação da vida comunitária, embora seja uma produção pessoal e voluntária do sujeito.

Ainda na época de Hefesto, o artífice era celebrado, segundo Sennett, como “um homem público tendo seu valor menos reconhecido na era clássica” (2015, p.23). O autor faz essa afirmação quando Aristóteles, ao discorrer sobre a natureza do artesanato, aponta que os arquitetos são mais estimáveis e sabem mais que os artesãos porque conhecem a razão sobre a qual as coisas são feitas. Assim, o hino homenageava como “civilizadores” aqueles que “associavam a cabeça às mãos, numa relação íntima, sustentando um diálogo entre prática e ideias, criando um

¹¹ Hefesto – Personagem da mitologia grega. Filho de Zeus e Hera. Era considerado o deus da tecnologia, dos ferreiros, artesãos, escultores, metais, metalurgia, fogo e dos vulcões. Construiu o Tridente de Poseidon, o Garfo de Hades, as flechas de Apolo e também a armadura de Aquiles na Guerra de Tróia. Fonte: Portal Mitológico (2016).

ritmo entre solução e detecção de problemas” (SENNETT, 2015, p.32). Entretanto, segundo o autor, a expressão “fazer é pensar” se liga também à figura do artesão. Esse trabalhador tem consciência do que está fazendo e é capaz de responder para si como e porquê faz, solucionando e detectando os problemas que surgirem durante o todo o processo manual.

Ainda segundo Sennett, Platão “já havia encontrado na etimologia de ‘fazer’, a palavra *poiein*, o conceito de habilidade. Para Platão, a perícia artesanal seria o trabalho voltado para a busca da qualidade, levando o artífice a se aperfeiçoar e melhorar sua prática” (SENNETT, 2015, p.4). De fato, essa perícia artesanal é uma característica típica do trabalho manual, no qual o artesão faz com cuidado cada peça, sem se preocupar com o tempo; o que importa para ele é o trabalho bem-acabado.

Sennett (2015) aponta que as habilidades práticas, ainda na Grécia, já não tinham mais reconhecimento. O que poderia ter colaborado para isso seria o desenvolvimento da ciência clássica que “contrastava a destreza manual do homem com a força dos órgãos internos da mulher gestante; (...) partia do pressuposto de que o cérebro dos homens era mais ‘muscular’ que o das mulheres” (SENNETT, 2015, p.33). Tal fato contribuiu para a diferenciação das habilidades por critérios de gênero, levando à aplicação exclusiva da palavra artesão aos homens, termo ainda presente na sociedade atual que foi fruto da sociedade patriarcal da época.

A “moralidade cristã” também foi a principal influência na formação da figura do homem artífice da época, “a doutrina da Igreja geralmente considerava o tempo livre como uma tentação, o lazer, como um convite à indolência. Esse temor aplicava-se particularmente às mulheres. Eva encarnava a tentação, distraíndo o homem de seu trabalho” (SENNETT, 2015, p.71). Esta moralidade veio pelo pensamento dos patriarcas da Igreja e, segundo seus preceitos, as mulheres deveriam manter as mãos ocupadas através de um artesanato, sendo o bordado ou a tecelagem as principais atividades manuais (SENNETT, 2015, p.72).

Esses fatos apontam como a sociedade da época baseava-se em princípios patriarcais, colocando a atividade do artesanato aquém das atividades clássicas como a arquitetura e a engenharia. Ademais, aponta como menor o trabalho da mulher perante os ofícios e a própria sociedade.

Essas habilidades manuais, desde a Grécia, eram praticadas geralmente nas oficinas, dentro das casas, fato que se observa até os dias de hoje nas práticas de diversos artesãos. Na era medieval, essas oficinas denominavam-se “Guildas¹²”, e, conforme expõe Sennett (2015), baseavam-se em certas “medidas jurídicas”. Elas enfatizavam a transmissão, baseando-se na sustentabilidade do conhecimento, passado de geração em geração. Nasceram com o desenvolvimento das cidades e da atividade urbana, e seu poder econômico eram as habilidades manuais, consideradas, segundo o autor, seu “capital de conhecimento”. Fachone (2012) informa que as relações de produção dentro das Guildas seguiam uma hierarquia piramidal, em que no topo estaria o mestre artesão, dono das ferramentas e matéria-prima e dos produtos finais. Na base, estariam os aprendizes que recebiam, como pagamento por seu trabalho, moradia, alimentação e vestuário.

A expressão “habilidade manual”, segundo Sennett (2015), trata “da arte ou habilidade artesanal de fazer bem as coisas” (p.19). Esse valor, segundo ele, desaparece com a passagem da sociedade para a época industrial. Entretanto, o autor afirma que a habilidade artesanal é um impulso humano básico e permanente, e o desejo de um trabalho bem feito por si negará seu desaparecimento junto à industrialização com o advento da máquina.

No mesmo sentido, Sennett (2015) aponta que o filósofo e sociólogo Karl Marx(1973)¹³ apresenta, nos termos mais amplos possíveis, a habilidade manual como atividade criadora de formas. Além disso, enfatiza que o desenvolvimento completo do indivíduo tem lugar no âmbito da confecção de objetos físicos, ampliando as relações individuais e sociais intrínsecas ao processo (MARX,1973, *apud* SENNETT, 2015). De acordo com Keller (2014), apoiado no pensamento de Boudier (2004)¹⁴, o trabalho artesanal possui uma dupla dimensão, cultural e

¹² Guildas - Associações medievais de profissionais ou Corporações de ofícios (sapateiros, ferreiros, alfaiates, marceneiros, carpinteiros, artesãos, artistas) durante a Idade Média. Eram formadas hierarquicamente por mestres, oficiais e aprendizes.

¹³ MARX, Karl. *The Grundrisse*, trad. Martin Nicolaus (Nova York:Vintage, 1973), 301.

¹⁴ BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Intr.org. sel. e trad. Sergio Miceli. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

econômica. Dessa maneira, integra arte, técnica, materialidade e imaterialidade enquanto trabalho humano. (Boudier, 2004 *apud* KELLER, 2014, p.329)

Segundo os autores Sennett (2015) e Marx (1973), a atividade artesanal era a principal e mais importante atividade econômica realizada pelo homem e era capaz de transformá-lo pelo “fazer”. No entanto, o trabalho manual sofrerá uma queda severa com a chegada das máquinas na era industrial. A Revolução Industrial do século XVIII, na Inglaterra, irá apontar a passagem do homem do campo (e, conseqüentemente, do artesão que trabalhava em casa) para as grandes cidades, trazendo novas formas de produção e novas relações de trabalho entre mestre e aprendiz, ou seja, uma mudança na própria sociedade.

Ainda segundo Sennett (2015), a máquina vem introduzir também outro elemento na relação quantidade e qualidade, que se manifesta no desperdício. O autor aponta, também, pelo pensamento de Wriqth Mills, que a máquina é o instrumento de morte do artífice (2015, p.135).

Fachone (2012) afirma que o período da revolução é conhecido como modernidade e ele transformou não apenas os valores, mas rompeu com os costumes tradicionais. Nesse contexto, alterou-se a antiga relação individual que existia entre o artesão e sua ferramenta de trabalho. Agora o trabalhador passou a atuar frente às máquinas, seguindo uma divisão hierárquica dentro do sistema de produção. Isso fez com que se fragmentasse não apenas o trabalho, mas também o processo de produção. Assim, os comerciantes tinham em suas mãos todas as etapas da produção, controlando desde seu volume ao ritmo e tempo de execução (FACHONE, 2012, p.26). A autora aponta, ainda, que as novas tecnologias ligadas à produção fizeram com que surgissem novas ideologias que alteraram o conceito de trabalho. Se antes via-se o trabalho como tortura e maldição, agora ele foi elevado como fonte de realização e dignificação do indivíduo.

Nessa mesma época, o Brasil ainda era Colônia de Portugal. A Nação aderiu à Revolução Industrial apenas no fim do século XIX e início do Século XX, com os cafeicultores de São Paulo. No entanto, sofreu os mesmos impactos, tanto negativos quanto positivos, frutos dessa nova Era industrial. Pode-se afirmar, sobretudo nesse aspecto do artesanato, que houve considerável diminuição de produtos feitos e consumidos manualmente.

2.2.1. Artesanato no Brasil

No contexto brasileiro, a definição de artesanato, segundo Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (2012), passa por uma das mais ricas formas de expressão da cultura e do poder criativo de um povo, reafirmando sua autoestima e trazendo consigo questões econômicas e de inclusão social. Segundo Barbosa (2014, p.14,15), o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) mostra a prevalência feminina no artesanato. Seus dados indicam a existência de mais de 8,5 de artesãos. Dentre esse número, 87% são mulheres.

Ainda segundo o MDIC (2012), a classificação do produto artesanal está definida conforme “a origem, natureza de criação e de produção do artesanato e expressa os valores decorrentes dos modos de produção, das peculiaridades de quem produz e do que o produto potencialmente representa” (MDIC, 2012). Nessa classificação, estariam o artesanato indígena, artesanatos de reciclagem, artesanato tradicional, artesanato de referência cultural e o artesanato contemporâneo conceitual.

O artesanato brasileiro possui legislação própria por meio do PAB Programa do Artesanato Brasileiro (BRASIL, 2017) e está vinculado ao MDIC (2012) com a finalidade de

(...) coordenar e desenvolver atividades que visam valorizar o artesão brasileiro, elevando o seu nível cultural, profissional, social e econômico, bem como, desenvolver e promover o artesanato e a empresa artesanal, no entendimento de que artesanato é empreendedorismo (MDIC, 2012).

Aponta-se que “as principais mudanças do artesanato na sociedade contemporânea estão ligadas a processos de mercadorização do produto artesanal e de internacionalização da venda de artesanato” (KELLER, 2014, p.327), mas em contrapartida, a competição no mercado globalizado “afeta e provoca mudanças nas comunidades de artesãos” o que vem apontando uma precariedade na produção artesanal (KELLER, 2014, p.327). Essas mudanças, segundo Canclini (1989) vem da própria crise de identidade ocorrida na sociedade atual. A dificuldade de estabelecer a identidade e as características do artesanato se agravou nos últimos anos. Isso ocorre pois os produtos julgados artesanais se modificam e se relacionam com o mercado capitalista, com o turismo e a “indústria cultural”. Porém, o que fez com que o artesanato crescesse e subsistisse, mesmo com todo processo de industrialização, é o fato de que ele é capaz de “cumprir funções na reprodução

social e na divisão do trabalho, necessárias para a expansão do capitalismo, e assim, sendo analisado dentro da reprodução do capital econômico, o artesanato funciona como parte da lógica capitalista” (CANCLINI, 1989, p.90).

O autor aponta, ainda, que, por meio de políticas estatais para o artesanato, pode-se obter êxitos no desenvolvimento econômico, porque “o avanço capitalista nem sempre requer eliminar forças produtivas e culturais que não servem diretamente ao seu desenvolvimento se elas existem em um setor numeroso, satisfazem suas necessidades de forma equilibrada no sistema” (p.103). Portanto, trata-se de um produto - “pré-capitalista” e “híbrido”, já que é também fruto da manifestação cultural. O autor coloca, assim, um ponto da discussão dos estudiosos da cultura popular que vem permeando a história do artesanato desde a revolução industrial: como evitar que o capitalismo destrua o artesanato e as manifestações culturais? Desta forma, o desenvolvimento econômico e tecnológico pode ser feito, juntamente com o artesanato. Assim, é possível integrar todos os setores, uma vez que ele exerce papel tanto no campo, como de renovadores do consumo, atração turística e instrumento de coesão ideológica na política por meio de sua peculiar produção material e cultural (CANCLINI, 1989, p.103-105).

De acordo com a Portaria SCS/MDIC nº8, de 15 de março de 2012 (BRASIL, 2012), a técnica de produção artesanal consiste em um conjunto de habilidades que podem ser combinadas com ferramentas e máquinas para obter um determinado produto. No que diz respeito à técnica, é necessária a destreza manual para lidar com as matérias-primas e as ferramentas, conforme os saberes variados do artesanato.

Dentro da descrição das técnicas de produção artesanal para o cadastro no Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro (SICAB) o crochê é, especificamente, uma “técnica desenvolvida com o auxílio de agulha especial terminada em gancho e que produz um traçado semelhante ao de uma malha ou de uma renda (MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS, 2012, p.41). O crochê se enquadra na classe do “artesanato tradicional”, sendo um conjunto de artefatos da cultura de um grupo específico, representando suas tradições e a vida cotidiana. A produção é, geralmente, familiar ou comunitária, com a transmissão dos conhecimentos de geração em geração.

Podemos nos referir ao ofício como um saber pertencente à cultura popular, que segue padrões criados pelos próprios artesãos ou adaptados e redesenhados pelas diversas áreas como o design, arquitetura e na moda.

Keller alega que o artesanato é concebido como “um fenômeno heterogêneo, complexo e diversificado como forma de expressão cultural entre a tradição e a contemporaneidade” (KELLER, 2014, p.324). Por isso, está envolto em diversas dimensões sociais: “cultural, econômica e institucional”, sendo importante por “promover a inclusão social por meio da “geração de renda e de resgates de valores culturais e regionais” (KELLER, 2014, p.324), podendo ser considerado uma atividade milenar.

Arantes (2000), professor de Antropologia e consultor de Políticas Culturais, aponta que o artesanato é um dos principais atores do jogo de tradições perdidas, achadas e reinventadas que caracteriza a dinâmica cultural contemporânea. É um dos responsáveis pela produção de “sentidos de lugar”, por isso tão valorizado pela economia e Indústria Cultural, e vem crescendo significativamente enquanto atividade geradora de renda.

Neto (2001) também defende que o artesanato deve ser valorizado pelo fato de nele estarem contidos traços culturais da região de sua origem. Outro motivo de aprecio é sua função social, que empresta dignidade a quem o produz. Além disso, deve-se considerar o fato de ele ser uma fonte de sustento para quem o executa, trazer sentimento de autoestima e de orgulho de si mesmo, que se transforma em mola propulsora para a construção da cidadania (NETO, 2001, p.6).

O artesanato agrega, portanto, diversas questões para além de seu fator econômico. Contempla o olhar para quem produz, o artesão, e, com isso, ampliam-se os fatores de análise pelo viés antropológico e social pautados pela identidade, pertencimento e autoestima como referências do sujeito.

Esta pesquisa toma por base esse sentido amplificado em relação ao artesanato, uma vez que contempla suas dimensões antropológicas, econômicas, sociais e culturais pelo viés do patrimônio. Acredita-se, portanto, numa visão ampliada, para além do âmbito comercial. A meta é que se olhe para o artesão, para suas origens, e sua individualidade empregada em cada peça, sem perder suas referências. Ou

seja, que o saber-fazer do ofício, pela figura do artífice, seja considerado tanto quanto o produto final feito por ele.

2.3. O percurso do trabalho feminino no Brasil e o trabalho manual

Segundo Figueiredo (1997), a história da mulher no Brasil, desde o séc. XVII, já aponta que não lhes couberam mais que “papéis secundários, invisibilidade ou figurações literárias que reforçam os valores femininos da subordinação social, afetividade e fragilidade” (FIGUEIREDO, 1997, p.141,142). Dentre os ofícios, a mulher aparecia “ocupada na panificação, na tecelagem e alfaiataria, dividindo com os homens essas funções, cabendo-lhes alguma exclusividade quando eram costureiras, doceiras, fiandeiras e rendeiras ou ainda como cozinheiras, lavadeiras ou criadas, papéis que tradicionalmente lhes cabiam” (FIGUEIREDO,1997, p.141,142). Algumas vezes, irão aparecer também nas funções de parteiras, comerciantes (papel importante no abastecimento da zona mineradora) e na mineração, como carregadoras de gamelas com pedras para serem lavadas. Isso ilustra um ponto na divisão do trabalho. De acordo com o viajante John Mawe, citado por Figueiredo (1997), o homem fazia o trabalho mais pesado tirando o cascalho do fundo do poço, e as mulheres carregavam-no para ser lavado.

O trabalho feminino, ao longo do século XVIII e início do séc. XIX, irá mostrar que “a divisão dos papéis obedeceu muito mais às necessidades econômicas que qualquer outro preconceito sexual na distribuição de tarefas” (FIGUEIREDO,1997, p.179,180). Esse fato justifica a atuação direta feminina no comércio, e as mulheres eram também fornecedoras de produtos para abastecer tal segmento. Segundo o autor, essa foi uma ocorrência com maior relevância nas Minas Gerais.

Com a passagem para o século XIX, D’Incao (1997) aponta que a sociedade brasileira sofre várias transformações com a consolidação do capitalismo e a chegada da industrialização. Assim, surge uma nova mentalidade, a burguesa, que influencia as vivências familiares e domésticas, sobretudo, das atividades femininas. Segundo ela, nasce uma “nova mulher”, marcada pela valorização da intimidade e da maternidade, dedicada ao marido e aos filhos e sem obrigações com qualquer trabalho produtivo. A sociedade era, porém, ainda patriarcal, cenário que também se inicia com a urbanização do país e a vinda de pessoas do campo para as cidades (D’ICAO, 1997, p.223,224). Assim, o interior das casas, lugar de intimidade, passa a

ser também, entre as ricas famílias, espaço de apreciação pública por parte de um círculo restrito de familiares, parentes e amigos. “A possibilidade do ócio entre as mulheres de elite incentivou a absorção de novelas românticas e sentimentais consumidas entre um bordado e outro, receitas de doces e confidências entre as amigas” (D’ICAO, 1997, p.228,229). A figura a seguir ilustra o interior de uma casa da nova família burguesa do século XIX.

Figura 1: Cena de família de Adolfo Augusto Pinto, 1891.



Fonte: D'incao (1997).

Segundo Rago (1997), a industrialização brasileira teve início do Nordeste, entre as décadas de quarenta e sessenta do século XIX. Desde o início, já contava com um número grande de imigrantes europeus, atraídos pelo governo, que trabalhavam substituído a mão de obra escrava tanto nas lavouras de café quanto nas fábricas, após a abolição da escravidão e da promulgação da Lei do Ventre Livre.

Sobre o trabalho feminino, a autora aponta que, no Brasil, no início do séc. XX, grande parte do proletariado é constituído por mulheres e crianças. A mão de obra era abundante e barata nos setores de fiação e tecelagem, trabalho que passou a totalizar 72,74% da mão de obra na indústria têxtil em 1901. Nota-se, portanto, o quanto foi forte o papel da mulher para o desenvolvimento industrial da época. Mesmo assim, ela enfrentou barreiras para participar do mundo dos negócios, sendo

expulsa das fábricas, progressivamente, substituídas pela força de trabalho masculina.

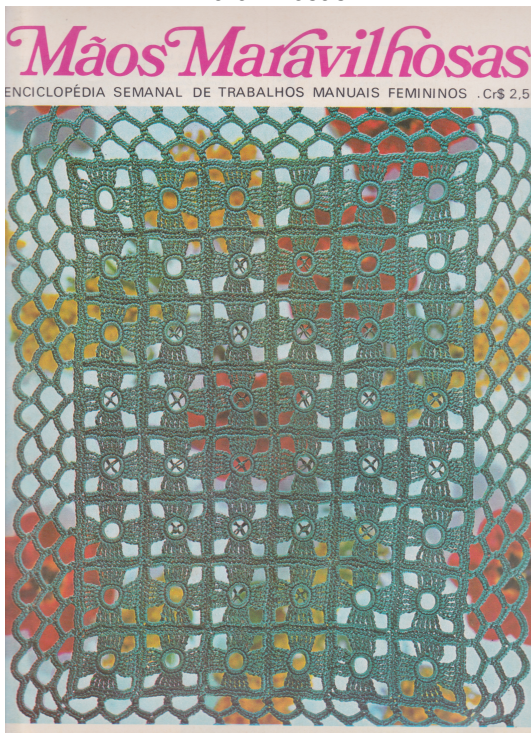
Desde então, somam-se várias situações de humilhação e exploração, sobretudo sexual, do trabalho feminino nas fábricas, no qual a mulher aparece como papel de “frágil e vulnerável” perante a sociedade. Isso ocorre sobretudo com a mulher negra, pois, mesmo depois da Abolição, sua condição no mercado de trabalho livre, no Brasil, quase não se alterou. Rago (1997) aponta que a expressão “frágil” e “vulnerável” é muito mais uma construção masculina a respeito das mulheres que as torna figuras vitimizadas, uma vez que há poucos documentos escritos pelas próprias mulheres trabalhadoras. A maioria desses documentos era produzida com intuito de organizar e conscientizar politicamente. Eles eram construídos por autoridades públicas como “médicos higienistas, responsáveis também pelos códigos normativos de conduta; por industriais, receosos das mobilizações operárias; e por militantes anarquistas, socialistas e, posteriormente, comunistas” (RAGO, 1997, p.579).

Assim, o trabalho fora de casa hostilizava a figura das mulheres. Progressivamente, preservava-se o espaço masculino na esfera pública e direcionava-se a mulher à vida privada. A sociedade moderna da época foi tomada por pensamentos apoiados por teóricos e economistas europeus, que acreditavam que o trabalho da mulher fora de casa destruiria a família e afrouxaria os laços familiares. Percebe-se, nessa breve descrição, que as distinções entre o papel masculino e o feminino no mercado de trabalho têm suas raízes na história. Esse processo foi acompanhado por um olhar preconceituoso e paternalista que, ainda hoje, repercute na sociedade atual, pensamento contrário ao que já vinha sendo discutidos por feministas por volta de 1900, apontando os benefícios do trabalho fora de casa.

Rago (1997) ressalta que “as prendas domésticas eram consideradas imprescindíveis no currículo de qualquer moça que desejasse se casar, e o casamento era tido como ‘o objetivo’ de vida de todas as jovens solteiras” (RAGO, 2007, p. 610). Assim, sob essa mesma ótica, cabe fazer uma referência ao trabalho manual neste período, como o crochê, bordado e tricô, praticados dentro dos lares pelas mulheres. Considerado como um “trabalho feminino, fazia parte da “preparação” da mulher “ideal” para o lar. Assim mostram as Figuras 2 e 3,

destacando que trabalho manual estava sempre voltado para a figura feminina, explicitado nas revistas da época.

Figura 2: Capa da revista Mãos Maravilhosas.



Fonte: Revista Mãos Maravilhosas - Enciclopédia Semanal de Trabalhos Manuais Femininos (1967).

Figura 3: Mulher tecendo.



Fonte: Revista Idéias Mil (1974).

A partir dos anos de 1960, essa nova configuração política e econômica no país acentua o ingresso de mulheres no mercado de trabalho da industrialização, relacionado ao desenvolvimento tecnológico que, segundo elas, já não combinava com trabalhos manuais. Até mesmo Escolas, que tinham formação em técnicas manuais, passam a retirar essas atividades de seus currículos. Porém, “apesar dos avanços tecnológicos, a mulheres continuaram fazendo artesanato, especialmente bordado, crochê e tricô em suas casas” (BRUN; EGGERT, 2011, p.25).

Bruschini (2006) aponta que, ao longo das décadas de 1970 e 1980, vai se desenvolvendo uma demanda para se saber dados oficiais sobre a atividade econômica feminina, de modo demonstrar sua real contribuição para a sociedade. Assim, segundo a autora, os censos latino-americanos que tomavam como referência a produção capitalista industrial não tomavam como importante a produção familiar ou doméstica. Ou seja, esse trabalho, mesmo que gerasse lucro, era considerado parte dos “afazeres domésticos”, tais como passar roupa, limpar a

casa e cuidar dos filhos, e não era visto como atividade econômica. Somente na PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua), levantamento anual implantado pelo IBGE em 1992, foi criada outro tipo de análise que incorpora também a categoria de trabalhador doméstico, ao lado dos empregados, autônomos ou conta própria, não-remunerados e empregadores. Nesse momento, passou-se a levar em conta também a quantidade de horas trabalhadas (BRUSCHINI, 2006, p.332-335).

Ainda segundo Bruschini (2006), a partir de então, outros tipos de relatórios passam a ser adotados, como o Relatório de Desenvolvimento Humano (HDR) que vem, desde 1992, analisando outros tipos de componentes de igualdade e fortalecimento para as mulheres. Ele valoriza, sobretudo, o trabalho feito em casa, o trabalho doméstico, que recebe a classificação de trabalho não remunerado e não tem o caráter de inatividade econômica.

Giulani (1997) salienta que, já na década de 1980, ocorre uma “revisão da imagem social da feminilidade” (GIULANI 1997, p.645-649) com a união de grupos de mulheres trabalhadoras, grupos feministas e organizações sindicais, a fim de se repensar a divisão sexual do trabalho. Esse movimento faz vir à tona histórias de discriminação e segregação sexual, tornando-se fontes de denúncia e de demandas de novos direitos. Entretanto, sabe-se que este tem sido ainda um cenário de muitos debates, análises e de busca de futuras conquistas, já que ainda vivemos, em pleno século XXI, sob atitudes repletas de machismo e discriminação frente à figura feminina.

As autoras Silva e Eggert (2011) afirmam que destacar as atividades exercidas pelas mulheres, referentes ao trabalho feito em casa, é admitir que elas têm uma história e participam, assim, de forma ativa na construção do todo social, o que as tira do “anonimato”. Nesse mesmo contexto, o uso do termo empoderamento¹⁵ vem crescendo, sobretudo com o fator da inclusão da mulher na sociedade. Seu uso deve-se sempre estar ligado a fatores de ordem não apenas individual, mas coletiva,

¹⁵ Segundo Magdalena León (2001), o termo surge por parte do Movimento Social de Mulheres na década de 1960 em nível internacional, por um grupo de mulheres que contestavam os modelos de desenvolvimento colocando a necessidades de se olhar para a mulher e dar visibilidade a seus interesses dentro da sociedade.

uma vez que se conecta em um contexto de processo político e social (LEÓN, 2001).

El empoderamiento incluye tanto el cambio individual como la acción colectiva. El empoderamiento como auto confianza y auto estima debe integrarse en un sentido de proceso con la comunidad, la cooperación y la solidaridad. Al tener en cuenta el proceso histórico que crea la carencia de poder, se hace evidente la necesidad de alterar las estructuras sociales vigentes; es decir, de reconocer el imperativo del cambio (LEÓN, 2001, p.97).

Ainda sob este aspecto, o empoderamento pode ser refletido também como fator de “independência”, ao discutir a respeito da autonomia que o trabalho manual pode dar às mulheres.

A idéia de independência ainda é algo assustadora para a maioria das mulheres. Assumir que deseja algo e dizer que “eu sou eu mesma!”, é uma conquista que se confronta internamente em muitas situações no mundo das meninas, adolescentes e mulheres adultas e idosas (SILVA; EGGERT, 2011, p.44).

O empoderamento ocorre, ainda, por meio do reconhecimento o qual, segundo Paulo Freire (2008), implica em “re-conhecer” – apropriar-se de um saber, tomar para si, conhecer a si e reconhecer-se (BARBOSA, 2014, p.104).

Ao longo da história do trabalho da mulher no Brasil, é possível apontar que o trabalho manual ligado ao feitiço de comidas, tecelagem, pães e cuidados com o lar esteve sempre associado à figura feminina. Além disso, percebe-se que a distribuição de trabalho por gênero não esteve somente ligada à força de trabalho braçal, mas a interesses econômicos, políticos e a regras sociais, inserindo a mulher em um lugar de submissão e fragilidade. Porém, novas políticas, em novo contexto, vêm fazendo parte da construção do processo político e social, voltando o olhar para o feminino frente ao mercado de trabalho.

2.4. Referências à origem do crochê

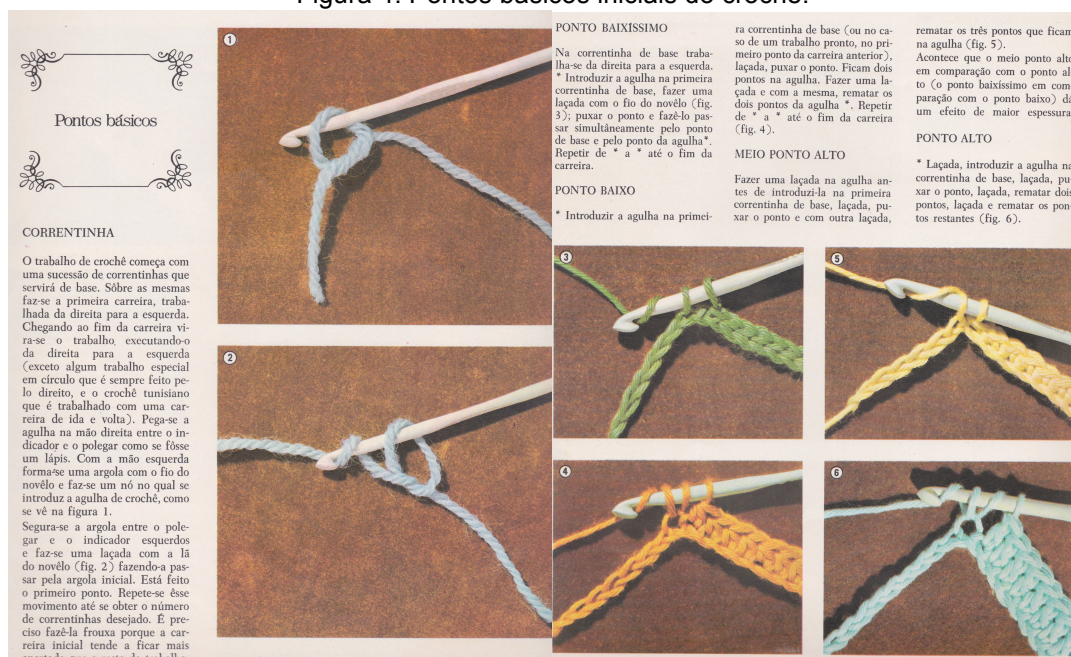
Desde a Pré-História, o trabalho manual já fazia parte do trabalho prático do homem em seu dia a dia. Ele incluí a manipulação da linha, inicialmente com os dedos, e depois evoluindo para ganchos feitos de metal, madeira, de chifres de animais, etc.

Sobre o crochê, o que se encontra são fontes informais, sem uma pesquisa acadêmico-científica sobre sua origem, fato que torna um tanto complexo aprofundar

sobre o conteúdo histórico do ofício. Com grande frequência e facilidade, são identificadas revistas, *blogs*, *sites* de crocheteiras, de lojas de aviamentos, assim como vídeos tutoriais ensinando o ofício. Porém, em relação à sua história, a maioria das fontes inclina-se para uma mesma referência, a autora Ruthie Marks (1997) que escreveu um artigo sobre a História do Crochê. A autora se baseou em duas das principais fontes sobre o tema: a primeira, "Um mistério vivo – A arte internacional do crochê e sua história" de Annie Louise Potter, 1990; e a segunda, "História do Crochê e Técnica", de Lis Paludan, 1995. Em seu artigo, Marks (1997) informa que a palavra crochê vem do *croc* ou *croche*, na França, que significa *gancho*. E no antigo dialeto nórdico, gancho é *krokr*. A agulha de crochê tem, em sua ponta, um gancho que facilita que a linha seja puxada e permite o feitura do ponto.

Seguem algumas imagens de Revistas de pontos, modelos e gráficos sobre a técnica do crochê.

Figura 4: Pontos básicos iniciais do crochê.



Fonte: Revista Mãos de Ouro - Enciclopédia Semanal de Trabalhos Manuais Femininos (1967).

Figura 5: Capa da Revista Mãos de Ouro.



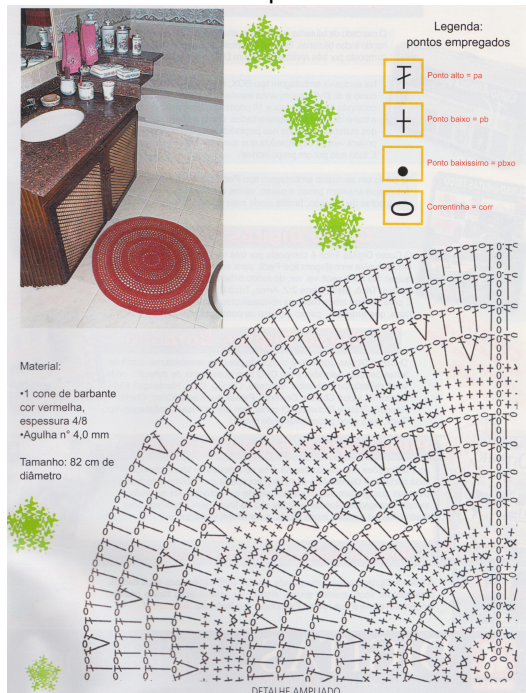
Fonte: Revista Mãos de Ouro - Enciclopédia Semanal de Trabalhos Manuais Femininos (1967).

Figura 6: Revista Álbum de Crochê.



Fonte: Revista Álbum de Crochê [196-?].

Figura 7: Gráfico com desenho da legenda dos pontos a serem seguidos para se fazer um tapete.



Fonte: Revista Curso Crochê Barbante [196-?].

Figura 8: Revista com modelos de “bicos” de crochê.



Fonte: Häkeln- lernen Schritt für Schritt (1984).

Marks (1997) aponta que a escritora e pesquisadora dinamarquesa, Lis Paludan, levanta três teorias sobre a origem do crochê. A primeira de que a técnica teria sua origem na Arábia, espalhando-se para o leste do Tibete e para o oeste na Espanha, de onde seguiu as rotas comerciais árabes para outros países do Mediterrâneo. A segunda, de que os primeiros indícios de crochê vieram da América do Sul, por uma tribo primitiva que utilizava adornos de crochê em ritos de puberdade. A terceira remete a bonecas de crochê originárias da China.

Entretanto, Marks (1997) esclarece que Paludan não indica e não considera que existam elementos que evidenciem uma exata origem para o crochê. Ainda segundo a autora, há indícios de que o crochê chegou à Europa por volta de 1700. Porém, foi a partir de 1800, na França, com Riego de La Blanchardière, que ele ficou mais conhecido. Riego criou diversos gráficos e desenhos que mostram os pontos de crochê a serem seguidos, facilitando a cópia das peças tecidas. Com isso, publicou um livro, fazendo multiplicar o acesso à técnica. La Blanchardière, depois de ter ensinado a técnica do crochê à corte da Rainha Vitória, publicou a primeira revista sobre o assunto: *The Needle*¹⁶.

O *blog* Fine Croche (2016) aponta que os primeiros trabalhos conhecidos como crochê remontam ao fim da Idade Média, quando religiosas ensinavam a técnica às jovens de famílias nobres. A prática manual do crochê cresceu e tornou-se o passatempo predileto das damas da corte da Itália, da Espanha e da França. Seu auge teria acontecido na Irlanda do Século XIX, e foi considerado uma verdadeira “indústria artesanal”.

O mesmo *blog* afirma que há indícios de que, após a Grande Fome de 1846¹⁷, uma Madre Superiora de um convento teria pedido às irmãs que ensinassem a técnica às mulheres do povo para que pudessem trabalhar em casa. Alguns dados encontrados apontam que a primeira receita de crochê apareceu publicada na revista holandesa "Penélope", em 1824. No século XIX, na França, Reino Unido e América, o crochê começou a ser usado como um substituto mais barato para as outras formas de rendas, por ser considerado mais rápido de ser feito e mais fácil de ser ensinado.

¹⁶ The Needle – A agulha.

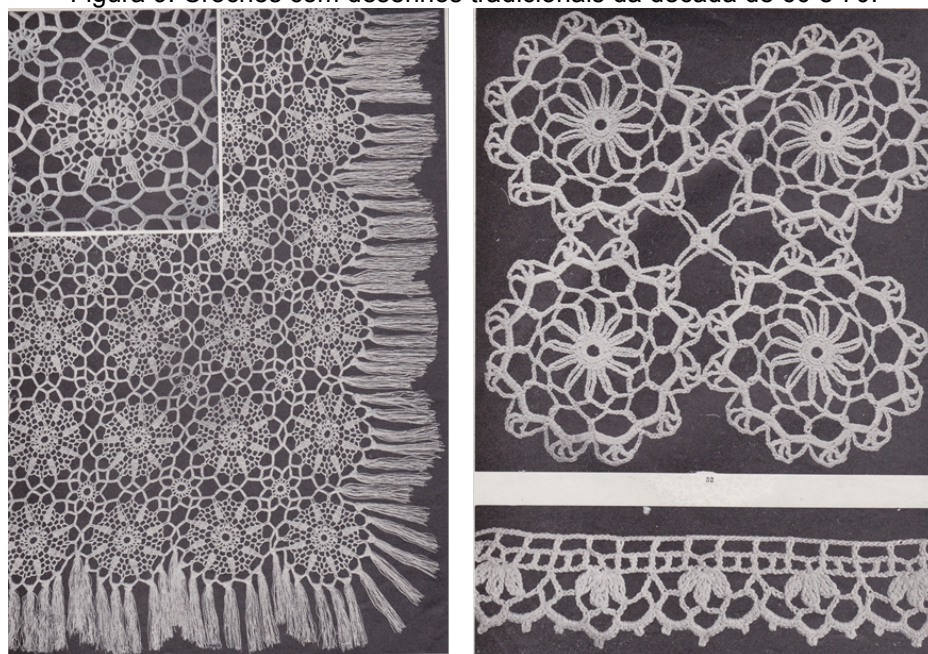
¹⁷ Período de fome que assolou a ilha da Irlanda na segunda metade da década de 1840 devido ao ataque de fungo nas culturas da batata e provocou um dos maiores surtos de fome da Europa moderna.

Marks (1997) afirma que, por todo o mundo, o crochê tornou-se uma indústria caseira em expansão, particularmente na Irlanda e Norte na França, sustentando comunidades cujo meio de vida tradicional foi devastado pelas guerras e mudanças de hábito nas fazendas. Mulheres e, às vezes, crianças, ficavam em casa e criavam peças do vestuário e da casa para ganharem dinheiro. Os trabalhos eram comprados principalmente pela classe média emergente.

Esses tempos, segundo a autora, fizeram o crochê ser estigmatizado como uma prática das classes baixas e, por isso, ser desdenhado perante outras rendas mais sofisticadas e caras, sendo visto como uma cópia barata. Essa impressão é desfeita quando a Rainha Vitória aprende a crocheter, dando status de nobreza à técnica naquela época.

O *blog* Fazer crochê (2016) apresenta que a moda no crochê mudou com o fim da era Vitoriana. Depois da Primeira Guerra Mundial, poucas receitas foram publicadas e a maioria delas era uma versão simplificada daquelas oriundas do começo do século XX. Do começo dos anos de 1940 até o início dos anos de 1960, houve uma ressurgência do artesanato, particularmente nos Estados Unidos, fazendo com que a prática do crochê permanecesse como arte da “dona de casa” até o fim dos anos de 1960 e começo dos anos de 1970, popularizando-se nos “quadrados da vovó¹⁸”.

Figura 9: Crochês com desenhos tradicionais da década de 60 e 70.



Fonte: Revista Album de crochê - Casa Midões [196-?].

¹⁸ Desenho geométrico típico do crochê dos anos 60 e 70.

Figura 10: Desenho conhecido por quadrados da vovó. Tradicional nos anos 70.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Campanha-MG, 2016.

Figura 11: detalhes de colchas de crochê em pontos variados



Figura 12: detalhes de colchas de crochê em pontos variados

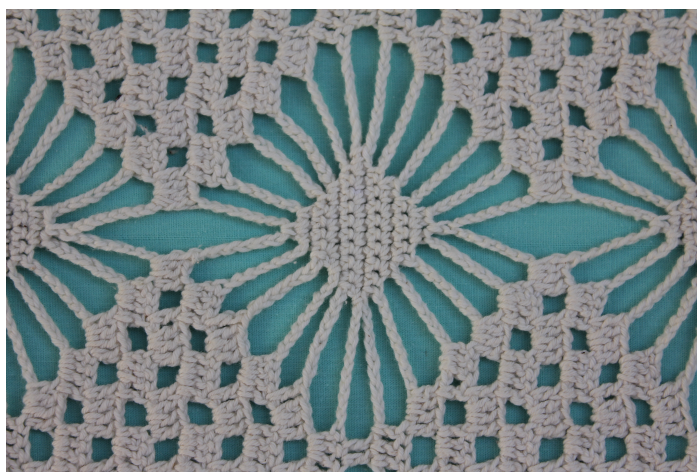


Figura 13 - detalhes de colchas de crochê em pontos variados

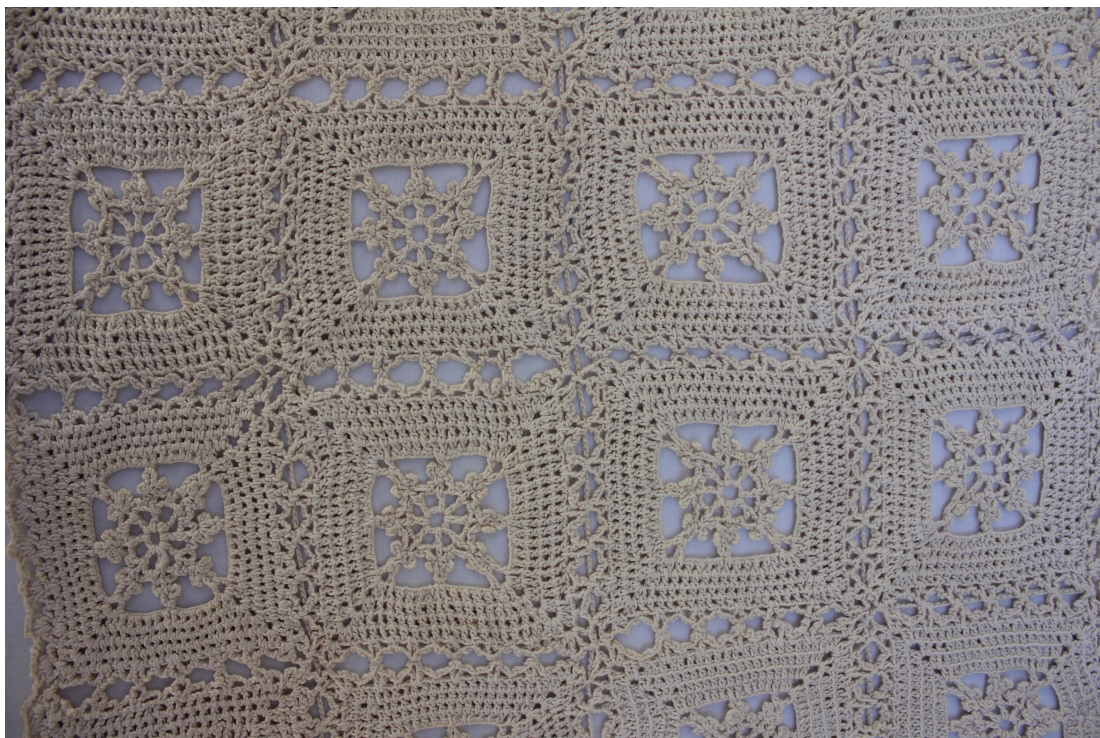


Figura 14 - detalhes de colchas de crochê em pontos variados

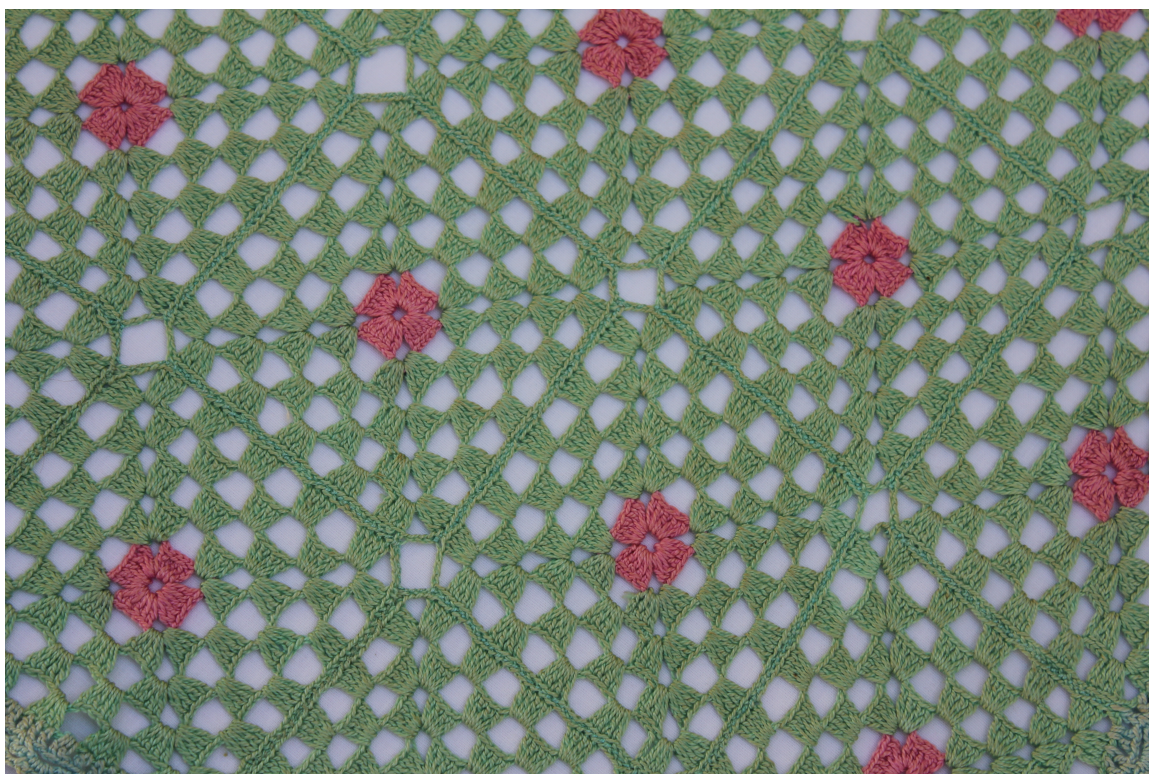


Figura 15 - detalhes de colchas de crochê em pontos variados



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Campanha-MG, 2016.

No Brasil, a origem do crochê ocorreu no Nordeste. Atualmente, a cidade de Inconfidentes¹⁹, no Sul de Minas Gerais, é considerada como “Capital Nacional do Crochê”, promovendo o evento “Crochê Malhas”. A cidade teve sua origem econômica voltada para a mineração, mas, atualmente, volta-se para o turismo de compras, indústria têxtil, agricultura e agropecuária, desenvolvendo também atividades industriais de extração de minérios e areia.

2.5. A ampliação do uso do crochê

Maia (2014), doutor em artes, em uma entrevista para a Revista da Cultura em 2014, também aponta que o crochê está rompendo as barreiras dentro das Artes.

O crochê, enquanto trabalho manual, é visto como manifestação do regionalismo cultural. Na sociedade denominada pós-moderna, há a valorização do multiculturalismo, as práticas regionais ganharam evidência do regional para o universal. O crochê é uma prática forte desse multiculturalismo. Antes era visto apenas com a função de ser utilitário ou decorativo. Agora, rompeu-se a barreira preconceituosa entre arte e ofício, e

¹⁹ Localizada no sul de Minas Gerais a pequena Inconfidentes possui pouco mais de 7,2 mil habitantes. O município é privilegiado por suas belezas naturais, clima ameno e economia em crescente desenvolvimento. Fonte: Turismo Sul de Minas (2017).

o crochê, também passou ao status de artes, semelhante ao desenho, à pintura ou à escultura (MAIA, 2014, p.61,62).

Carolina Ponte, uma artista plástica de Salvador, é apontada pela Galeria Zipper de São Paulo como representante de uma nova geração de artistas do século XXI que tem como referência o crochê em seus trabalhos e que foca, sobretudo, em algo que até então havia se perdido na atualidade: tempo para se fazer crochê. Sobre as obras de Carolina, a Galeria Zipper (2017) aponta que “as esculturas nascem dos nós das agulhas de crochê, misturando formas planas a tubos tridimensionais coloridos que pendem do teto”. Segundo a artista, em entrevista para a Revista da Cultura (2014):

Me interessa a idéia de deslocar as técnicas artesanais do seu lugar e apresentar de outra maneira para o público com outras possibilidades de pesquisa. Adoro trazer para minha obra uma técnica artesanal que geralmente é usada para ornamentar casas, fazer roupas e que por isso, é muitas vezes é desvalorizada (PONTE, 2014, p. 63).

Figura 16: Escultura em crochê, 170 x 80cm, Carolina Pontes, sem título, 2013.



Fonte: Galleria Zipper (2017).

Figura 17: Escultura em crochê, 200 x 125cm, Carolina Pontes, Sem título, 2013.



Fonte: Galleria Zipper (2017).

Na esfera da moda, na qual o crochê vem ganhando espaço, é citada, nesta pesquisa, a grife mineira Emerenciana, que vem desenvolvendo peças em crochê

com artesãs do Sul de Minas, buscando agregar valores ao modo de produção artesanal advindo do ofício das artesãs e, com isso, valorizar artífice e produto.

Outra referência de extrema importância no mesmo setor é o estilista mineiro Ronaldo Fraga, que traz o crochê para seu trabalho e faz referência à arte. Abaixo, duas fotos representam seu trabalho no ano de 2014/15 no famoso desfile de moda São Paulo Fashion Week, com o tema que o inspirou: o artista brasileiro, Cândido Portinari.

Figura 18: Fotos do Desfile de peças em crochê. Artista: Ronaldo Fraga. São Paulo Fashion Week. Verão 2014/15.



Fonte: UOL (2017).

O crochê tem sua origem incerta, mas pode-se afirmar que é um saber tradicional que acompanha a história de diversas sociedades. Ele é desenvolvido por meio de mulheres como um ofício gerador de renda e de subsistência familiar, sobretudo para as mulheres desta pesquisa. O crochê é um ofício pertencente à Cultura Popular que segue padrões criados pelos próprios artesãos ou redesenhados por eles, conquistando atuação nas mais diversas áreas como o *design*, arte e moda, ampliando assim seu uso e, sobretudo, quebrando os preconceitos envolvidos sobre o lugar do artesanato na sociedade.

2.6. Artesanato e design

A Revolução Industrial impulsionou o comércio com as novas tecnologias e a

elaboração de produtos em larga escala. Com isso, colocou o produto artesanal em um lugar secundário, tanto na cadeia de produção quanto frente ao mercado consumidor. No mesmo período da Revolução, surge o movimento estético Arts and Crafts (Artes e Ofícios) iniciado na metade do século XIX, na Inglaterra, pelos ingleses William Morris e John Ruskin. Esse movimento defende o trabalho artesanal e o uso de materiais naturais e como crítica aos processos industriais. Segundo Tagliari; Gallo (2007),

Após a Revolução Industrial houve uma desvalorização do trabalho do artesão e o objetivo do Arts and Crafts era de restabelecer este valor, a harmonia entre o trabalho do arquiteto, designer e artesão, e de realizar objetos de arte de uso cotidiano para todos. (TAGLIARI; GALLO, 2007, p.634).

O intuito era apontar o valor e a qualidade do trabalho artesanal, assim como da união entre os artistas e artesãos, como alternativa à produção industrial e à produção em série. O movimento não teve muito sucesso por não conciliar o trabalho artesanal à produção artesanal, mas influenciou fortemente artistas, arquitetos e designers da Escola Bauhaus²⁰ do século XX. Dessa forma, trouxe reflexos até os dias atuais, no que diz respeito à influência do artesanato nas diversas áreas do conhecimento, como arquitetura e design.

O artesanato vem estabelecendo parcerias com diversos profissionais e foi capaz de ampliar sua presença nos setores da moda, arquitetura, arte e design. Segundo Monteiro (2009, p.59-61), o trabalho do *design* junto às comunidades locais, sob um olhar antropológico, pode trazer aspectos sobre a identidade do grupo, da região e da memória, fomentando a economia.

Na mesma direção, Keller (2014) aponta a relação entre artesãos e designers como importante configuração do trabalho artesanal, surgida em um contexto de políticas de apoio ao artesanato com o foco no objeto artesanal e em adequá-lo ao mercado. Ainda segundo o autor, essa parceria pode orientar os artesãos por valores estéticos

²⁰ Ancorada nas ideias da Escola de Arts and Crafts (Artes e Ofícios) ,de Henry van de Velde, aberta em 1906 em Weimar , inspirada no movimento de mesmo nome surgido na Inglaterra no apogeu do Período Vitoriano, do Deutscher Werkbund , (grupo de artistas arquitetos e artesão cujo objetivo era aperfeiçoar o design dos produtos industrializados), bem como em outras correntes reformadoras, a Bauhaus atinge uma notoriedade que ultrapassa as fronteiras da Alemanha. Fonte: <http://www.bauhaus.com.br/site/html/escola-bauhaus.php>. Acesso em 2/07/2017.

e padrões de qualidade demandados pelo mercado. Porém, ele ressalta que, para que essa parceria seja positiva e próxima, o artesão não deve ser apenas um executor empregando sua habilidade manual no projeto feito pelo designer; “é preciso uma reconciliação entre o pensar e o fazer, com a cabeça e as mãos, propondo artefatos que comuniquem com o coração e a alma de quem os projetou, produziu e comprou” (PRUDENCIO, 2012, p.61,62). A autora aponta que Lina Bo Bardi, Janete Costas e Heloísa Crocco são nomes de designers importantes que fizeram essa interação com o artesanato.

Humberto Campana vem desenvolvendo trabalhos renomados de design, dentro e fora do Brasil, junto ao irmão Fernando Campana. Também desenvolvem trabalhos juntamente com comunidades (CAMPANA, 2017). Em uma entrevista para a Revista Bamboo, ao trabalhar com artesãos, salienta que:

No nosso trabalho, buscamos as tradições que estão desaparecendo. Por exemplo, entramos em contato com uma comunidade de artesãos do Rio São Francisco e percebemos que eles não conseguiam escoar a produção. O artesanato é muito repetitivo. Nós que temos uma vivência urbana, uma visão mais ampla, os estimulamos a usar aquela mesma técnica em outras formas. O design é uma ferramenta para melhorar a vida das pessoas. Queríamos resgatar a manualidade, o processo. O fazer manual é terapêutico, se volta contra a velocidade do mundo atual. Precisamos do tempo humano, ou seremos um bando de loucos em breve. (CAMPANA, 2017)

Figura 19: Banco tecido em crochê, enfocando o artesanato contemporâneo, trazendo conceitos de design como cores, tecnologia, moda vintage e sustentabilidade.



Fonte: Tecto (2017).

Figura 20: Luminárias em plástico revestidas com crochê.



Fonte: COOPA, 2017.

Um fator de grande importância, na produção manual, é a diferença existente entre o tempo de execução de um objeto em relação ao tempo da produção industrial. O produto artesanal é feito de modo individualizado, em contato direto com seu artesão, possuindo particularidade estética e características para além do uso e do mercado. Carrega valores sociais e culturais, traz consigo a tradição, a história e a memória de quem o produz, o artesão. Martins (1973, p.14) afirma que “cada peça feita à mão é única, não se confunde com nenhuma outra, nem da mesma espécie, ainda que tenha sido elaborada no mesmo dia e pela mesma pessoa”. Sendo assim, a parceria entre os profissionais de outras áreas pode trazer aspectos positivos ao artesanato, fazendo com que suas características de valores sejam mantidas e destacadas nos objetos produzidos pelos artesãos frente ao mercado e ao público consumidor.

3. METODOLOGIA

Estão abordados, neste capítulo, os caminhos da metodologia utilizada. Para se obter os dados necessários para o resultado, foram feitos levantamentos históricos e conceituais acerca da temática do universo feminino e do trabalho manual. Também se analisou o artesanato e sua importância como gerador de renda e de fortalecimento da identidade, bem como a necessidade de valorização do produto e do artífice. Foi levantando, ainda, como o crochê vem atuando em diversas áreas e ganhando novos espaços no mercado, na moda, nas artes e no design. O resultado desta pesquisa deu-se ao associar levantamento histórico, conceitual à pesquisa de campo, juntamente com as falas das crocheteiras, ao detectar pontos específicos do universo dessas artesãs. Assim, os dados obtidos foram expostos em dois tipos de análise. Primeiramente, foram levantados os dados coletados, no trabalho de campo, por meio de entrevistas semiestruturadas com um grupo de crocheteiras das cidades de Campanha-MG e de Três Corações-MG, trazendo questões relativas ao ofício do crochê como: o feminino, o encontro, a tradição e o artesanato. Na segunda análise, foi apresentada, em uma pesquisa-ação, a parceria estabelecida entre a pesquisadora e algumas das mulheres do grupo de crocheteiras entrevistadas, as quais tecem crochê para a grife mineira Emerenciana.

3.1. Problemática

A problemática da pesquisa se dá em torno de como o saber-fazer valoriza um grupo de mulheres artesãs do Sul de Minas Gerais pelo viés do Patrimônio. As principais referências metodológicas que embasaram a presente pesquisa encontram-se nas obras: “Manual de investigação em ciências sociais”, de Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt (2005), e “Metodologia da pesquisa-ação” de Michel Thiollent (2011).

A primeira referência, “Manual de investigação em ciências sociais”, foi a base para a primeira etapa de análises, as entrevistas semiestruturadas com o grupo de crocheteiras que trouxeram questões dos valores implícitos sobre o ofício do crochê. Essa metodologia diz respeito às técnicas e métodos utilizados para uma investigação mais aprofundada em uma pesquisa social, na qual se pretende “compreender melhor os significados de um acontecimento ou de uma conduta, (...) compreender com mais nitidez como determinadas pessoas apreendem um

problema e a tornar visíveis alguns dos fundamentos das suas representações” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005 p.19).

Para os autores, uma investigação social não é uma “sucessão de métodos e técnicas estereotipadas que bastariam aplicar tal e qual se apresentam” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005, p.18). Expõem ainda que, na investigação em ciências sociais, devemos respeitar os processos de acordo com cada tipo de “investigação específica” e sugerem seguirmos o procedimento análogo ao de um pesquisador de petróleo: “Não é perfurando ao acaso que este encontrará o que procura. Pelo contrário, o sucesso de um programa de pesquisa petrolífera depende do procedimento seguido. Primeiro o estudo dos terrenos, depois a perfuração” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005, p.15).

A metodologia seguida baseia-se em uma pesquisa social e é pertinente pela escolha do tema. Ao investigar os valores do ofício do crochê, fará uso dos mais diversos instrumentos de análise, seja na vertente social, econômica e mesmo antropológica. Sendo assim, segundo os autores, não há uma aplicação direta de métodos, nem mesmo de técnicas no desenvolver do processo. É uma pesquisa baseada em um contato direto com um grupo, passando pela observação e pela construção de ideias e conceitos, sem um processo técnico delimitado para sua execução. O processo é orgânico, acompanha e respeita a fala, o tempo, as expressões e impressões do grupo analisado.

No mesmo sentido, os autores explicitam o processo científico resumido por Gaston Bachelard em algumas palavras: “o fato científico é conquistado, construído e verificado”. Esses três atos são a ruptura, a construção e a verificação (ou experimentação). Ainda segundo os autores, a *ruptura*, seria “romper com os preconceitos e as falsas evidências, que somente nos dão a ilusão de compreendermos as coisas”; a *construção* em que “a ruptura só poderia ser efetuada a partir de um sistema conceitual organizado (...) o investigador poderá erguer as proposições explicativas do fenômeno a estudar e prever qual o plano de pesquisa a definir”, e a *verificação* em que “uma proposição só tem direito ao estatuto científico na medida em que pode ser verificada pelos fatos” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005, p.24-26).

3.2. Pergunta de partida

Quivy e Campenhoudt (2005) sugerem que se faça uma pergunta de partida, para que seja um “ponto de partida”, um “fio condutor” para a pesquisa, que pode, no entanto, ser provisório e evoluir no decorrer do processo. A pergunta de partida formulada a partir da problemática apresentada no item acima, no início desta investigação, foi “*De que maneira o saber-fazer poderá valorizar um grupo de mulheres tecelãs do Sul de Minas?*”.

Dessa forma, os autores propõem que, por meio da pergunta de partida, o investigador tente exprimir o mais exatamente possível o que procura saber, elucidar, compreender melhor. Ela deve ser um meio de romper com os preconceitos e noções prévias do processo científico. Além disso, ela deve fornecer os elementos possíveis para que possamos respondê-la (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005, p.32).

Assim, embora tendo um contato prévio com o grupo de crocheteiras, coube à pesquisadora encontrar o que não estava explícito nas relações dessas mulheres com o ofício.

3.3. Modelo de análise

Após a pergunta de partida e as fases citadas anteriormente (ruptura, construção e verificação), os autores sugerem que se faça um modelo de análise que possa “ser traduzido em uma linguagem e em formas que as possibilitem conduzir o trabalho sistêmico de recolha e análise de dados de observação ou experimentação que deve seguir-se” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005, p.109).

Os autores recomendam iniciar o modelo de análise pela construção de um *conceito* (o saber-fazer) em uma simples definição, mesmo que abstrata, que visa dar conta do real. O conceito determinará as *dimensões* que o constituem (o Patrimônio Imaterial e o grupo de mulheres) e seus respectivos *componentes* (artesanato, tradição, feminino e encontro). Em seguida, deve-se precisar os *indicadores*, aos quais as dimensões poderão ser medidas. Estes indicadores terão o objetivo de conduzir-nos ao real e confrontar-nos com ele e são manifestações objetivamente observáveis e mensuráveis das dimensões do conceito (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005, p.122).

No entanto, existem conceitos para os quais os indicadores são menos evidentes. Existem conceitos simples (por exemplo, a velhice) que têm apenas uma dimensão (cronológica) e um indicador (idade). Outros são muito complexos, obrigando o pesquisador a decompor algumas dimensões em componentes antes de chegar aos indicadores (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005, p.122). No caso desta pesquisa, o conceito do saber-fazer foi decomposto em duas dimensões, o Patrimônio Imaterial e o grupo de mulheres. Assim, o saber-fazer associa-se ao grupo de mulheres na forma do ofício e ao Patrimônio Imaterial por se referir de forma amplificada aos valores intrínsecos a ele, como a identidade do grupo, o encontro feminino, a troca de saberes e a tradição.

Segundo os autores, há duas maneiras para a construção do conceito: uma intuitiva, produzindo “conceitos operatórios isolados”, e outra dedutiva, criando “conceitos sistêmicos”, atribuídos à esta pesquisa, “em que as relações como o conceito de ideologia, valores ou consciência coletiva, não estão definidas. Sua construção assenta na lógica das relações entre os elementos de um sistema” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005, p.122).

O conceito sistêmico não é induzido pela experiência, como no caso do “conceito operatório isolado”, é “construído por raciocínio abstrato: dedução, analogia, oposição, implicação, a que chamamos paradigma” (QUIVY; CAMPENHOUDT, 2005, p.123-125). Assim, o conceito do saber-fazer é um conceito abstrato, ao referir-se à imaterialidade do Patrimônio, construído de forma orgânica, por meio das entrevistas, da observação do grupo, de suas exposições e impressões. Sua construção não segue um raciocínio extremamente lógico e seu campo pode ser vasto e subjetivo.

A partir do modelo proposto pelos autores, com base na pergunta de partida, exposta acima, foi construído o seguinte modelo de análise, colaborando na condução da pesquisa.

Quadro 1: Fases do modelo de análise.

| Conceito | | Dimensões | | Componentes | | Indicadores |
|-------------|---|----------------------|--------|-------------|--------|--|
| Saber-fazer | ↗ | Patrimônio Imaterial | ↗ ↘ | Artesanato | ↗ ↘ | Geração de renda/autonomia financeira da mulher Fortalecimento da identidade do grupo/ Pertencimento/ valorização Necessidade de uma feira para escoar a produção |
| | | | | Tradição | → | Produto manual Transmissão do saber de geração em geração/ Manutenção do ofício |
| | ↘ | Grupo de mulheres | ↗ ↘ | Feminino | ↗ ↘ | A figura feminina ligada aos trabalhos manuais Saber passado pelas mulheres da família ou conhecidas |
| | | | | Encontro | ↗ ↘ | Troca de saberes Conversas específicas do grupo Ampliam seus conhecimentos/ melhoramento da prática Encontro virtual via redes sociais |

Fonte: Arquivo pessoal da autora.

O Quadro 1 apresenta as fases de construção do modelo de análise em sua fase final, explicitando, sobretudo, os indicadores analisados nas entrevistas e no trabalho de campo que serão devidamente aprofundados e explicitados no próximo capítulo.

3.4. Primeira Parte da análise: Entrevistas semiestruturadas

A técnica de entrevista semiestruturada foi adotada com vistas a se obter elementos e dados correspondentes aos indicadores, definidos no modelo de análise exposto acima (Ver anexo). Foram entrevistadas dezessete mulheres com idades entre 17 e 84 anos de idade, que exercem o ofício do crochê nas cidades de Campanha-MG e Três Corações-MG. O trabalho se desenvolveu durante aproximadamente 20 dias, por meio de visitas às casas das entrevistadas. Para o registro, foi feito uso de gravadores e filmadora, a fim de registrar as falas e as imagens durante as entrevistas, as quais foram transcritas para a exposição no texto científico.

3.5. Segunda parte da análise: A pesquisa-ação

Segundo Thiollent (2011), a pesquisa-ação apresenta um tipo de pesquisa social de forma empírica, baseada em uma estreita parceria por parte dos pesquisadores e participantes. A pesquisa-ação se faz presente na pesquisa por dois aspectos. O primeiro se deve ao fato de a pesquisadora ser também uma crocheteira e, por isso, conhecer de dentro todo o processo envolvido no saber-fazer do crochê. O segundo, pela parceria que a pesquisadora estabelece com parte do grupo de mulheres entrevistadas, com as quais desenvolve, há 7 anos, peças de vestuário em crochê produzidas para a grife de roupas, a Emerenciana, por meio da qual são comercializadas.

Conforme exposto no início deste capítulo, durante o processo da pesquisa, mesclaram-se teoria e trabalho de campo, para a obtenção dos resultados. As análises foram divididas em duas etapas para que ficasse mais claro o conteúdo de cada uma delas.

4. TECER E EMPODERAR: AS ENTRELINHAS DO SABER-FAZER DO CROCHÊ NO GRUPO DE MULHERES ARTESÃS.

Este terceiro capítulo apresenta os dados coletados no trabalho de campo, por meio de entrevistas semiestruturadas, com o grupo de mulheres do Sul de Minas. Ele expõe a relação do grupo com o ofício do crochê e a pesquisa-ação estabelecida entre a pesquisadora e as mulheres, as quais tecem crochê para a grife mineira Emerenciana desde 2010. Essa estreita parceria acontece por meio do ofício do crochê pela produção e pelas vendas das peças, havendo também o encontro e trocas de saberes, que possibilita melhorar as práticas, estabelecer a coesão do grupo e promover a manutenção da tradição. Ademais, o trabalho possibilitou e vem possibilitando ao grupo aumentar seu ganho econômico com as vendas do crochê, fazendo, ainda, com que o produto ganhe no mercado uma maior destaque tanto econômico quanto pela valorização de quem os fabrica, as artesãs.

4.1. As Entrevistas

Para esta primeira análise da pesquisa, foi utilizada a técnica de entrevista semiestruturada, com vistas a se obter elementos e dados correspondentes aos indicadores do modelo de análise. Foram escolhidas 17 mulheres, com as quais a pesquisadora possuía um prévio contato nas cidades de Campanha e Três Corações. A escolha ocorreu de forma a obter informações de mulheres com diferentes faixas de idade que exercem o ofício do crochê. Com a lista das mulheres previamente selecionadas, foi estabelecido o primeiro contato via telefone informando às entrevistadas o conteúdo prévio da conversa.

Foram entrevistadas na cidade de Campanha-MG as seguintes artesãs, as quais serão citadas ao longo do texto, em suas falas, apenas pelo primeiro nome.

1. Águeda Mara Silva – 42 anos
2. Angelina de Fátima Rodrigues – 51 anos
3. Elene Silva Alves – 66 anos
4. Georgina Carvalho Neres – 67 anos
5. Maria Marta Pereira - 59 anos

6. Marlene Maria Nascimento Novaes – 67 anos
7. Maria Eugênia Maia – 68 anos
8. Marinete Freire Bezzerra – 70 anos
9. Maristela Ferrer Maia Pinto – 51 anos
10. Paulina Cândido Rodrigues Fernandes – 59 anos.
11. Regina Maria Pereira Fonseca – 70 anos
12. Shirley Pereira Xavier Lemes – 67 anos
13. Wanda Furtado – 84 anos

Foram entrevistadas na cidade de Três Corações-MG as seguintes artesãs:

- 14- Cristiane Lopes de Melo – 37 anos
- 15- Cláudia Terezinha Bueno – 42 anos
- 16- Isabela Bueno – 17 anos
- 17- Terezinha Moreira de Melo – 67 anos

Durante as conversas, ficaram evidentes os indicadores da pesquisa, como o artesanato e a geração de renda, a tradição pela transmissão de geração em geração do saber-fazer, a figura feminina e o trabalho manual, e o encontro, trazendo a identidade, trocas de saberes e afetividade entre o grupo.

O perfil do grupo entrevistado é bem diversificado, sendo constituído por: donas de casa que, além de tecer, cuidam do marido, dos filhos, da casa; professoras aposentadas que fazem crochê pelo prazer do ofício e ainda mulheres que tem outra profissão fora de casa e que, hoje, têm o crochê como forma de complementar a renda da família. Segundo elas, o crochê, além de ajudar financeiramente, é motivo de prazer, de encontro, de troca de conhecimentos, da manutenção de uma tradição. Essas artesãs trabalham com o crochê há muito tempo. Algumas delas o fazem desde a infância, seja por prazer ou porque se mantêm financeiramente com o dinheiro do ofício.

Como apontado no primeiro capítulo, o “fazer” do ofício liga-se à tradição desde tempos remotos, associando-se à “figura feminina” e à mulher com habilidades

manuais desenvolvidas no âmbito doméstico, um espaço privado.

4.1.2. Tradição e feminino - A figura feminina na transmissão do ofício

Por meio das entrevistas, constatou-se que a transmissão do ofício do crochê, nesse grupo de crocheteiras, é feita exclusivamente pela figura feminina. Essa transmissão se dá pelas mulheres da família, mães, tias, avós ou mesmo com uma vizinha ou uma amiga próxima conhecida. Acontece, inicialmente, pela observação por parte da aprendiz, que logo desperta o interesse em pegar a primeira linha e agulha para começar a tecer. É a figura feminina que se repete nas histórias e transmissão do conhecimento para as meninas, iniciado desde a infância, entre os 6 e 11 anos de idade. “A mãe é responsável pela transmissão da tradição patriarcal entendida no senso comum como natural” (SILVA; EGGERT, 2011, p.42).

A seguir, ao serem apresentadas as falas das mulheres, serão explicitados, juntamente com os dados coletados, alguns detalhes sobre suas vidas, uma vez que saber quem são essas mulheres e o que fazem é parte essencial da identidade desses sujeitos.

Shirley, foi a primeira mulher entrevistada. Ela começou a aprender o crochê com sua avó e esta, por sua vez, com a mãe Emerenciana, uma tradição na família.

Aprendi com minha avó materna e minha tia aos 9 anos. Minha avó deixava o crochê e saía, daí eu continuava fazendo. Quando ela voltava, dizia: mexeram no meu crochê! Vendo que eu gostava de fazer, falou pra minha tia: pega um paninho e ensina a Shirley a fazer crochê. Então minha tia pegou uns paninhos redondinhos pra eu passar biquinho, os primeiros ficavam horríveis. Mas daí fui aprendendo os primeiros passos e super feliz, né? Porque sabia fazer crochê. Fui fazendo guardanapos, a casa da minha mãe ficou inteirinha enfeitadas pelos crochês: colchas, caminhos de mesa, tapetes(...) tudo fui eu quem tinha feito. (LEMES, Shirley. 2016. Entrevista concedida a Bianca Lemes.)

Figura 21: Toalha guardada por Shirley como herança de família.
Tecida por sua avó Matilde, sem data.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Nas próximas falas, segue como se deu a transmissão entre as demais mulheres do grupo de crocheteiras, também aprendendo o ofício com as tias, avós, ou conhecidas da família.

Comecei com 7 anos, com uma tia que fazia, mas ela fazia no barbante. Ela desmanchava saco de açúcar, ou trigo, e fazia com aquela linha. Quando eu comecei a aprender, meu pai fez pra mim uma agulha de bambu, porque não tinha nas lojas pra comprar. Aí eu fui pra Escola, na hora do recreio, ao invés de ir pro recreio eu ficava lá fazendo crochê e todo mundo perguntando o que eu tava fazendo. Eu achava um barato, né? Fazendo crochê e com aquela agulha de bambu. Aí fui pesquisando os pontos porque minha tia só me ensinou o básico o resto fui buscando, em revistas. (FONSECA, Regina. 2016 Entrevista concedida a Bianca Lemes)

Regina Fonseca tem uma empresa onde trabalha com eventos para festas, na cidade de Campanha, e também ajuda a filha em sua floricultura. Dedicar seu tempo livre fazendo quadrinhos de crochê para uma fábrica de teares da cidade e já teve seus produtos em cenários de novelas famosas, conta ela. Ela adora viajar,

sair, mas, segundo ela, não consegue deixar o crochê. Com o ofício, ganha todo mês uma renda mensal que ajuda muito nas despesas da casa. Faz roupas e quadrinhos que viram colchas e peças para casa.

Aprendi com minha mãe. Uma exímia crocheteira que guardava cartas da embaixatriz da Grécia parabenizando-a pelos lindos vestidos em linha de seda. Desde os 7 anos faço crochê (NOVAES, Marlene. 2016. Entrevista concedida a Bianca Lemes)

Marlene é considerada, em Campanha, uma grande mestra do crochê e sabe tecer de tudo, desde roupas a tapetes e miniaturas de bichos. Ela promoveu um curso de crochê na cidade, ofertando certificados para suas alunas. Shirley, também foi sua aluna neste curso e afirmou que possuía alto nível, contendo moldes de papel que as alunas seguiam para reproduzir pequenas miniaturas das peças. Marlene havia criado, com toda sua maestria, uma maneira de ensinar crochê em um nível técnico e de fácil aprendizagem, algo raro de ser encontrado sobre o ofício do crochê. “Já lecionei crochê aqui em Campanha e na cidade na Casa de Cultura de Três Corações” (NOVAES, Marlene. 2016. Entrevista concedida a Bianca Lemes).

Ao usar o verbo “lecionar”, deixa claro que associa a transmissão do ofício como ensinamento passado de professora para aluno. Marlene vive do crochê como complemento da renda mensal da casa: “mas sempre com muito amor à arte!”, afirma. Para ela, o crochê é arte e trabalho que aprendeu com sua mãe por meio da tradição familiar.

Quando eu era meninota, eu devia ter uns 11 anos. Uma comadre da minha mãe, fazia crochê, então eu pedi para aprender. Minha mãe, na época, tinha uns sacos de açúcar que vendiam no armazém do meu pai. Ela lavava, desmanchava e me dava o barbante, as bolinhas de barbante. Então, essa moça me deu uma agulha e me ensinou a fazer “trancinha”²¹. Eu sentava num banquinho lá na cozinha dela e ficava fazendo trancinha, fazia metros e metros de trancinhas. No outro dia, ela desmanchava e mandava eu fazer tudo de novo, acho que foram uns 4 dias assim e todo dia eu ia. Depois ela me disse: hoje vou te ensinar a fazer “buraquinho”²² faz 3 trancinhas e volta. Nossa, eu fiquei feliz da vida fazendo os buraquinhos. E depois que eu aprendi a fazer o buraquinho, ela me ensinou a fazer o “ponto alto”²³, dentro dos buraquinhos. (MAIA, Maria Eugênia. 2016. Entrevista concedida a Bianca Lemes)

²¹ Ponto inicial no crochê, também chamado de correntinha.

²² Desenho que vai e formando com as correntinhas.

²³ Outro ponto do crochê, formado a partir das correntinhas iniciais.

Maria Eugênia é professora aposentada em Campinas-SP e foi morar em Campanha depois que se aposentou. Hoje, faz colchas enormes de crochê para os netos. Ela conta que eles, todos ainda crianças, querem uma colcha feita pela vovó, e que a netinha Duda, com seus 6 anos, já quer aprender a tecer crochê porque observa a avó fazendo. Maria Eugênia faz quadrinhos de crochê e doa-os para uma escola de Campanha para serem emendados, formando uma colcha, que depois de pronta, é entregue na vila de idosos da cidade. “Tudo isso, sem fins lucrativos!”, conta.

É um trabalho que faz com muito prazer com um grupo de amigas para ajudar os idosos. Em Campinas, quando era professora, fazia sapatinhos de crochê com solas de borracha para vender. Vendia muito e conta com orgulho que os vendia para fora do Brasil.

Aprendi sozinha, porque sou canhota, olhava minha irmã fazer, eu tinha uns 10 anos de idade. Comecei no tricô e depois que eu fui pro crochê. Mas sempre aprendi de olhar. Fui fazendo a correntinha e tomei gosto, hoje faço tranquilamente sozinha. (PEREIRA, Marta. 2016. Entrevista concedida a Bianca Lemes)

Marta é dona de casa e teve uma loja somente de peças em crochê, em Campanha. Hoje, ela trabalha apenas para pessoas conhecidas, produzindo peças de acordo com a demanda que recebe e que nem sempre é pequena, afirma. Marta participou de várias feiras com seus crochês em Campos do Jordão, juntamente com sua filha Olívia, a qual também exerce o ofício do crochê transmitido por ela. Tece roupas, quadrinhos, bolsas, coisas para casa. Ela diz que não consegue se sentar em frente à televisão sem ter nas mãos um crochê para fazer.

Eu aprendi com minha irmã mais velha, que aprendeu com uma tia minha, mas ela não me ensinou, eu aprendi olhando, aprendi só a correntinha e fazia uns guardanapos só com correntinha, pra minha mãe (...) depois, mais pra frente, aprendi o ponto baixo e o ponto alto, que eu não sabia ainda, mas tudo olhando ela. Minha irmã dizia: “Olha que você aprende!” Ela não tinha muita paciência para ensinar. (RODRIGUES, Angelina. 2016 Entrevista concedida a Bianca Lemes.)

Angelina mora na roça, em um distrito integrante da cidade de Campanha e sempre fez crochê como forma de ajudar em casa. Hoje, faz merendas para uma escola e crochê nas horas vagas. Já participou de um curso ofertado pela Empresa de

Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (EMATER) com o intuito de desenvolver o artesanato local, juntamente com outras mulheres do distrito. Um tempo depois, tornou-se a professora no curso por possuir grande domínio da técnica. Ela comenta que as mulheres da roça queriam aprender um artesanato para ganhar dinheiro, e o crochê foi escolhido por fazer parte do costume das mulheres da região, esclarecendo que a EMATER ajudava na venda das peças por meio das feiras que promovia.

Quando era menina, eu via crochê e ficava doidinha. Eu tinha uns 14 anos, por aí, e minha mãe não sabia fazer, minha irmã mais velha, que até já era casada, sabia fazer, aí a gente pegava aquelas linhas de saco de fazer pano de prato, alvejava as linhas pra aprender a fazer, porque na roça não tinha como comprar o material, aí alvejava bem clarinha e fazia, mas não sabia inventar modelos, né? (RODRIGUES, Paulina. 2016 Entrevista concedida a Bianca Lemes.)

Paulina mora em Campanha, e é aposentada rural. O crochê sempre foi a maior renda da sua família. Conta que ela e a irmã, já falecida, sempre fizeram muito crochê, e que a irmã pagou a aposentadoria com o dinheiro que obtinha com as vendas das peças. Paulina tem muitas clientes em Campanha e fora da cidade, e recebe muitas encomendas, principalmente de panos de pratos e toalhas, nos quais faz “bicos” de crochê. Segundo ela, a demanda de encomendas é grande, e com isso, terceiriza a produção passando trabalho para suas vizinhas que também fazem crochê.

No processo relatado por Paulina, retirando as linhas de saco, alvejar e enrolar para fazer o crochê, está toda uma singularidade ligada ao trabalho manual – o cuidado, o zelo, a delicadeza de lidar com a matéria prima e o tempo de se fazer as coisas com calma e sem pressa. Muitas crocheteiras entrevistadas aprenderam o crochê na infância, no ambiente familiar da casa, na cidade ou nas roças, onde cresceram. Muitas vezes, a carência de materiais adequados levava essas mulheres a improvisar as próprias linhas e agulhas para tecer, pois a vontade de aprender superava qualquer dificuldade.

Dentre os tipos das peças produzidas por essas mulheres, estão aqueles voltados para a decoração da casa, como toalhas de mesa, paninhos de centro, colchas para a cama, enxovais de casamento e peças de vestuário, como roupinhas de bebê, blusas, casacos. Quanto a essa opção pelo “tipo”, Martins (1973, p.16) irá apontar

que a escolha dos temas acontece de maneira individual a cada artesão, e que não deixa de estar influenciada pela cultura e os modos de vida ao qual pertence. Tal fato se confirma nesse grupo de mulheres do crochê, que segue fazendo peças nos padrões que aprenderam na sua tradição e no meio em que vivem.

Minha avó, com 100 anos, já tinha feito 95 colchas, então eu acho que puxei a ela. (...) fazia rendinhas para anáguas, combinações com linha de carretel, e fazia metros e metros, era uma linha finíssima. Minhas tias, avós, bisavós, todas faziam o crochê, era tradicional fazer enxovais para as filhas, netas, não era pra ganhar dinheiro, era porque gostava mesmo (LEMES, Shirley. 2016 Entrevista concedida a Bianca Lemes.).

Durante as visitas, as mulheres tiravam de suas gavetas e dos armários as coleções particulares de crochê mantidas na família. Peças que viraram relíquia e que elas guardam com grande valor de estima. A cada peça apresentada, havia uma história relembrada, algumas risadas, lembranças da infância, das mães, das avós, da roça, dos encontros. Dentre as peças, havia camisolas (com as alças em uma linha finíssima, que pareciam rendas), toalhas bordadas com bicos de crochê muito trabalhados, blusas, colchas de vários modelos e tipos de linhas, amostras retiradas das amigas, peças herdadas das avós. Tudo envolto em uma delicadeza que vai além da materialidade do objeto. Estão presentes, ali, os sentimentos, a memória, a identidade e a tradição dessas mulheres.

Ao questionar se essas mulheres haviam ensinado crochê para outras pessoas, a resposta era unânime: todas elas passaram o ofício para alguém da família, ou mesmo uma conhecida, comprovando o quanto é forte a transmissão do ofício nesse grupo.

Já ensinei crochê para a filha, que hoje tem uma pequena empresa com roupas de crochê, para as amigas que não sabiam algum ponto e até para algumas empregadas que trabalhavam na casa, para quem quisesse aprender. Mas ainda não achava suficiente o que eu sabia. Fiz um curso de crochê com uma amiga minha, era um grupo, onde ela ensinava moldes, pontos, tinham um caderno para seguir as amostras, e ela dava até um certificado. (LEMES, Shirley. 2016)

Pra minha neta, pra uma moça canhota. Pra fazer para ela, eu tinha que fazer o exercício invertido, sabe? Era complicado! Agora a neta aprendeu a fazer melhor que eu, ela tem uns 32 e desde criança sabe fazer. (PEREIRA, Marta. 2016)

Já ensinei muito aqui na cidade, em Três Corações, onde tinha uma feira. Já ensinei pras minhas filhas, mas nem todas fazem. Acho que é nato, né? É de cada um. Já dei aula, inclusive, num curso que fiz na minha casa. Pra

grupos de mulheres. E ensinar e ver a pessoa chegar com a peça pronta, me dá muito prazer. (NOVAES, Marlene. 2016)

Ensinava na minha casa, eu tinha 5 moças que eu ensinava, 2 sobrinhas e 3 amigas. Elas iam lá em casa. A gente encontrava numa área grande que tinha na porta e botava na mesa as linhas as coisas que a gente tinha, era tudo muito difícil né? A gente não tinha muita opção de linha nem dinheiro pra comprar aí a gente fazia com o material que tinha mesmo. (FERNANDES, Paulina. 2016. Entrevistas concedidas a Bianca Lemes).

Transmitir o saber-fazer do crochê para outras pessoas é um ato consolidado na tradição dessas mulheres, é parte do próprio processo de ser crocheteira, de aprender e ensinar o ofício.

4.1.3. O encontro – sociabilidade, trocas e preservação do ofício

Outro fator verificado nas falas das entrevistadas é a questão do encontro para se fazer o crochê. Por meio das falas das mulheres, constatou-se que esse encontro acontece, quase diariamente ou quando há tempo, nas casas das crocheteiras. Nesse encontro presencial, há trocas de experiências. Nele, as mulheres tiram as dúvidas umas das outras sobre as dificuldades ao executar determinado ponto ou sobre algum modelo que querem fazer. Conversam sobre o crochê, sobre o cotidiano, a vida, os problemas, os filhos, a novela. Esse encontro alimenta não apenas a transmissão do ofício do crochê, mas também fomenta a coesão social entre essas mulheres, compartilhando pontos, modelagens, conversas e as quitandas do café. São amigas ou conhecidas que estão unidas para a mesma finalidade – o fazer crochê. Assim, formam um grupo com uma identidade própria, unidas pelo ofício e pelo que ele as proporciona.

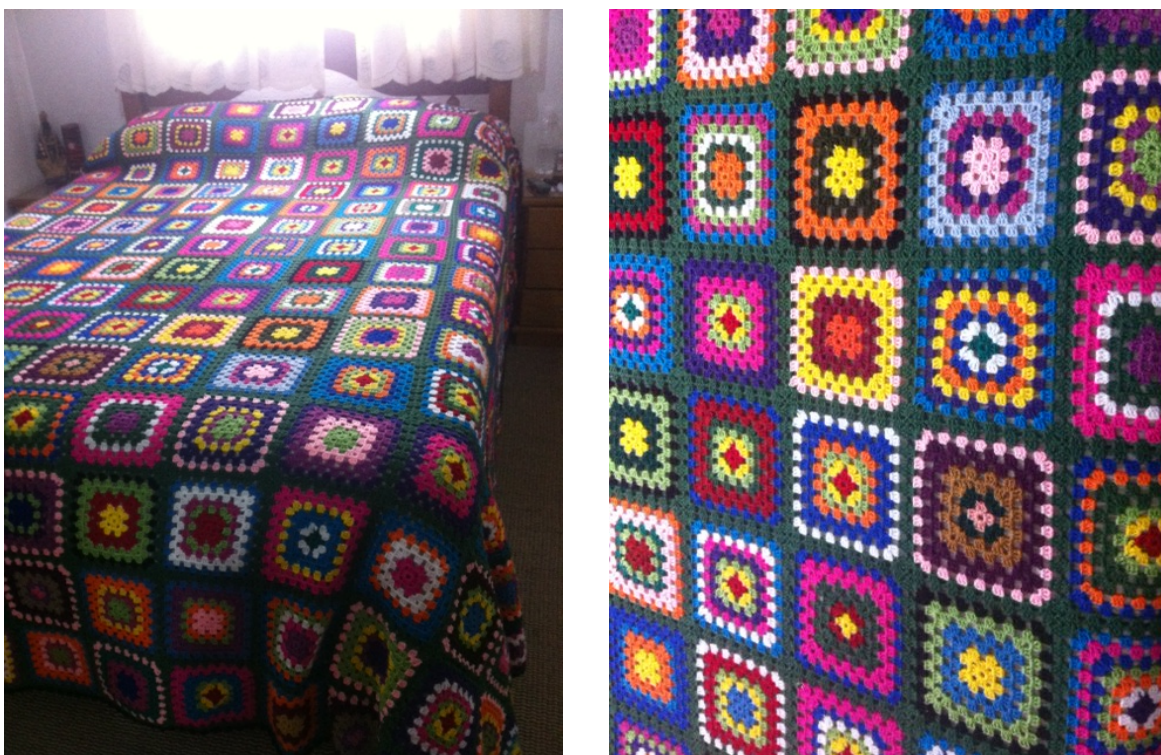
Segundo Silva & Eggert (2011, p.56), esse aspecto coletivo, associado ao encontro, proporciona o compartilhamento das vivências. Dessa maneira, as mulheres podem ressignificar suas próprias trajetórias pessoais, tornando a experiência do coletivo aprendizagens para além do espaço doméstico.

Encontrávamos todos os dias, a gente trocava pontos, experiências, dificuldades . Eu me sentia agora a mãe do crochê! (...) Com minhas tias e avós, a gente sentava no alpendre e ficávamos todas lá, crochecendo e contando dos namorados, da vida, do passado, das artes que a gente fazia. Ah eu achava uma delícia. (...) A gente trocava ideias, olhava nas revistas outros pontos. (LEMES, Shirley. 2016)

Encontro um grupo de amigas. Quase todo dia, uma vai na casa da outra, as vezes elas vêm pra cá, as vezes eu vou pra lá. É bom, né? Porque uma tira ideia com a outra, tira dúvida. As vezes uma tá fazendo de um jeito e a outra vai lá e fala, não, faz assim que vai dar certo, duas cabeças pensam melhor (risos).(...)A gente conversa sobre o crochê, sobre o que cada uma tá fazendo. Nem sempre dá pra ir todas, né? (ALVES, Elene. 2016 Entrevistas concedidas a Bianca Lemes).

Dona Elene mora em Campanha. Aprendeu o crochê aos 13 anos com dona Laura, uma conhecida da família. “Saía da escola e ia para a casa dela para aprender crochê” (ALVES, Elene. 2016), relata. Trabalhou 35 anos enrolando motores elétricos e, quando o marido faleceu, parou de trabalhar fora de casa e voltou para o crochê. Hoje tem clientes em Varginha, Brasília e Petrópolis. Faz pouco crochê para Campanha porque, segundo ela, a concorrência na cidade é grande, pois há muitas mulheres que também fazem crochê. Sua especialidade é tecer grandes colchas para cama, cortinas e outros objetos de decoração para casa.

Figura 22: Colcha de quadrinhos e detalhe - tecida por Elene, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Campanha-MG, 2016

De acordo com as crocheteiras, o encontro é prazeroso porque ajuda a manter a amizade. É um momento em que se divertem contando os casos do dia a dia, das

novelas, da vida. Sobre o crochê, trocam pontos, modelos, dúvidas, permutando conhecimentos, sendo, sobretudo, um lugar de afeto entre o grupo.

As linhas atam laços de amizade entre pessoas. Gostava sempre de encontrar quando tinham feiras aqui em Campanha. Pra uma mostrar seu trabalho pra outra. (NOVAES, Marlene. 2016)

Lá em Campinas eu tinha um grupo de oração com umas amigas, e a gente encontrava toda quarta feira na casa de uma delas e a gente fazia crochê para doar. Fazíamos toucas, sapatinhos(...) Nossa, era muito gostoso! É uma das coisas que eu sinto falta aqui em Campanha, porque lá era um momento de oração e depois o crochê em seguida. E a gente conversava bastante, sabe! Era muito gostoso e bom também era ver o fruto daquele encontro, a gente doava muitas colchas. (MAIA, Maria Eugênia. 2016)

Vinham para cá [casa], a gente fazia umas quitandinhas e fazia crochê. A gente ficava tirando dúvida uma com a outra, elas falam até hoje que tem saudade desses encontros. (PINTO, Maristela. 2016 Entrevistas concedidas a Bianca Lemes)

Maristela é de Campanha e faz crochê desde os 11 anos de idade. É manicure também e, nas horas vagas, faz crochê para fora. Sua especialidade é fazer cortinas. Comenta que tem sempre muita encomenda e que todas as peças que faz consegue vender. Encontra sempre que pode com as irmãs Margareth e Margarida para tirarem dúvidas sobre seus crochês.

Figura 23: Montagem - Grupo de mulheres crocheteiras de Campanha e Três Corações, Minas Gerais



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2016.

Um fator característico ao trabalho manual também detectado nesse grupo de mulheres do crochê refere-se ao melhoramento da prática, com o decorrer do tempo, devido ao próprio fazer. Nesse contexto, Martins (1973, p.22,23) aponta que “o artesão revela em sua obra, não apenas traços culturais de vida em comum, mas também qualidades que brotam de si mesmo como ser que inova”. Dessa forma, a inovação se dá no aperfeiçoamento e aprimoramento das práticas do artesão.

Tem uma moça que veio pra eu ensinar e pegou rapidinho, dei a dica pra ela ir praticando, tirando amostra pra ficar melhor. Ela tinha muito boa vontade, isso ajuda muito, é a pratica que faz a pessoa saber, não tem mistério. (NERES, Georgina. 2016 Entrevista concedida a Bianca Lemes)

No mesmo sentido, Sennett (2015) afirma que as pessoas podem aprender sobre si mesmas através das coisas que fazem e, ao entenderem como as coisas são feitas, podem alcançar uma vida material mais humana. A fala dos autores aponta que o artesão, ao exercer o fazer, adquire consciência sobre si mesmo e sobre sua prática, ao pensar sobre o que faz, sendo capaz, sobretudo, de criar e inovar em seu trabalho. No grupo de crocheteiras, esse fator foi verificado tanto na artesã que trabalha individualmente, quanto no coletivo, quando trocam pontos, tiram dúvidas, aperfeiçoando o conhecimento sobre a prática do ofício.

4.1.3.1. O Encontro virtual - uma nova maneira de transmissão do fazer

Como apresentado no item anterior, algumas mulheres entrevistadas encontram-se tradicionalmente para tecer o crochê nas casas umas das outras. Falam sobre as dificuldades, os modelos que irão fazer ou que estão fazendo, conversam sobre a vida, fazem uma pausa para o cafezinho. É um encontro social em um espaço comum entre elas, a casa. Esse encontro pessoal provavelmente continuará acontecendo, pois faz parte da tradição do fazer crochê do grupo e, pelo que foi constatado, traz reflexos bastante positivos para essas mulheres. Todavia, ao falar em encontro, deve-se pontuar que, atualmente, ele vem ocorrendo de outras maneiras, como por exemplo, pela esfera virtual.

Na sociedade atual, por meio da internet, as relações virtuais se tornam cada vez mais presentes, possibilitando o acesso a cursos, informações e trocas. Isso permite que, mesmo os ofícios tradicionais, como é o caso do crochê, possam ser transmitidos pelo viés das mídias contemporâneas, caminhando com as mudanças

da sociedade atual. No caso das crocheteiras desta pesquisa, o encontro virtual vem acontecendo de forma progressiva pelas redes sociais como o *Facebook*, *Whatsapp*, *Pinterest* e *Instagram*, por meio de trocas de mensagens escritas, fotos, gráficos de pontos e vídeos tutorias.

Tudo que eu faço, minha filha coloca no Facebook dela pra mim, aí o povo vê e quer comprar, né? (FERNANDES, Paulina. 2016 Entrevista concedida a Bianca Lemes)

Nós compartilhamos modelos, fotos, vídeos, fica muito fácil o aprendizado. Pela Internet dá pra aprender muita coisa. (...) esse jeito de encontro virtual é mais fácil de acontecer, porque encontrar pessoalmente pra fazer crochê é mais difícil. O próprio SENAI²⁴ já tentou dar cursos de artesanato, mas artesãs muitas vezes desistem por conta dos horários. O problema é reunir todo mundo. (SILVA, Águeda. 2016 Entrevista concedida a Bianca Lemes)

Águeda mora em Campanha e tem uma loja virtual na qual vende seus crochês. Geralmente são roupas e sapatinhos de neném, almofadas, tapetes e cortinas. Em sua casa, tem um ateliê exclusivo para o crochê, com várias pastas, fotos, gráficos que gosta de seguir como referência. Ao mostrar sua produção, conta com entusiasmo que vende suas peças para todo o Brasil.

Figura 24: Peças tecidas pela artesã Águeda Silva.



Fonte: Facebook (2017).

Fazendo uma observação sobre o SENAI, citado na fala de Águeda, trata-se de um órgão privado integrante do sistema da indústria, que visa ofertar cursos com foco educativo na área de tecnologia e inovação. Pode-se dizer que esse tipo de empresa tem o olhar voltado para o artesanato, enquanto instrumento capaz de

²⁴ SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial) é reconhecido como modelo de educação profissional e pela qualidade dos serviços tecnológicos que promovem a inovação na indústria brasileira. Fonte: SENAI (2017).

gerar renda e, sob este aspecto, muitas vezes, coloca o produto originado do artesão, apenas como um “objeto” voltado para a venda no mercado, sem considerar suas características sociais e culturais.

Hoje, com a modernidade, olho na Internet, sempre tô pesquisando as tendências das estações, pesquiso muito. (PEREIRA, Marta. 2016)

Tudo que aparece no meu Facebook sobre crochê eu compartilho. As vezes eu peço pra minha filha imprimir para mim alguma coisa da Internet, mas é muita coisa, né? Mas eu não converso com essas pessoas que fazem crochê na Internet, quem sabe que eu faço, me manda foto, porque sabe que eu gosto. Quando eu vejo algo na Internet, eu passo para as pessoas que eu sei que gostam e fazem crochê, por exemplo, outro dia, tinha um tapete e o modo de fazer passo a passo, muito interessante! (MAIA, Maria Eugênia. 2016).

Ah, eu gosto sempre de aprender um ponto novo, pego revista, gráfico. E agora a gente pega na Internet, né? Acho fácil aprender por lá. “Se eu olhar o gráfico, ou mesmo a pessoa falar, eu acho facilimo. (PINTO, Maristela. 2016)

Na Internet – no YouTube. Baixo os vídeos e vou fazendo. Antes eu procurava em revista. (MELO, Cristiane 2016 Entrevistas concedidas a Bianca Lemes).

Cristiane mora em Três Corações. Gosta de trabalhar com o crochê porque faz quando pode, no seu tempo - segundo ela, depois que arruma a casa, faz o almoço e cuida das crianças. Iniciou no crochê fazendo jogos para banheiros e centros de mesa, feitos em barbante. Hoje, ela faz roupas em parceria com a grife Emerenciana, e tem também sua página na *internet*, onde vende as peças que produz para várias partes do Brasil.

Isabela tem 17 anos, vive em Três Corações, é a mulher mais nova do grupo entrevistado para esta pesquisa. Aprendeu o crochê com a mãe, Cláudia, mas prefere tirar suas dúvidas pela *internet*, porque conta que a mãe não tem muita paciência para ensinar.

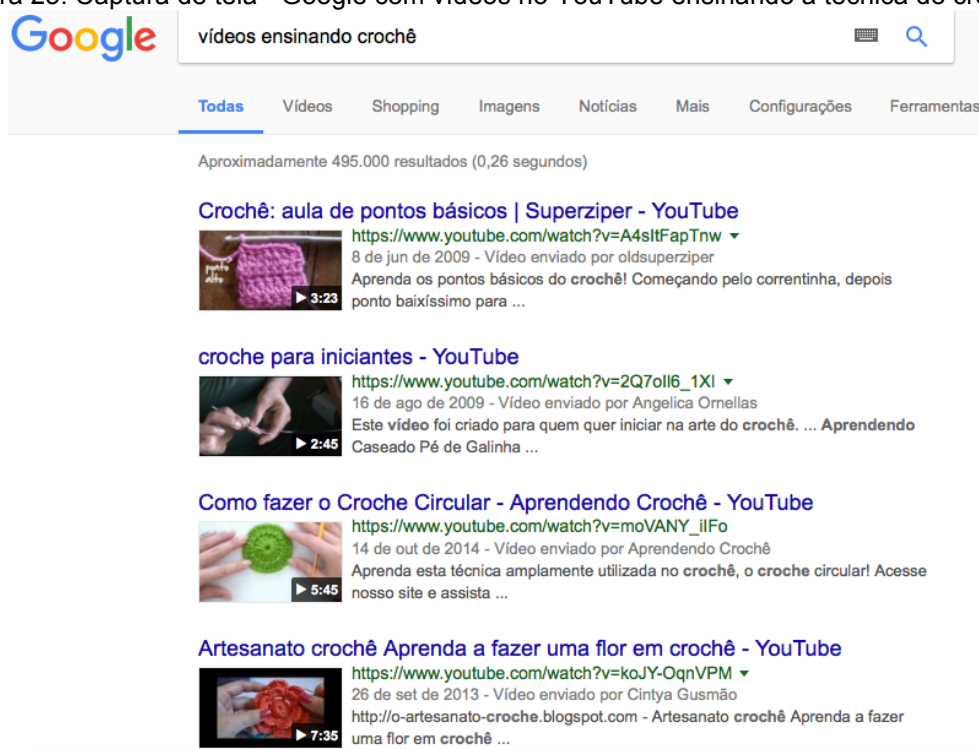
Com minha mãe sempre sai briga, porque ela não tem paciência pra ensinar, aí eu vejo vídeo no You Tube. Coloco o vídeo e vou dando pausas. Prefiro fazer sozinha do que com minha mãe. (BUENO, Isabela. 2016 Entrevista concedida a Bianca Lemes).

No caso da Isabela, a comunicação com a internet é o meio pelo qual o crochê chega até ela, por meio de vídeos do YouTube. Ou seja, a transmissão ocorre de

maneira diferente, mas não deixa de acontecer. A tradição, dessa forma, acontece, adaptando-se às tendências do mundo tecnológico. Portanto, o crochê arraigado à tradição do grupo de mulheres passaria também por mudanças, não deixando para trás as memórias de suas gerações anteriores.

A Figura 20 apresenta uma cópia da tela do computador, da página do *Google*, na *Internet*, na qual são ofertados diversos vídeos ensinando a fazer crochê, passo a passo, desde sua etapa inicial.

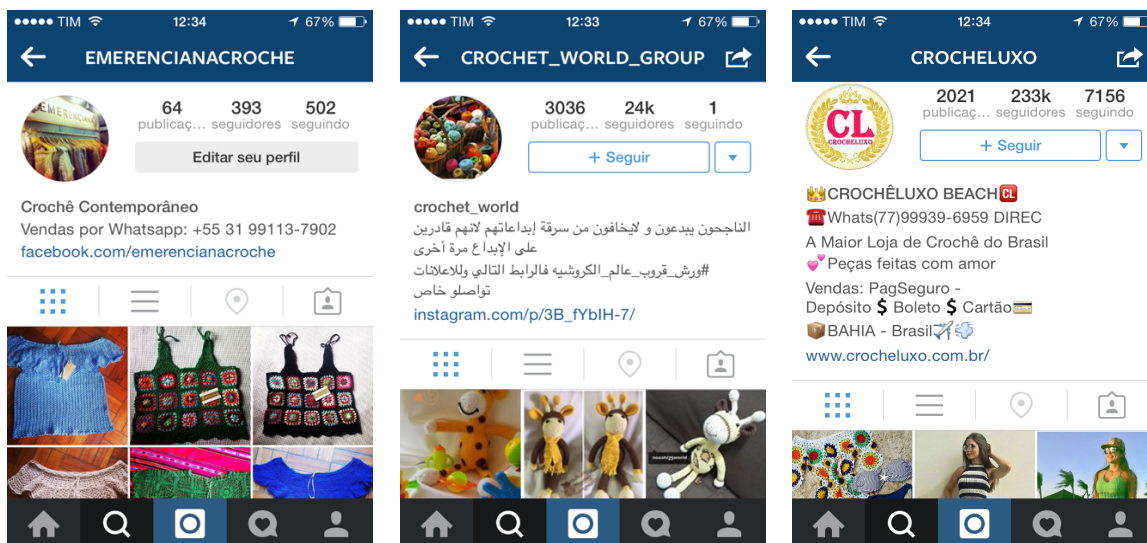
Figura 25: Captura de tela - Google com vídeos no YouTube ensinando a técnica do crochê.



Fonte: Google (2017).

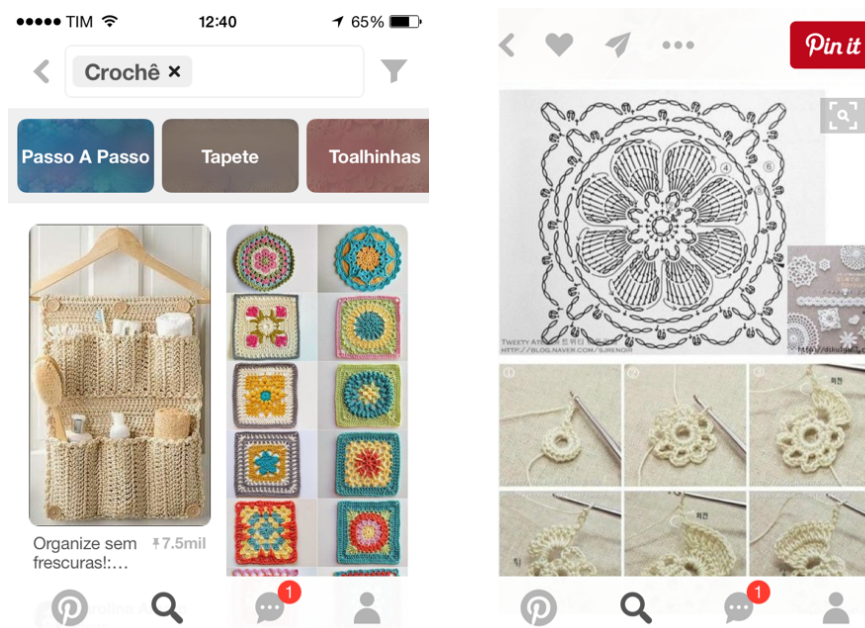
As Figuras, 21 e 22 exibem a cópia da tela de um celular, com referências de grupos, pessoas e lojas, dos aplicativos *Instagram* e *Pinterest*, usados para vendas e trocas de conhecimentos sobre o crochê.

Figura 26: Captura de tela (aplicativo Instagram). Os conteúdos das conversas não foi exposto para resguardar os usuários.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (2016)

Figura 27: Captura de tela (aplicativo Pinterest). O conteúdo das conversas não foi exposto para resguardar os usuários.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. (2016)

Sob esse novo viés virtual, Neto (2001) aponta que o artesão, ao adequar seu produto às mudanças tecnológicas, não estaria afastando seu trabalho da originalidade. A adequação a uma nova realidade estaria ligada à forma como o artesão vê o mundo, de maneira particular e emocional. Comunicando-se com a tecnologia, poderá trazer melhoria para a atividade desenvolvida e, sobretudo, ter ganho econômico.

O fator de mudança para o encontro virtual associa-se, principalmente, à questão da globalização, ocorrendo desde a Revolução Industrial, na qual mudam-se as formas de produção e também as relações sociais. Nesse sentido, Hall (2005) aponta que “embora pareça improvável que a globalização vá simplesmente destruir as identidades nacionais, é mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, *novas* identificações ‘globais’ e *novas* identificações ‘locais’” (HALL, 2005, p. 78).

No grupo de mulheres crocheteiras, essa nova realidade foi constatada para a maioria das artesãs, trazendo tantos reflexos positivos quanto o encontro presencial, na medida em que abre novas oportunidades para o ganho econômico e amplia o campo de conhecimento pelo acesso a vídeos, imagens e na própria trocas de saberes e afeto entre outras mulheres.

4.1.4. O artesanato: Fator econômico e o gosto pelo fazer

No encontro virtual, além da troca de saberes entre as mulheres crocheteiras, há também o fator econômico, uma vez que se constitui como oportunidade de mostrar seus trabalhos e vendê-los para um número grande de pessoas.

Constatou-se que a transmissão do conhecimento via *online* se dá de forma acessível, permitindo a difusão e manutenção do ofício do crochê. O fator econômico, associado à venda das peças de crochê, ganha relevância uma vez que se constitui como um importante complemento de renda, ou até mesmo como a principal fonte de renda para as famílias das crocheteiras entrevistadas.

O gosto pelo fazer crochê aparece em vários sentidos: seja pelo viés econômico, seja pelo “vício”, ligado diretamente ao prazer de fazer, e também pelo encontro social para se fazer o crochê, ligado à transmissão, ao encontro presencial ou virtual.

Se eu tivesse tempo mesmo, eu ficava no crochê. É tão bom pegar uma encomenda, pegar o barbante e fazer, entregar e receber o dinheiro. A gente sabe o valor que vai ganhar quando pega um trabalho, planeja o que vai fazer com o dinheiro. Não sou aposentada ainda, né? Então é um dinheiro que ajuda e muito.” (MELO, Terezinha. 2016 Entrevista concedida a Bianca Lemes).

Dona Terezinha é de Luminárias - MG e mora em Três Corações. É mãe de Cristiane, Cláudia e avó da Isabela. Dona Terezinha começou a tecer no “tear

mineiro”²⁵, o qual é até hoje objeto de grande estima dentro da casa. Vive da tecelagem do tear e do crochê, fazendo enormes tapetes e colchas. É assim que ela mantém a casa.

Primeiro é porque eu gosto e depois pelo dinheiro. É muito bom, eu gosto muito do meu crochê. (...) Sempre fiz crochê pra vender. (...)Trabalhar fora não dá, não tem como. Depender de marido também, piorou a situação. Então, eu ganho meu dinheiro, gasto com o que eu quero, compro o que eu quero, dou valor nas minhas peças. Faço o que gosto, sem depender do marido, sem deixar meus filhos, porque trabalho em casa, faço na hora que eu quero, dá pra eu arrumar a casa. (MELO, Cristiane. 2016)

Dá pra ganhar dinheiro sim, e é bom, porque você tá trabalhando na sua casa, você já tem as freguesas certas que te procura. Eu sempre vivi praticamente do crochê, sempre ajudou demais e ajuda ainda hoje. Tô aposentada pelo rural, né? Só aposentadoria não dá. Tô com uma encomenda de 3 dúzias de pano de prato pra uma pessoa só. Eu passo bico nas pontas e tenho 2 pessoas que bordam pra mim. Minha filha coloca no Facebook dela pra mim, pra divulgar. (...) Ah menina, eu gosto demais! Eu gosto demais (risos). Porque eu acho que se eu não gostasse já tinha desistido! Não sei se é porque eu praticamente vivi com isso, né? Criei meus filhos, mas, se não gostasse, não teria feito. Faço direto. Eu tenho encomenda direto. (FERNANDES, Paulina. 2016)

Minha mãe nos colocou pra estudar com o dinheiro do crochê que, naquele tempo, era muito difícil quem fazia um bom crochê. Ela ganhava muito dinheiro(...) na atual situação, é o que ajuda a aumentar a renda da minha casa. Mas sempre com amor, como prioridade. Cobro muito barato, porque, na verdade, faço mais por amor. Dou de presente, faço pras filhas, parentes, amigas... Sei fazer, mas não tenho o “tino” comercial no mercado. Me considero mais artista que vendedora. (NOVAES, Marlene. 2016)

O meu dinheiro é do crochê, para eu fazer minhas despesas, minhas coisinhas. O meu trabalho é só o crochê. (...) Ah, eu amo, eu amo! É muito gratificante você pegar o fio e transformar numa peça, eu adoro fazer! (SILVA, Agueda. 2016)

Quando você acostuma, você não consegue ficar parada. Parece que é um vício, o crochê. Você não consegue mais ficar sem fazer. E porque também a gente precisa, dá um dinheiro. (BUENO, Cláudia. 2016. Entrevistas concedidas a Bianca Lemes)

Cláudia é irmã da Cristiane e filha da dona Terezinha. Mora em Três Corações e já ensinou a filha Isabela, de 17 anos, a fazer crochê. Dona de casa, cuida dos filhos, da casa, faz crochê para ajudar na renda da família e porque gosta. Ela e a irmã Cristiane trocam dúvidas quantos aos modelos e juntas, fazem as peças encomendadas de várias partes do Brasil.

²⁵ Tear mineiro: tipo de tear manual usado para tecelagem. A da tecelagem foi trazida pelos colonizadores portugueses no séc. XVIII e desde então, sua presença é forte em Minas Gerais, sendo o estado que mais absorveu a técnica e a desenvolveu com características particulares.

Dentro do fator do “gosto pelo fazer” foram verificados aspectos emocionais e terapêuticos. Nesse sentido, Sennett (2015) aponta que a habilidade manual oferece recompensas emocionais às pessoas que a exercem, ligando-as “à realidade tangível” fazendo com elas “se orgulhem do seu trabalho”. Ao mesmo tempo, por buscarem “padrões de excelência”, afirma que o artífice, pelo simples prazer de fazer algo bem feito, passaria por “pressões competitivas, frustrações ou obsessões” (SENNETT, 2015, p.19,20). Esse gosto pelo fazer é confirmado, segundo as crocheteiras pelo “vício”, prazer e beleza.

Eu acho muito bonito! Dá uma satisfação muito grande, minha mãe me ensinou isso. Todas as pessoas que fazem crochê são pessoas sensíveis. Só o tempo que a pessoa se dedica aquele trabalho, né? O crochê me acalma, mais que yoga. Não sei ficar sem o crochê. Minha mãe me ensinou isso. Quando ela estava na UTI, com aquele “caninho” transparente do soro, sabe? Enrolava no dedo e ficava simulando pontos de crochê e me falava, estou fazendo uma blusa, sabe aquele ponto? Ela estava alucinando, já... Acho que eu vou ser assim também, crochê é isso, sabe? Pra mim, crochê é a minha maneira de passar alguma coisa pro mundo, embora as pessoas não entendem isso. Amo o crochê, de verdade, e agradeço minha mãe que me ensinou, a Deus, por fazer esse crochê leve, alegre, e até o dia que eu puder e vou fazer. (NOVAES, Marlene. 2016 Entrevista concedida a Bianca Lemes).

Nessa fala da artesã Marlene, nota-se o quanto o crochê está entranhado na vida e no dia a dia dessas crocheteiras. Mais que um saber-fazer herdado das gerações anteriores e também fonte de renda, é referência de história, memória e afeto para essas mulheres.

Ah, o dinheiro serve e a gente fica entretida com aquilo ali e esquece das coisas, né? Faz bem! Se eu não tivesse o crochê, eu ia arrumar a casa e fazer o que? A gente acaba até ficando doente. Se não tem coisa pra fazer, a gente inventa, vou pro tear(...) [E a senhora ainda vai continuar a fazer crochê?] ah, se Deus quiser! Enquanto eu tiver vida e saúde! Mesmo aposentando agora, com 65 anos, minhas coisas eu não aposento não. Meu tear e meu crochê, não. Você faz e acha bonito, fico satisfeita. (MELO, Terezinha. 2016)

É o dinheiro que entra, porque eu gosto, distrai a cabeça, é muito bom fazer. Cansa, mas é muito gratificante, né? É muito gostoso fazer! Tem dia que fico até 1 hora da manhã na sala fazendo. Quando o marido vai viajar, fico até madrugada fazendo, as vezes fico esperando o filho chegar da rua... fico lá assistindo televisão, distrai né? (SILVA, Águeda. 2016)

Porque eu gosto, acho bonito. Cada peça que eu faço e vejo que ficou bem feito, na hora que termina, não tem coisa melhor. Você ver a pessoa pra quem você entregou gostar, é muito bom. Gosto de terminar uma pra começar outra. (MELO, Cristiane. 2016)

(...) fazia por amor à profissão. Amo crochê! Crochê, flores e gatos chamam minha atenção. Eu já fiz muito crochê. Minha avó, com 100 anos, já tinha feito 95 colchas, então eu acho que puxei a ela, minha bisavó fazia rendinhas para anáguas, combinações com linha de carretel, e fazia metros

e metros, era uma linha finíssima. Minhas tias, avós, bisavós, todas faziam o crochê, era tradicional fazer enxovais para as filhas, netas, não era pra ganhar dinheiro, era porque gostava mesmo. (...) não pode perder o costume, né? Eu acho que é uma coisa que você morre fazendo, se puder. Minhas avós até o final da vida fizeram crochê. Se tiver vista, né? Eu falo que é um vício, você se sente maravilhada com aquilo que você fez, a gente não vê a hora passar, acho que é até um antidepressivo, a gente não pensa em nada ruim, fica ali contando, ver se vai dar certo. (LEMES, Shirley. 2016)

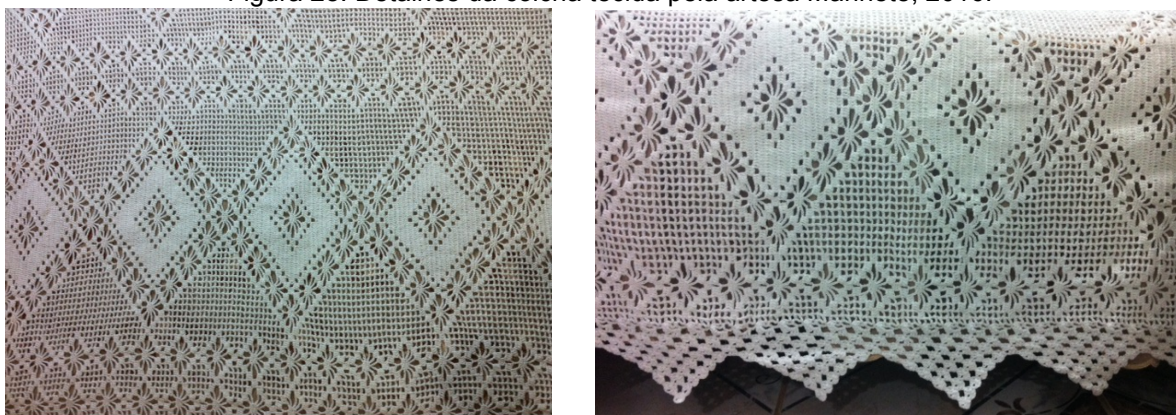
Eu faço porque eu gosto, preenche meu tempo. Não consigo ficar em frente à televisão assistindo nada se eu não tiver um crochê na mão. Se eu vou num médico, eu levo um crochê para a sala de espera, me preenche!! Se eu fico na frente da televisão sem crochê, tá faltando alguma coisa, eu acho que estou perdendo tempo. As vezes eu fico em conflito, porque tenho um livro e tenho o crochê, aí eu leio um pouquinho, faço crochê (risos). As vezes eu fico no computador, na televisão e com o crochê na mão (risos). (MAIA, Maria Eugênia. 2016)

Porque eu gosto e ajuda na renda, né? Mas eu acho que é mais porque eu gosto. Pra mim é como uma terapia, me acalma. O crochê me acalma. No começo, eu não sabia o quanto me fazia bem, depois, com o passar do tempo, eu percebi o quanto o crochê me faz bem, porque a gente já fez de tudo um pouco na vida, né? E depois de um tempo você vê o que te faz bem mesmo né? Se você fizer com amor, com gosto, gostar do que faz.. eu adoro quando vejo a peça pronta, para mim é um prazer, é muito gostoso. (RODRIGUES, Angelina. 2016 Entrevistas concedidas a Bianca Lemes).

Outro fator importante, ligado ao processo do trabalho manual e associado ao tecer das crocheteiras, remete ao fato de interromperem o ofício por motivos ligados à saúde, segundo elas, vindos da idade avançada, como problemas para enxergar, dores nas mãos e nos braços (pelo excesso de movimentos repetitivos), falta de lucidez e mesmo a falta de vitalidade. Dona Marinete, por exemplo, declara que, pelo trabalho pesado em seu emprego anterior, apresenta hoje muitos problemas no braço e, por isso, tem dificuldades de fazer crochê.

Faço muitos bicos de pano de prato. Mas tem que estar com a vista bem boa, eu já tô com problema na vista. Mas eu ainda enxergo bem, sabe? (...) Ah, até quando eu puder, né? Tô com problema nos braços também. Porque já trabalhei muito, pegando peso na empresa que eu trabalhava, sabe? Era trabalho de pegar peso, hoje eu tenho problemas por conta disso. (BEZZERRA, Marinete. 2016 Entrevista concedida a Bianca Lemes).

Figura 28: Detalhes da colcha tecida pela artesã Marinete, 2016.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Campanha-MG, 2016.

Entretanto, o gosto e o prazer em fazer o crochê supera as dores, levando as mulheres a fazer continuar o ofício.

[A senhora ainda pretende fazer crochê por muito tempo?]

Eu acho que é uma coisa que você morre fazendo, se puder, né? Minhas avós, até o final da vida, fizeram crochê. Se tiver vista, né? (Shirley)

Ah se Deus quiser! Enquanto eu estiver lúcida e enxergando! (Maria Eugênia)

Ah, se Deus quiser! Se eu num morrer, se eu não caducar, né? Porque as mais velhas tão caducando, né? Eu acredito que o trabalho manual ajuda muito a cabeça, né? É porque eu tô com a cabeça boa, se tivesse caducando, acho que não fazia mais. Mas eu tive um derrame e perdi muito os movimentos das mãos, tive que dar uma parada. [A filha, que estava ao lado da mãe durante a entrevista, comentou]: “mas o crochê que ajudou a melhorar”. Eu fazia crochê, macramê, pra movimentar as mãos. (FURTADO, Wanda. 2016 Entrevista concedida a Bianca Lemes).

Dona Wanda, uma senhora de 84 anos, ensinou crochê para as filhas e a neta, que hoje também tece muito bem, segundo ela. Durante a entrevista, retirou do guarda-roupa uma coleção de pijamas para mulheres, com as alças tecidas em uma linha finíssima. Disse que, antigamente, era muito comum todas as “roupas debaixo” terem um detalhe em crochê, que era muito chique. Hoje se comunica com a neta, via *Whatsapp*, compartilhando as fotos de suas peças de crochê.

A análise sobre a questão da valorização do crochê, por parte das entrevistadas, trouxe diversos pontos de vista:

1) Concorrência: Afirmam que o crochê não é valorizado em Campanha porque na cidade há muitas mulheres que exercem o ofício, ou seja, a concorrência faz com

que o preço pago nas peças seja pequeno. Isso já não ocorre fora da cidade, onde obtêm um valor maior no produto.

2) Tradição: Remetem a valorização diretamente à própria da tradição, pelo valor de estima das peças e pela transmissão, por terem aprendido o ofício.

3) Mídias: Segundo elas, as mídias são hoje o auge de suas relações de troca de conhecimento e canal de vendas. Pelo fato de suas peças estarem nesses meios, tornam-se produtos valorizados.

4) Qualidade: Afirmam que a valorização da peça se dá por ter sido bem executada. O fator “tempo” também se refere à qualidade, pois “o trabalho bem feito, deve ser feito sem pressa”.

[A senhora acha que o crochê é valorizado? Por que?]

Aqui [Campanha] tem muita gente que faz. Tenho clientes em Petrópolis, Brasília e Varginha. Elas pedem sempre, como se fosse um fixo. Lá fora é valorizado. O que eu vendo lá fora, elas dão o preço aí eu falo, tá pouco ou tá bom. Mas elas me dão mais do que eu vou cobrar. Aí eu fico satisfeita. Elas me pagam bem, a mais do que eu queria. Mas aqui em Campanha eu que dou o preço. Mas lá fora é bem valorizado, né? Aqui em campanha você tem que fazer pelo mesmo preço das outras mulheres ou mais barato, senão não vende. É um cartel, né? (risos). (ALVES, Elene. 2016)

O crochê é um artesanato que tem muito valor. O crochê é uma coisa muito bonita, né? Não acaba. (NERES, Georgina. 2016)

Eu acho que sim, não aqui no interior, porque aqui todo mundo sabe fazer, mas na capital, a gente nem vê crochê né? Eu acho que quem gosta, valoriza demais. Eu acho que tem muito valor. (LEMES, Shirley. 2016)

Na Internet você percebe o quanto tem gente inteligente habilidosa expandindo essa técnica maravilhosa, né? E só de estar na “rede” já mostra o quanto essas pessoas querem mostrar o que sabem fazer. Acho que está sim sendo cada vez mais valorizado. A mídia é que manda, né? Se hoje aparece na TV, amanhã, todo mundo quer, né? (NOVAES, Marlene. 2016)

Ah, não. Mas aqui em Campanha tem gente que valoriza muito. Mas o crochê tem que ser bem feito, né? Não pode ter pressa. (FERNANDES, Paulina. 2016)

Tem gente que até dá valor, vê que dá trabalho, né? Num é fácil, tem peça que é difícil, o tempo que gasta e a dor nas costas de você ficar sentada, mas tem gente que não dá nem um pingão de valor, mas eu estou lotada de encomenda! (SILVA, Águeda. 2016)

Linhas muito finas de antigamente não estão mais na moda, porque o mundo hoje tá muito descartável. Hoje não se faz mais nada com linha fina, não se tem tempo para isso, a artesã não dá conta e não tem preço porque ficaria muito caro. Hoje tem que ser tudo rápido, até o crochê. Os pontos são largos, grossos, linhas grossas. Hoje, todo mundo pode ter crochê.

Acho que meu crochê é genérico, o da minha mãe era autêntico. (NOVAES, Marlene. 2016 Entrevistas concedidas a Bianca Lemes).

Acima, a artesã Marlene, aponta, em sua fala, uma diferença entre o crochê feito antigamente e o crochê nos dias atuais, fazendo uma relação entre o tempo e o tipo de linha e, com isso, aborda valor econômico associado às peças. Essa associação entre o tempo/material e o valor pode ser vinculada à própria lógica do capitalismo e ao modo de produção vigente na contemporaneidade, sobretudo, às mudanças trazidas pela globalização.

Um conceito interessante que se faz pertinente apontar, nesse sentido, refere-se ao “hibridismo cultural”, de Canclini (1989), que trata o produto artesanal como “híbrido”, conforme apontado na página 28, do capítulo 1 desta dissertação. Segundo os autores, Gaglietti; Barbosa (2007), a América Latina passou por grandes influências culturais estrangeiras, desde sua colonização. Esse fato gerou processos de mesclagem, principalmente durante o século XX, a que eles denominam de “*aculturação, transculturação, heterogeneidade cultural, globalização e hibridismo*”. Eles resultam em processos e produtos de ordens simbólicas que, desde o final do século XV, concorreram para a formação dos países latino-americanos (p.2). Eles apontam Canclini (1989) como pioneiro no “hibridismo cultural” na América Latina que irá afirmar que o processo de hibridação “decorre da inexistência de uma política reguladora ancorada nos princípios da modernidade e se caracteriza como o processo sociocultural em que estruturas ou práticas, que existiam em formas separadas, combinam-se para gerar novas estruturas, objetos e práticas (GAGLIETTI; BARBOSA, 2007,p.3). Segundo Canclini (1989),

Los países latinoamericanos son actualmente resultado de la sedimentación, yuxtaposición y entrecruzamiento de tradiciones indígenas (sobre todo en las áreas mesoamericana y andina), del hispanismo colonial católico y de las acciones políticas, educativas y comunicacionales modernas. Pese a los intentos de dar a la cultura de élite un perfil moderno, recluyendo lo indígena y lo colonial en sectores populares, un mestizaje interclasista ha generado formaciones híbridas en todos los estratos sociales. Los impulsos secularizadores y renovadores de la modernidad fueron más eficaces en los grupos "cultos", pero ciertas élites preservan su arraigo en las tradiciones hispánico-católicas, y en zonas agrarias también en tradiciones indígenas. como recursos para justificar privilegios del orden antiguo desafiados por la expansión de la cultura masiva (CANCLINI, 1989, p.71).

Ainda segundo Gaglietti; Barbosa (2007), Canclini utiliza o termo “Cultura híbrida” fazendo o uso teórico tanto dos meios populares quanto do culto, tanto dos meios massivos de comunicação quanto dos processos de recepção e apropriação dos bens simbólicos em reflexões em torno do eixo tradição/modernidade/pós-modernidade. O entrelaçamento desses elementos veio a engendrar o que ele designou como “culturas híbridas”, combinando, sobretudo, os mais diversos campos de análise como antropologia, sociologia, artes e comunicação. (p.2-3).

Canclini (1989) aponta que a América Latina sempre reproduziu o que havia nos países de primeiro mundo, como uma economia baseada nos princípios do capitalismo. O desenvolvimento latino americano teria seguido uma lógica, segundo ele, “com um modernismo exuberante com uma modernização deficiente”(p.65).

Modernización con expansión restringida del mercado, democratización para minorías, renovación de las ideas pero con baja eficacia en los procesos sociales. Los desajustes entre modernismo y modernización son útiles a las clases dominantes para preservar su hegemonía, y a veces no tener que preocuparse por justificarla, para ser simplemente clases dominantes. En la cultura escrita, lo consiguieron limitando la escolarización y el consumo de libros y revistas. En la cultura visual, mediante tres operaciones que hicieron posible a las élites restablecer una y otra vez, ante cada cambio modernizador, su concepción aristocrática: a) espiritualizar la producción cultural bajo el aspecto de "creación" artística, con la consecuente división entre arte y artesanías; b) congelar la circulación de los bienes simbólicos en colecciones, concentrándolos en museos, palacios y otros centros exclusivos; e) proponer como única forma legítima de consumo de estos bienes esa modalidad también espiritualizada, hierática, de recepción que consiste en contemplarlos (Canclini, 1989, p. 67).

Canclini (1989) informa também que a “heterogeneidade multitemporal” da cultura moderna agiu diante da substituição do tradicional e do antigo, provocada pela industrialização e pela urbanização, fatores que vem influenciando até hoje a América Latina do final do Séc. XIX ao Séc. XX (p.72).

O depoimento das crocheteiras, revelou, ainda, outros indicadores: a necessidade de escoar a produção do crochê, assim como o maior incentivo por parte dos órgãos públicos para o artesanato da cidade. Apesar de o fator econômico ser importante, o encontro do grupo, por meio das feiras das quais participava, fortalece a rede de sociabilidade e de pertencimento que o ofício do crochê estabelece, trazendo ainda o reconhecimento e valorização, gerando a autoestima e orgulho pelo trabalho que exercem como artesãs.

Em Campanha falta incentivo, apoio. As feiras acabaram. Uma pena! Gostava sempre de encontrar quando tinham feiras aqui em Campanha. Pra uma mostrar seu trabalho pra outra. (NOVAES, Marlene. 2016)

Eu sinto falta pra todas, de poder expor, né? Muitas vezes, fica guardado, é difícil. Se tivesse um lugar, seria bom. A cidade é pequena, roda pouco dinheiro. Mais pra fora que a gente vende mesmo. (ALVES, Elene. 2016)

Já teve uma feira aqui no Fuhadão²⁶. Na época eu tinha cortina, colcha, vendia tudo. Eu acho que deveria ter de novo essa feira. Depois que vieram essas fábricas de tapetes pra cá acho que caiu muito. A gente podia até juntar as crocheteiras né? E ver o que acontece. Aqui em Campanha tem muito trabalho bom, e escondido, né? (FONSECA, Regina. 2016 Entrevistas concedidas a Bianca Lemes).

Foi constatada, ao final das entrevistas, a necessidade de maior incentivo por parte dos órgãos públicos da cidade para o artesanato local. Uma possível colaboração desta pesquisa talvez possa ser a de sensibilizar estes órgãos, em relação ao fato de que a feira possa se concretizar. Outra colaboração seria propor a criação de um canal na *internet* para vendas dos produtos, alcançando novos mercados e, sobretudo, a valorização e reconhecimento dos artesãos da cidade.

4.2. A parceria estabelecida com as artesãs

O relato abaixo apresenta-se como forma de contextualizar o início da parceria que foi estabelecida por meio do crochê. Foi o ofício, comum ao grupo e à pesquisadora, que fez com que houvesse, de fato, uma facilidade de entendimento, trocas e aproximação com as mulheres. Esse grupo específico de artesãs que tece para a Emerenciana existe desde a origem da grife, em meados de 2009, e se mantém ativo até os dias de hoje.

A grife Emerenciana, surge quando fui convidada para participar de uma feira de moda em Belo Horizonte, promovida por uma amiga que sabia que eu fazia crochê. Assustada com a quantidade de peças proposta pela feira, resolvi buscar ajuda em minha cidade, Campanha. Eu e minha mãe saímos batendo de porta em porta, telefonando para as amigas que indicavam nomes e mais nomes de artesãs do crochê. Assim, conseguimos um número razoável de mulheres para começar a produção. No início, tivemos muita dificuldade, uma vez que a grande maioria das artesãs não possuía o hábito de tecer roupas, pois faziam apenas objetos para

²⁶ Fuhadão – é um Ginásio esportivo de Campanha, onde acontecem onde acontecem práticas de esportes e também. alguns eventos solenes da cidade.

decorar a casa. Aos poucos, fomos nos adequando a essa nova ideia e, a partir daí, fomos errando, desmanchando, aprendendo e aperfeiçoando nossa prática. Foi um grande desafio e, ao mesmo tempo, um prazer. Estávamos todas contentes e cheias de vontade de trabalhar e, assim, nascia a empresa Emerenciana e com ela, a parceria com o grupo de artesãs do crochê. Emerenciana é o nome de minha avó e tataravó maternas. Sempre considerei esse nome forte e bonito e, assim, a escolha, veio como forma de homenagear minhas matriarcas, alinhavando as mulheres, a tradição e o crochê.

Figura 29: Primeiro evento com a participação da Emerenciana – Peças: coletes. Griffe Show, 2010, Minascentro - Belo Horizonte.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

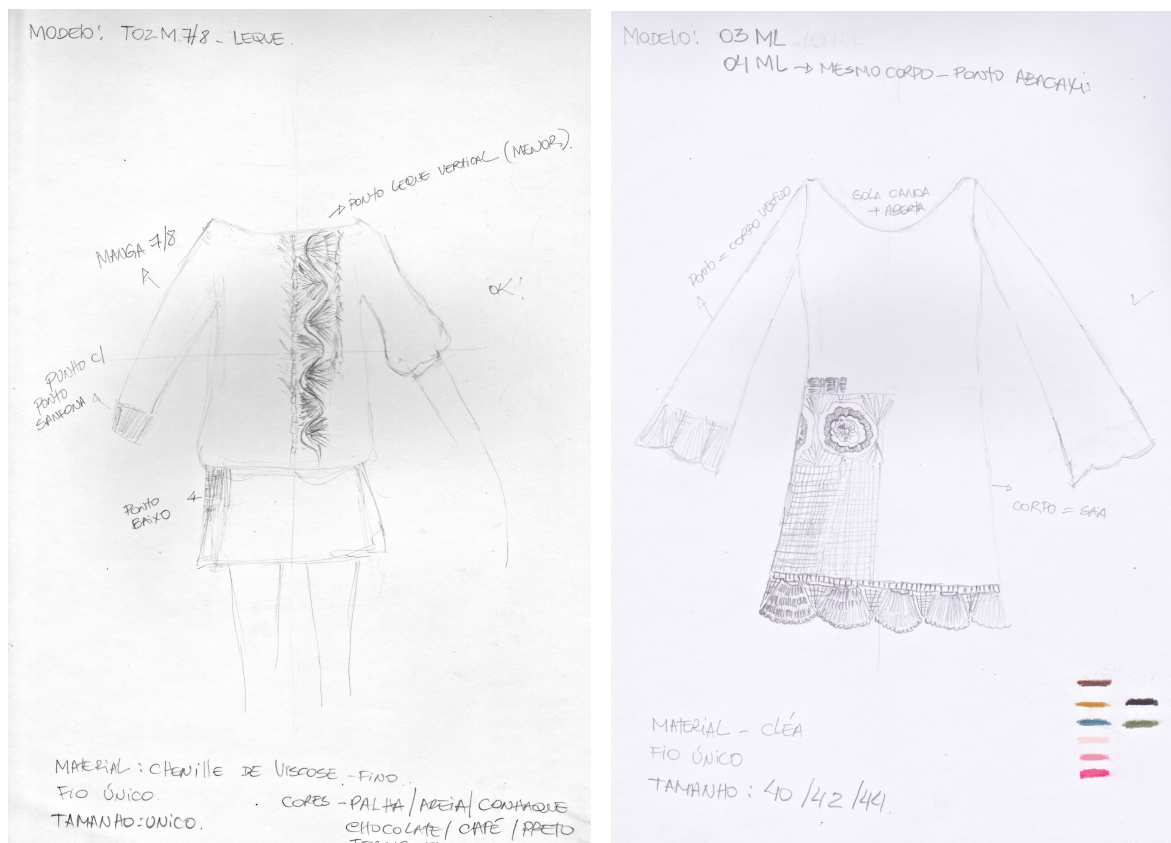
4.2.1. Novas formas de transmissão e de comunicação

Como apontado no Capítulo 2, uma nova forma de encontro vem se estabelecendo nos dias atuais por grupos de crocheteiras, o encontro virtual, pelas redes sociais como *Facebook*, *Instagram*, *Pinterest*, *Whatsapp*, *blogs* e *sites*.

Anterior ao uso dessas redes de comunicação, o contato com o grupo de crocheteiras era presencial (o que nem sempre era possível) ou por meio de desenhos feitos em papel, enviados via correio ou *e-mail*, apresentando um modelo com as informações a serem seguidas para a produção da peça. O contato era feito, ainda, por meio de conversa por telefone com uma mulher específica do grupo e esta, por sua vez, passaria as informações para as demais crocheteiras.

Dessa forma, nem sempre a informação chegava a todas as artesãs de maneira clara. Com o passar do tempo, e com o aumento do acesso às novas tecnologias, pesquisadora e artesãs aderiram ao uso de aplicativos, como o *Whastapp*, no qual envia-se mensagens com imagens, voz e vídeos, facilitando e agilizando a transação das informações. Assim, essa é hoje uma das principais formas de comunicação adotada entre as artesãs e a pesquisadora para a troca de pontos, imagens de peças, discussão de dúvidas sobre o crochê, fazendo com que os mesmos desenhos cheguem a todas as artesãs de forma imediata.

Figura 30: Desenhos de vestidos com referência de pontos, medidas e linhas usados pela Emerenciana.



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2012).

Figura 31: Desenhos de blusas com referência de pontos, medidas e linhas.

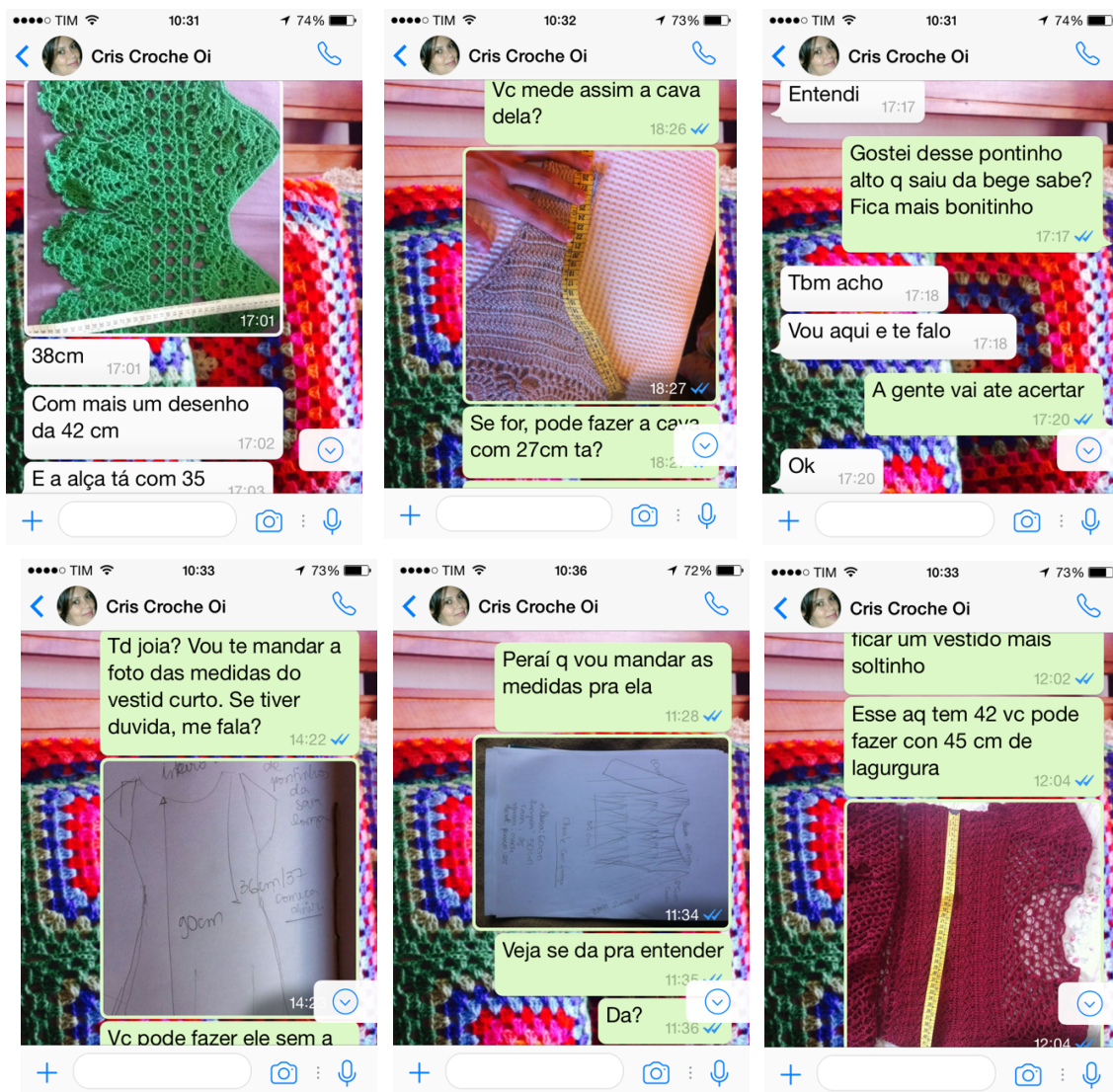


Fonte: Arquivo pessoal da autora (2012).

Desse modo, o grupo passou a se comunicar mais e criou uma forma muito particular na comunicação e na transmissão dos conhecimentos e dúvidas, por meio de desenhos e códigos próprios. Essa particularidade na comunicação ajudou a identificar os próprios pontos, criando nomes para os modelos e pontos, que são transmitidos, em segundos, via celular ou computador, umas para as outras, facilitando muito o trabalho.

Abaixo, são expostas algumas conversas, do aplicativo *Whatsapp* entre pesquisadora e artesãs, trocando informações sobre o tamanho, medidas e dúvidas para a produção de algumas peças.

Figura 32: Captura de tela (aplicativo Whatsapp). Registo de conversas entre pesquisadora e a artesã Cristiane Melo - 2016 e 2017.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 33: Captura de tela (aplicativo Whatsapp). Registo de conversas entre pesquisadora e a artesã Marta Pereira - 2016 e 2017.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

A revisão bibliográfica apresentada no primeiro capítulo pode ser reforçada na maneira como a tradição se adapta às mudanças da sociedade, sem se perder. O crochê, como um saber-fazer tradicional, vem sendo transmitido se adaptando às vias contemporâneas de comunicação. Estas tornam-se instrumento positivo no fomento e na manutenção do ofício na realidade do grupo, sendo de fácil acesso e proporcionando conhecimento e troca de informações.

4.2.2. O processo

O processo de fabricação das peças inicia-se com um desenho, no qual é proposto o modelo, o ponto e o tamanho a ser tecido. Depois, é repassado para cada uma das mulheres do grupo. Durante a parceria, foram detectadas pela pesquisadora as particularidades de cada artesã, tornando-se evidente a maneira como cada uma deseja trabalhar. Assim, a produção é direcionada de acordo com afinidade individual de cada mulher, seja em relação ao tipo, cor e espessura de linha ou a um determinado estilo de ponto e modelagem e, ainda, ao mesclar técnicas de crochê e tear. Dessa forma, as mulheres também têm autonomia e liberdade de propor intervenções na peça, por meio das próprias experiências e técnicas. Elas colaboram e apontam outros caminhos, imprimindo sua marca individual como artesã e atuando não apenas na produção, mas também como participante no processo de criação.

4.2.3. A tradição e novo olhar

A pesquisadora aponta que, desde sua graduação em Artes Plásticas pela Escola Guignard em 2010, já se questionava sobre a ausência dos “ofícios” dentro da Universidade. Segundo ela, não havia dentro Escola, nenhuma disciplina que abordasse técnicas manuais, como marcenaria, tecelagem, crochê ou bordados, motivo que pode ser explicado pela complexa discussão sobre o que é arte e o que é artesanato. Os ofícios são vistos, pela ótica da arte, como artesanato e não como arte. Essa questão, segundo Canclini (1989, p.75,76) se liga ao fato de que estereótipos estéticos ligados ao “culto” da arte separam uma aproximação com a arte “de massas”, assim, ele aponta que os setores dominantes controlam os códigos do “bom gosto” consagrados por eles mesmos, sendo signo desse distanciamento e que, portanto, os objetos artesanais são vistos sob uma ótica de cursos de arte popular e as obras de arte feitas para as bienais de arte.

Figura 34 - Casa casulo



Figura 35 - Casa casulo



Título: Casa casulo. Técnica: crochê. Algodão e malha. Exposição formandos em escultura. Escola Guignard- 2010. Bianca Lemes. Foto: Fred Carvalho.

Como professora de Artes visuais, a pesquisadora relata que vem trabalhando com seus alunos práticas de esculturas, usando como matéria a linha e envolvendo o uso da técnica do crochê como um forma de construção do objeto. Afirma que é sempre curioso o modo como os alunos respondem positivamente à proposta, mesmo sem dominar a técnica. Assim, ela aborda que o uso do saber tradicional do crochê passa a ocupar um outro lugar dentro das artes e da moda, como vem acontecendo na parceria entre o grupo de crocheteiras e a Emerenciana. Assim, leva o olhar para além dos objetos tradicionalmente tecidos apenas com a função de decoração.

As peças em crochê tecidas pelas artesãs, anteriormente à parceria com a Emerenciana, eram artigos voltados para casa, tais como jogos de banheiro, “caminhos de mesa” também conhecidos como “centros de mesa”, tapetes, bicos em panos de prato, toalhas, almofadas e roupinhas para bebê.

A colaboração entre a grife e o grupo propunha, desde o início, a produção de peças que enfoquem o vestuário em variados modelos. Havia também a proposta de empregar linhas diferenciadas, sem deixar, no entanto, de usar como referência os tradicionais pontos do crochê, unindo, assim, a tradição e a moda.

No início da parceria, a pesquisadora relata que teve dificuldade nas primeiras produções junto ao grupo, uma vez que a maioria das mulheres não tinha o hábito de fazer roupa, e, dessa forma, também não conheciam sobre a “modelagem” das peças de crochê. Ela afirma que fazer uma modelagem de uma peça para ser produzida em tecido é diferente do crochê. O caimento é outro, o peso, o desenho, enfim, tudo deve que ser pensado de outra forma. Assim, aponta que, entre trocas, descobertas, acertos e erros, ela e o grupo foram entendendo que o trabalho manual tem suas particularidades também na produção e que uma peça tecida manualmente nunca sairá idêntica a outra, o que a torna especialmente única.

Segundo a pesquisadora, alguns casos curiosos e até engraçados ocorrem no grupo quanto às novas referências estéticas que chegam ao grupo. Ela recorda um momento em que havia repassado para Dona Terezinha, uma mestra no tear e no crochê, uma blusa desenhada no papel e um rolo de linha muito grossa, que as fábricas usavam para tecer tapete em Campanha, e que quando a artesã olhou para a linha, disse: -“Nossa! Isso aqui é para tecer uma blusa? Será que vai dar certo?” . Em outro caso, escutou de uma outra artesã: - “Essa blusa é para fazer assim mesmo? Tem certeza? Mas vai ficar muito esquisita! (risos)”. A pesquisadora aponta sua ousadia em trabalhar com linhas e modelos muito diferentes, mas relata que as artesãs sempre ficam curiosas para ver as peças prontas e que elas mesmas acabam se surpreendendo positivamente com os resultados.

Desta forma, essas peças tecidas para o vestuário irão trazer para o grupo um novo olhar estético para seu trabalho, indo além das referências do crochê tradicional. Essa nova proposta vem trazendo, para o grupo de artesãs (acostumado a trabalhar com artigos para casa), outros padrões e particularidades, agregando um outro olhar estético associados ao crochê tradicional, possibilitando enfrentar novos desafios e aumentando as possibilidades de ampliarem seus conhecimentos e ganho econômico, o que traz entusiasmo para o trabalho do grupo.

Figura 36: Blusas Emerenciana.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Belo Horizonte, 2012.

Figura 37: Blusas Emerenciana.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Belo Horizonte, 2012

Figura 38: Blusas Emerenciana.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Belo Horizonte, 2012

Figura 39: Vestido Emerenciana.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Belo Horizonte, 2013.

Figura 40: Vestidos Emerenciana.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Belo Horizonte, 2013.

Essa nova estética foi estranhada à primeira vista pelo grupo, devido ao uso de novos materiais para tecer e às novas referências de imagens, focando a moda. Entretanto, também lançou o olhar de novas possibilidades para o grupo, proporcionado às mulheres, ousar, criar e inovar também em seus trabalhos, o que traz um novo viés para as peças de crochê que elas produzem e possibilita, sobretudo, maior espaço no mercado.

4.2.4. Mídias, mercado e o crochê – valorização do produto, crescimento e novas expectativas

A demanda da produção de crochê para o grupo acontece hoje junto à grife Emerenciana com a venda dos crochês em feiras e eventos e também por meios de sites, blogs, páginas em redes sociais. Desse modo, parceria se sustenta e abre novos mercados para um público diversificado, cada vez mais interessado em produtos que tenham a delicadeza e particularidade do trabalho feito à mão. A grife tem a preocupação de levar para os eventos, por meios de suas vendedoras e mesmo pela pesquisadora, a história de como se iniciou a parceria com as mulheres do Sul de Minas, como foi relatado no início deste capítulo.

Abaixo, folders de alguns dos eventos que na qual a grife participou em Belo Horizonte:

Figura 41: Anúncio da feira Griffeshow.



Fonte: Griffeshow (2012).

Figura 42: Folder virtual com anúncio de bazar - Belo Horizonte.



Fonte: Arquivo pessoal da autora(2016).

Figura 43: Stand da Emerenciana montado na feira Griffe Show- 2010. Local: Minascentro, Belo Horizonte.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 44: Detalhe Stand - feira Diversa – 2015. Nova Lima- MG.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Figura 45: Peças da Emerenciana em eventos, divulgadas na Internet.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Belo Horizonte, 2014

Juntamente ao surgimento da empresa Emerenciana, houve uma parceria entre um profissional do design, que criou a “identidade visual” da marca. Assim, colocou em evidência as características do produto, como a força que o nome tinha devido à tradição que veio da família ou até mesmo a menção ao feminino e à delicadeza do trabalho feito à mão. Nesse sentido, Krucken (2009) afirma que uma parceria entre o profissional do design e as pequenas comunidades otimizará a forma como os produtos chegam até o mercado. “Para dinamizar os recursos do território e valorizar seu patrimônio cultural imaterial, é fundamental reconhecer e tornar reconhecíveis valores e qualidades locais. Essa é uma das principais tarefas do designer” (KRUCKEN, 2009, p.18).

Assim, foram elaborados a logo da Emerenciana, cartões de visita, etiquetas para serem costuradas às peças, etiquetas para embalagens, um site com fotos e contatos e uma etiqueta para ser fixada nas peças que contém as formas de lavagem, modo de passar e secagem, tipo de material usado como matéria prima e o site da marca, para que o cliente tenha acesso às redes sociais.

Figura 46: Logo Emerenciana.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Belo Horizonte, 2010

Figura 47: Cartões para afixar nas peças – referências do modo de lavar, passar e o tipo de material.



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Belo Horizonte, 2010

A parceria entre designer e a marca possibilitou que o produto se lançasse ao mercado com uma apresentação particular, atingindo, com isso, um campo maior de visibilidade dentro da moda e frente às mídias. Dessa maneira, proporciona a acessibilidade junto ao mercado e ao público consumidor e amplia, sobretudo, as vendas e a divulgação das peças.

Em uma referência quanto à valorização e qualidade dos produtos locais, Krucken (2009) aponta que se associam ao produto, devido a um conjunto de valores: funcional ou utilitário, ambiental, emocional, simbólico e cultural, social e econômico. Segundo ela:

estimular o reconhecimento das qualidades e dos valores relacionados com um produto local – qualidades referentes ao território, aos recursos, ao conhecimento incorporado na sua produção e à sua importância para a comunidade produtora - é uma forma de contribuir para tornar visível à sociedade a história por trás do produto (KRUCKEN, 2009, p.22).

A autora também afirma que esse reconhecimento vem acontecendo em entre consumidor e produtores, sobretudo por parte dos consumidores em uma “busca crescente de produtos saudáveis e autênticos, cuja história seja ‘rastreadável’ e apreciável em termos da sustentabilidade socioambiental e econômica.” (p.23). E em

relação aos produtores (ou das comunidades locais) – “relacionado à necessidade de desenvolver estratégias associando ‘valor de mercado’ aos produtos locais, condizente com o valor que esses produtos têm para a comunidade de que provêm” Krucken (2009, p.23). Nas peças em crochê, geradas pelo saber-fazer das mulheres crocheteiras, estão também agregados valores em seus diversos aspectos, seja social pela figura do artesão, seja econômico, gerando renda e sustento para o grupo.

5. ARREMATE, ACABAMENTO E CONSIDERAÇÕES FINAIS.

O saber-fazer do crochê da artesãs do Sul de Minas, realizado no âmbito doméstico, traz independência financeira e afirma o papel dessas mulheres como chefes da família por meio do artesanato que produzem. Como artesãs autônomas, dedicam horas do seu dia ao ofício do crochê e também a trabalhos da casa como cuidar de seus filhos. Para elas, o trabalho no espaço da casa é um privilégio, além de ser cômodo e prazeroso, visto que podem tecer quando querem, organizando e tendo domínio da própria produção. Ganhar o próprio dinheiro com o ofício que exercem dá ao grupo empoderamento frente à sociedade e à sua família, fazendo que as mulheres sejam, assim, reconhecidas e valorizadas.

Pelo viés do empoderamento, o ofício do crochê é um instrumento de independência, voz e pertencimento social dessas mulheres por meio das vendas das peças e pelos demais fatores individuais e coletivos implícitos ao fazer artesanal. Assim, empoderar é dar voz ao grupo, detectando, também, os problemas enfrentados como artesãs. A fala de Dona Terezinha coloca um fator muito interessante sobre o saber-fazer. Ela afirma que “as filhas não estudaram, mas que sabem fazer um crochê”(MELO, 2016). Dessa forma, nota-se o quanto o saber-fazer tem grande valor para essa família. Ele é fruto deixado pela matriarca para as filhas enquanto “conhecimento” transmitido pela tradição. É, também, o meio pelo qual elas ganham a vida, “*sendo independentes*”, afirma, uma vez que ela e as filhas não gostam de depender financeiramente dos maridos e preferem fazer seus crochês para obterem renda.

O saber-fazer crochê faz parte da tradição ao relacionar o passado com o presente. A tradição existe, ainda hoje, no dia a dia dessas mulheres entrevistadas, passando o saber ao longo do tempo pelas matriarcas da família e, conforme apresentado, nesta pesquisa, constatou-se um vínculo comunitário estabelecido pelo artesanato, no qual o grupo de mulheres crocheteiras, possui o hábito de se “encontrar para tecer”, fator, que será importante tanto para a permanência do ofício quanto para a sociabilidade. Entretanto, verificou-se que a tradição perdura não apenas pela transmissão direta entre as mulheres do grupo entrevistado, mas por uma “nova” forma de difundir o saber, pelas mídias contemporâneas, fortalecendo sua permanência uma vez que, se adapta frente às mudanças da sociedade, tornando-

se parte do presente, da memória e das novas maneiras de transmissão que ocorrendo entre as crocheteiras. Nessa perspectiva, deve-se olhar para os valores do “saber-fazer” do crochê, em que não somente o produto gerado é importante, mas a permanência e transferência do “ofício”, por meio das crocheteiras, afirmando os valores culturais, sociais e da identidade local. Dentre esses valores, o encontro de mulheres revelam trocas e adição de saberes, revalorizando quem o faz e reafirmando e sustentando a tradição. O encontro é lugar de aprendizado, de aperfeiçoar as práticas e momento de afeto entre o grupo. Lugar de se “identificarem” por meio de um saber-fazer comum a todas, gerando assim, a afirmação da própria identidade e sentimento de pertencimento social, aumentando a auto estima e proporcionando bem estar à essas mulheres.

Essa outra forma de estar no coletivo ocorrendo pelo “encontro virtual”, no qual, a Internet é a mediadora na transmissão do saber, extrapolando o espaço doméstico e proporcionando trocas de saberes e a venda dos produtos das artesãs. A pesquisadora coloca que vem acompanhando, pela rede social do Facebook, outros grupos de mulheres na América do Sul, em países como Bolívia, Chile, Colômbia e Argentina e percebido que neles, também existem mulheres que se encontram de forma presencial e via Internet, tendo o crochê e mesmo as tecelagens tradicionais locais, como ponto comum para se encontrarem.

A Internet abre, para essas artesãs do crochê, uma nova forma de comunicarem entre si que independe da distância ou horário. Neste espaço virtual, identificam-se como grupo, tendo em comum, o interesse pelo crochê. Lugar onde existe relação de troca, conhecimento, amizade, confiança e afeto sendo ainda o lugar no qual expõem e vendem suas peças seja para pessoas próximas, seja para pessoas distantes, no mundo inteiro. Dessa maneira, notou-se que não ocorrerá o desaparecimento do crochê, mesmo perante às mudanças na sociedade, pelo contrário, sua transmissão vem sendo ampliada, uma vez que se adequa às mídias contemporâneas por meio do encontro virtual.

O fator de mudança desse novo tipo de encontro virtual, associa-se sobretudo, à questão da globalização, ocorrendo desde a revolução industrial, na qual muda-se a forma de produção e também as relações sociais. Nesse sentido, entretanto, Hall (2005,p.78) coloca que “embora pareça improvável que a globalização vá

simplesmente destruir as identidades nacionais. É mais provável que ela vá produzir, simultaneamente, *novas* identificações ‘globais’ e *novas* identificações ‘locais’”.

Constatou-se que o crochê não é um produto tipicamente Campanhense ou Tricordiano, embora, esteja fortemente presente no cotidiano e na tradição de várias mulheres dessas cidades. No entanto, ele pode ser considerado um produto/fazer regional do Sul de Minas que vem acompanhando as histórias familiares e mesmo social de muitas mulheres, sendo ainda, sustento e forma de ganhar a vida, tornando pertinente sua valorização e reconhecimento tanto como produto, quanto como ofício.

Ao dar voz a esse grupo de mulheres, detectando os problemas enfrentados pelo grupo, a parceria com a pesquisadora torna-se um meio de dar solução às dificuldades. Nota-se por meio dessa atuação, uma troca, uma cooperação entre as partes para a resolução de um problema, no qual segundo Thiollent (2011), o pesquisador atua na própria realidade dos fatos observados, no qual ciência e saber-popular estarão fundidos em uma só atuação. Nesse caso, a metodologia da pesquisa-ação ocorre de forma positiva uma vez que o próprio grupo vai expondo, mesmo que por entrelinhas, seus problemas.

Foi descoberta ainda, durante a fala das entrevistadas, a necessidade de escoarem a produção do crochê e na falta de incentivo dos órgãos públicos para o artesanato local. Assim, a pesquisadora vem buscando uma parceria junto à Secretaria de Turismo propondo a retomada da feira de artesanato aos domingos na cidade, no qual, segundo as entrevistadas, o evento já acontecia com êxito no município. Ficou evidente nas falas das artesãs, o desejo em participar desse tipo de evento, não apenas como forma de venda de seus produtos (tendo o trabalho reconhecido e valorizado), mas como forma de encontro social. Na parceria com as mulheres e a Emerenciana, a pesquisadora vem agindo de forma a ampliar o mercado das vendas dos crochês também participando de feiras e eventos, possibilitando ganho financeiro para o grupo e colocando o crochê feito por essas mulheres frente a um público consumidor que valorize o trabalho artesanal.

A parceria entre as mulheres e a Emerenciana trouxe uma nova utilização para o crochê destas mulheres, que antes servia como enfeite e utilitários para casa. Para elas, inserir-se no campo na moda propiciou ampliar as possibilidades estéticas e de

experimentações assim como impulsionou ter maior ganho de mercado onde o crochê se tornou um produto voltado para um público diferenciado que vem entendendo o valor do trabalho feito à mão por meio dessa relação produtor e consumidor que a marca vem buscando. A parceria traz ainda um novo campo, um mercado que para elas não existia, aprimorando a produção das peças e mesmo a qualidade do produto, impulsionando com isso as vendas, ao mesmo tempo agrega junto à experiência de cada uma delas novas possibilidades estéticas para as peças produzidas, seja nos modelos ou no tipo de matéria-prima a ser utilizado.

Percebe-se um público cada vez mais se interessa por saber quem são essas artesãs, como foi feita a peça e muitas vezes, acabam contando suas próprias histórias ou de alguém da família que faz ou fazia crochê, avós, mães e tias. Para essas mulheres, estar nessas feiras com o crochê, é o ápice do reconhecimento e da valorização. Esse processo da venda, mostra também o quanto o trabalho feito é apreciado e desejado pelas pessoas propiciando uma enorme satisfação e prazer e auto estima entre todo o grupo.

Outro ponto relevante colocado pela pesquisadora revelou que, durante os anos de parceria entre as mulheres, o dinheiro obtido com as vendas do crochê possibilitou ampliar o acesso às tecnologias, por exemplo, com a compra de um computador para guardarem as fotos de referências sobre o crochê. Ter acesso às tecnologias, fez com que grupo fosse também crescendo e melhorando suas práticas e às novas oportunidades oferecidas via Internet: pelo encontro virtual na redes sociais e também por meio de vídeos explicativos e de fácil acesso com conteúdos sobre o crochê. Favoreceu a algumas mulheres do grupo criarem, por meio de suas redes sociais, canais para venderem seus produtos, até mesmo, no setor de vestuário, recebendo encomendas via Internet, as quais enviam para várias partes dos Brasil.

Assim, as tecnologias, de um modo geral, trazem reflexos positivos ao saber-fazer e ao produto, fruto do saber das artesãs, acompanhadas de conhecimento por meio de cursos, vídeos explicativos, trocas entre os grupos de mulheres ajudando a fomentar a manutenção e a transmissão do crochê e também favorecendo a ampliação das venda das peças.

Outro ponto interessante notar nesse grupo de mulheres é o “reconhecimento” que elas têm na cidade por fazerem crochê. Segundo a pesquisadora, quando

caminhava rumo às suas casas das artesãs, durante as entrevistas, perguntava onde ficava a casa de determinada crocheteira, era rápida a identificação do ofício ao nome artesã. Assim, durante as entrevistas, revelou-se que há uma grande quantidade de mulheres que “anonimamente” fazem crochê na cidade, e aponta que, provavelmente, hoje, exista mais de 100 mulheres que exercem o ofício do crochê em Campanha. Fato confirmado já que, cada artesã, se referia a várias outras como uma grande rede coletiva e conexa pelo crochê na cidade.

Constatou-se que o ofício do crochê carrega consigo valores para além das peças tecidas; ele fomenta o encontro de mulheres, a conversa, as trocas de conhecimento, de melhoramento das práticas, fortalecendo a identidade e a própria sustentabilidade do ofício por meio da transmissão e das vendas das peças em crochê, trazendo sentimento de auto estima e de pertencimento na comunidade onde vivem. A transmissão do saber-fazer acontece entre as mulheres, sejam filhas, netas, amigas, ou a quem se interessar a aprender, em uma “transmissão contínua” confirmando a questão da tradição do saber no grupo.

O patrimônio cultural de um povo é um conjunto dos seus fazeres, saberes, produtos, práticas e expressões. Preservar esses bens em uma comunidade é fortalecer o grupo, sua história, memória, identidade, tradição, pertencimento do indivíduo e ampliação da cidadania. Com a ampliação do termo patrimônio ocorrendo desde a década de 80, volta-se o olhar também para o patrimônio imaterial ligado aos saberes, às habilidades, crenças, práticas e aos modos de ser das pessoas.

Pelo viés do patrimônio imaterial depara-se com a valorização do saber-fazer, frente ao sistema econômico atual, com a constante exploração do trabalho manual, refletido sobretudo, na desvalorização da mão de obra, ou seja, do artesão. Em contrapartida a esse sistema, encontram-se artesãos que ganham suas vidas com o artesanato que produzem e, sobretudo, de forma prazerosa, refletindo sua maneira de estar no mundo. Valorizar o saber-fazer do ofício, é também olhar para quem o faz, o artesão, sendo capaz de gerar auto estima, sentimento de pertencimento local, encontro social e também realização financeira. A coleta de dados, constatou que o saber-fazer em toda sua amplitude de fatores, valoriza o grupo de mulheres

crocheteiras, trazendo sobretudo, os valores do patrimônio como a tradição e suas relações com a atualidade.

A pesquisa trouxe uma reflexão a cerca do saber-fazer do crochê de um grupo de crocheteiras do Sul de Minas que herdaram o ofício de suas gerações anteriores e ainda hoje, por meio da tradição, continuam transmitindo o fazer, acompanhando as mudanças que ocorrem na sociedade, sob uma nova maneira de transmissão, pelo viés das mídias contemporâneas. Saber-fazer que se dá pelo trabalho manual existente desde os primórdios da existência do homem e sendo associado, no decorrer da história, à figura feminina, quase sempre sob uma ótica de pensamento paternalista da sociedade. O saber-fazer vem trazer, sobretudo, o modo como essas mulheres do grupo se relacionam entre si e com a comunidade, valorizando as questões sobre identidade e do sujeito, por meio do fazer.

Fatores comuns foram encontrados nas duas etapas de análise, como por exemplo, a questão do encontro entre mulheres, proporcionando a socialização, o afeto, assim como a troca de informações, permitindo o melhoramento das suas práticas, ampliando os conhecimentos e também fomentando o ofício do crochê. Outro fator comum, refere-se à questão econômica, no qual as peças tecidas são vendidas em casa, pela Internet ou em eventos como feiras, esta, no caso da parceria que ocorre com a Emerenciana. Um terceiro fator recorrente nas duas análises é que o crochê por meio da tradição, vem ser o elo de ligação entre as mulheres do grupo e a pesquisadora, projetando seu valores da figura do artesão para a sociedade e também para o mercado.

Os resultados apontam que o saber-fazer vem fortalecendo a identidade do grupo de mulheres crocheteiras seja no encontro social, virtual, nas vendas das peças e pelo próprio fazer, consolidando as relações sociais, culturais e da tradição implícitas ao fazer. Assim, ele fomenta a auto estima e traz para elas a sensação de pertencimento social e o empoderamento fazendo com que estas mulheres tenham o artesanato como forma de resistência e independência, passando ser a voz de como essas mulheres se expressam e estão no mundo. Retomando o pensamento de Canclini (1989), devemos olhar o artesanato como um processo e não apenas seus objetos em si mesmos, assim, focar nas relações sociais do processo artesanal.

É importante ressaltar que as parcerias estabelecidas entre o artesanato e as demais áreas como artes plásticas, design e moda podem se tornar meios positivos para que o produto gerado pelos artesãos possa ter um maior valor agregado para ser projetado no mercado ao destacar as características peculiares do trabalho manual voltando-se também para as questões humanas, sociais e da tradição implícitas ao produto artesanal. Essa parceria para a valorização do artesanato, deverá ter apoio, sobretudo dos órgãos governamentais e locais uma vez que seus resultados manifestam-se diretamente na própria construção da cidadania.

Não posso deixar de expressar meu sentimento de alegria e gratidão, pelas mulheres crocheteiras, na forma carinhosa como fui recebida nas casas, sempre com muito cuidado, atenção e muitas vezes, acompanhado de bom cafezinho e quitandas. Como crocheteira, pude entender exatamente o que elas diziam ao falarem com ternura das avós, das mães, de recordarem da infância, dos primeiros pontos, das linhas retiradas do saco de açúcar e clareadas para tecer, dos primeiros erros dos pontos, do prazer em ver a linha se transformando nos primeiros desenhos tecidos, da alegria em aprender o crochê. Foram tantas memórias bonitas e com tamanha riqueza de detalhes que me apresentaram, que ficava difícil não se emocionar. Como pesquisadora, fui percebendo que haviam muitos aspectos velados sobre o ofício do crochê, no universo dessas mulheres. Para elas, conversar sobre o crochê, foi apenas mais uma boa prosa que rodeia seus encontros, somado a isso, o prazer de relembrar as histórias e de mostrar as peças que fizeram. Falar sobre o crochê foi também pensar sobre o ofício, fazendo-as voltar para o próprio fazer e sua tradição, sobre o que é ser artesã e o orgulho de ganhar seu dinheiro com o ofício que exercem com amor, para algumas, visto como profissão e para outras, como um grande prazer. Então, nosso encontro, foi um momento muito bonito, prazeroso e de trocas. Elas estavam à vontade, e foi com esse clima descontraído, cheio de lembranças e histórias que fomos conversando sobre o crochê. Pude observar ainda, que em cada casa, havia sempre uma peça de crochê como decoração: almofadas no sofá, um tapete no chão ou uma colcha bonita sobre a cama, revelando o quanto o crochê faz parte do dia a dia da vida dessas mulheres.

O ofício do crochê pertencente à tradição de um grupo de mulheres, pode sofrer constantes processos de modificação ao longo do tempo, se adequando às mudanças da sociedade, contudo, sem se deixar perder. Processo que vem

ocorrendo pelas novas formas de transmissão do saber-fazer pelas mídias contemporâneas referenciadas nesta pesquisa, pela Internet, por meio das redes sociais, aplicativos de celulares, blogs e vídeos, fazendo com que haja transferência de conhecimento, encontro e também momento de afeto por meio de um grupo coletivo fomentando a tradição e a difusão do crochê e, ainda, proporcionando ao grupo ampliar suas possibilidades de ganho econômico com as vendas de suas peças. Reconhecer e valorizar o saber-fazer é trazer à tona referências da cultura de um povo, frutos de um saber popular, tendo como marcas passadas e atuais, a memória, dentro de um grupo comunitário com identidade própria.

REFERÊNCIAS

ARANTES, A. Antonio. **Mestres-artesãos-Oficina de arte popular brasileira**. SESC Belenzinho, São Paulo. Agosto de 2000. Programa de Artesanato e Geração de Renda do Conselho da Comunidade Solidária. Coordenação editorial e texto: Álvaro Machado. Fotos: Eder Chiodetto. Pesquisa: Alvaro Machado e Rubens Matuck. Projeto gráfico: Victor Nosek.

BARBOSA, Vera Lúcia Ermida. **Mulher e Artesanato: as artesãs do povoado do Bichinho/Prados-MG**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2014.

_____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Intr. org., sel. e trad. Sergio Miceli. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BRASIL. **Decreto nº 5.753, de 12 de abril de 2006**. Promulga a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, adotada em Paris, em 17 de outubro de 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/decreto/d5753.htm>. Acesso em: 19 jun. 2016.

BRASIL. **Decreto nº 3.551, de 4 de agosto de 2000**. Institui o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial que constituem patrimônio cultural brasileiro, cria o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D3551.htm>. Acesso em: 27 ago. 2016.

BRASIL. **Portaria SCS/MDIC nº 08 de 15 de março de 2012**. Torna pública a atualização do rol das técnicas de produção artesanal. Disponível em: <<http://smpe.gov.br/documentos/portaria-no08-e-respectivo-anexo-de-tecnicas.pdf>>. Acesso em: 16 fev. 2016.

BRASIL. Secretaria de Governo. **Programa do Artesanato Brasileiro (PAB)**. Disponível em: <<http://www.secretariadegoverno.gov.br/micro-e-pequena-empresa/assuntos/programa-do-artesanato-brasileiro>>. Acesso em: 16 fev. 2017.

BRUSCHINI, Cristina. **Trabalho doméstico: inatividade econômica ou trabalho não-remunerado?** IN: *R. bras. Est. Pop.*, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 331-353, jul./dez. 2006 .

BRUM, Marli; EGGERT, Edla. **O bordado de Wandschoner em Ivoti**. In: *Processos Educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul*. EGGERT, Edla (organizadora). 1ª ed. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.P.25. ISBN: 978-85-7578-300-9.

CAMPANA, Humberto. Humberto Campana fala sobre transformação social e representação da identidade brasileira. **Revista Bamboo**. Disponível em: <<http://bamboonet.com.br/posts/humberto-campana-fala-sobre-transformacao-social-e-representacao-da-identidade-brasileira>>. Acesso em: 20 fev. 2017.

CAMPANHA. **Prefeitura de Campanha**. Disponível em: <<http://www.campanha.mg.gov.br>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Las culturas populares en el capitalismo**. Nueva imagen. Cuarta ed. México, 1989

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidade**. Editorial Grijalbo. México, 1989.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **Patrimônio cultural: conceitos, políticas, instrumentos**. São Paulo: Annablume, Belo Horizonte: IEDS, 2009.

CASTRIOTA, Leonardo Barci. **A questão da tradição: Algumas considerações preliminares para se investigar o saber-fazer tradicional**. In: FORUM PATRIMONIO: ambiente Construído e Patrimônio Sustentável. Paisagem Cultural. Belo Horizonte, v.7, n.1. Jan / Jun. 2014 ISSN 1982-9531

COOPERATIVA DE TRABALHO ARTESANAL E DE COSTURA DA ROCINHA (COOPA). **Parceria entre Artistas plásticos, designers e estilistas**. Disponível em: <<http://www.acasa.org.br/expo/design+artesanato/>>. Acesso em: 20 fev.2017.

CUNHA, Aline Lemos; EGGERT, Edla. **O ensino do crochê de grampada como possibilidade emancipatória para mulheres negras em Rio Grande, RS**;In: Processos Educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul. EGGERT, Edla (organizadora). 1ª edição. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.P.25. ISBN: 978-85-7578-300-9. P. 58-74.

D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. In: M. DEL PRIORE, História das Mulheres no Brasil (pp.223-229). 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997

FACEBOOK. **Cantinho do artesanato Dias**. Disponível em: <<https://www.facebook.com/cantinhodoartesanato.dias?fref=ts>>. Acesso em: out. 2016.

FACHONE ,Savana Leão. **Design e artesanato: o sentido do fazer manual na contemporaneidade**. Dissertação de Mestrado. Universidade Anhembi Morumbi. São Paulo. Setembro. 2012.

FAZER CROCHÊ. **História do crochê**. Disponível em: <<http://fazercroche.blogspot.com.br/p/historia-do-croche.html>>. Acesso em 23 ago. 2016.

FIGUEIREDO, Luciano. **Mulheres nas Minas Gerais**. In: M. DEL PRIORE, História das Mulheres no Brasil (pp.141-180). 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

FINE CROCHÊ. **Conheça a história do crochê**. Fonte: Disponível em: <<http://www.finecrochet.com.br/pagina/15298/conheca-a-historia-do-croche.html>>. Acesso em: out. 2016.

GALERIA ZIPPER. **Artista Carolina Ponte**. Disponível em: <<http://www.zippergaleria.com.br/pt/#artistas/carolina-ponte/>>. Acesso em: 21 fev. 2017.

GAGLIETTI, Mauro; BARBOSA, Márcia Helena Saldanha. **A Questão da**

Hibridação Cultural em Néstor García Canclini. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação VIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Sul – Passo Fundo – RS. 2007

GIULANI, Paola Cappelin - **Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira.** In: M. DEL PRIORE, História das Mulheres no Brasil. p.(645-649). 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997

GOOGLE. **Página de pesquisa.** Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?sourceid=chrome-psyapi2&ion=1&espv=2&ie=UTF-8&q=v%C3%ADdeos%20ensinando%20croc%C3%AA&oq=v%C3%ADdeos%20ensinando%20croc%C3%AA&aqs=chrome..69i57j0l2.4298j0j4>>. Acesso em: jan. 2017.

GRIFFE SHOW. **Folder feira 2012.** Disponível em: <<http://www.griffeshow.com.br/site/>>. Acesso em: 22 fev. 2017.

HÄKELN- LERNEN SCHRITT FÜR SCHRITT. Alemanha: Helene Hucke, 1984).

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade/** tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HERRERO, Luis M. Jiménez (direção). **Patrimonio natural, cultural y paisajístico claves para la sostenibilidad territorial.** Observatorio de la Sostenibilidad en España. 2009.

HOBBSAWM, Eric; RANGER Terence (Orgs.) **A invenção das tradições.** Tradução de Celina Cardim Cavalcante. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

INFOPEDIA. **Dicionário francês-português: savoir-faire.** Disponível em: <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/frances-portugues/savoir-faire>>. Acesso em: out.2016.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD).** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=149>. Acesso em: 09 mar.2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais./** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. 3ª edição. Brasília-D.F: Iphan, 2012.

IPHAN. **Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais.** Brasília: IPHAN, 2000.

IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais.** Texto e revisão de Natália Guerra Brayner. 3ª ed. Brasília- DF: Iphan, 2012.

IPHAN. **Site oficial.** Disponível em: <www.iphan.gov.br>. Acesso em: out. 2016a.

IPHAN. **Bens Registrados.** Disponível em:

<<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/606>>. Acesso em: 23 ago. 2016b.

IPHAN. **Livro dos saberes.** Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/122>>. Acesso em: 23 ago. 2016c.

KELLER, Paulo F. O artesão e a economia do artesanato na sociedade contemporânea. política & trabalho. **Revista de Ciências Sociais**, n. 41, Outubro de 2014, pp. 323-347

KRUCKEN, Lia. **Design e território – valorização de identidades e produtos locais.** São Paulo: Studio Nobel, 2009.

LEÓN, Magdalena. El empoderamiento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. **La Ventana**, n. 13/2001, p. 94-106.

LEMES, Bianca. Entrevistas com as artesãs. Campanha e Três Corações, 2016 Entrevistas. [As entrevistas encontram-se transcritas no Anexo C desta monografia]

MAIA, Ivan Ferrer. De ponto em ponto. **Revista da Cultura.** Livraria Cultura-Ed. Número 80. Março 2014, p. 61,62.

MARTINS, Saul. **Contribuição ao estudo científico do artesanato.** Belo Horizonte: Imprensa Oficial do Estado de Minas Gerais, 1973.

MARTINS, Saul. Folclore: **Teoria e Método.** Belo Horizonte. Imprensa Oficial. 1986.

MARKS, Ruthie. **History of crochet.** 1997. Disponível em: <http://www.crochet.org/?page=CrochetHistory>. Acesso em: 19 de jun. 2016.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS - MDIC. **Programa do Artesanato Brasileiro.** Brasília: MDIC-SDP, 2012. Disponível em: <http://www.desenvolvimento.gov.br/arquivos/dwnl_1347644592.pdf>. Acesso em: jun. 2016.

ÑANDEVA. **Reflexões De Eduardo Barroso Sobre Artesanato.** Disponível em: <<http://www.nandeva.org/pt-br/node/2776>>. Acesso em: out. 2016.

NETO, Eduardo Barroso. **O que é artesanato?** Módulos 1 e 2. Revisão e editoração: Lucy Barroso. 2001

NETO, Eduardo Barroso. **Reflexões De Eduardo Barroso Sobre Artesanato.** In: NANDEVA - Programa Trinacional de Artesanato. Disponível em: <<http://www.nandeva.org/pt-br/node/2776>>. Acesso : jun. 2016

PORTAL MITOLÓGICO. **Hefesto.** Disponível em: <<http://portalmitologico.blogspot.com.br/search?q=hefesto>>. Acesso em 11: abr. 2016.

PORTAL PREFEITURA DE BELO HORIZONTE (PBH). **Fundação municipal de cultura escola livre de artes - Arena da cultura.** Disponível em: <<http://portalpbh.pbh.gov.br/pbh/ecp/comunidade.do?evento=portlet&pldPlc=ecpTax>>

onomiaMenuPortal&app=fundacaocultura&tax=16707&lang=pt_BR&pg=5520&taxp=0&>. Acesso em: 15 jun.2016.

PRUDENCIO, Ana Valquiria. **O tecer das mãos: produção artesanal, design e sustentabilidade na serra gaúcha** . Dissertação de Mestrado.UNIVATES. Lajeado, março, 2012.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de Investigação em ciências sociais**. Trajetos. Tradução: João Minhoto Marques, Marília Amália Mendes e Maria Carvalho. 4ª ed. Editora Gradiva. Lisboa, 2005.

RAGO, Margareth. **Trabalho feminino e sexualidade**. In: M. DEL PRIORE, História das Mulheres no Brasil Pp. (578-617). 2ª ed. São Paulo: Contexto, 1997

REVISTA ALBUM DE CROCHÊ. Lisboa, Portugal: Casa Midões Lda, [196-?].

REVISTA CURSO CROCHÊ BARBANTE. São Paulo: Digitais Online Editora e Comércio Ltda, [196-?].

REVISTA IDÉIAS MIL. São Paulo: Editora Três, 1974.

REVISTA MÃOS DE OURO - ENCICLOPÉDIA SEMANAL DE TRABALHOS MANUAIS FEMININOS. São Paulo: Abril Cultural, 1967.

REVISTA MÃOS MARAVILHOSAS - ENCICLOPÉDIA SEMANAL DE TRABALHOS MANUAIS FEMININOS. São Paulo: Abril Cultural, 1967.

ROCHA, Sebastião. **Roteiro de pesquisa folclórica: ciência do amor humano**. Coordenadoria de Cultura do Estado de Minas Gerais. SENAC. 1979

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL (SENAI). **O que é o SENAI**. Disponível em: <<http://www.senaiac.org.br/o-que-e-o-senai/o-que-e-o-senai.html>>. Acesso em: jan. 2017.

SENNETT, Richard. **O Artífice**. Rio de Janeiro: Editora Record. 5a ed. 2015

SILVA, Márcia Alves da; EGGERT, Edla. **Descosturar o doméstico e a “madresposa”- A busca da autonomia por meio do trabalho manual**. In: Processos Educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul. EGGERT, Edla (organizadora). 1a edição. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.P.44. ISBN: 978-85-7578-300-9.

TAGLIARI Ana; GALLO Haroldo. **O MOVIMENTO INGLÊS ARTS AND CRAFTS E A ARQUITETURA NORTE-AMERICANA**. Artigo publicado no III ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE – IFCH / UNICAMP 2007. Instituto de Artes – UNICAMP . Pag. 633 a 643

TECTO. **Craft design**. Disponível em: <<http://www.tecto.com.br/Eventos/2013/01/15/Craft-Design>>. Acesso em 20 fev. 2017.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 18^a ed. Editora Cortez, 2011.

TRÊS CORAÇÕES. **Prefeitura de Três Corações**. Disponível em: <<http://www.trescoracoes.mg.gov.br/index.php/2014-12-30-11-10-09/5190-estatisticas>>. Acesso em: 10 mar. 2017.

TURISMO SUL DE MINAS. **História de Inconfidentes**. Disponível em: <<http://www.turismosuldeminas.com.br/regiao/inconfidentes>>. Acesso em: 27 fev. 2017.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do patrimônio cultural imaterial** – UNESCO - Encontro em Paris, 17 de outubro de 2003. In: CASTRO, Maria Laura Viveiros de. Patrimônio imaterial no Brasil / Maria Laura Viveiros de Castro e Maria Cecília Londres Fonseca. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

UNESCO. **Site oficial**. Disponível em: <www.unesco.org>. Acesso em: out. 2016.

UOL. **Verão 2015 RTW/SPFW Ronaldo Fraga**. Disponível em: <<http://ffw.uol.com.br/desfiles/sao-paulo/verao-2015-rtw/ronaldo-fraga/841312/>>. Acesso em: 21 fev.2017

ANEXO A

Questionário semiestruturado aplicado às mulheres crocheteiras entrevistadas, baseada no modelo de análise proposto na pesquisa.

- 1- Quando foi que você aprendeu a fazer crochê?
- 2- Aprendeu com alguém? Como foi? Quando?
- 3- Já ensinou o crochê para alguém?
- 4- Por que você faz crochê?
- 5- Quando você faz crochê, tem o hábito de encontrar com outras pessoas?
- 6- Gosta de encontrar em grupo? Por quê? O que conversam? Quais são os assuntos?
- 7- Você acha que o crochê é valorizado? Por quê?
- 8- Você busca atualizar seus conhecimentos sobre o crochê? Como?
- 9- Você pretende continuar a fazer crochê? Por quê?

ANEXO B

TERMO DE CONSENTIMENTO - UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS.



Programa de pós Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável- PPACPS/
Curso de Mestrado.

Escola de Arquitetura e Design da UFMG.

Linha de Pesquisa: Conservação de Bens Culturais.

Endereço:

Orientadora: Andréa Franco Pereira.

Discente: Bianca Xavier Lemes

Matrícula: 2015699010

AUTORIZAÇÃO/CONSENTIMENTO

Eu,

abaixo assinado (a), autorizo para fins da pesquisa **“O “SABER-FAZER” DO CROCHÊ: VALORES DO ARTÍFICE E DO PATRIMÔNIO IMATERIAL”**, desenvolvida pela mestrandia Bianca Xavier Lemes, com a orientação da Professora Doutora ANDREA FRANCO PEREIRA, o registro das minhas entrevistas individuais em formato de vídeo/câmeras, filmadoras, fotografia, gravador de som ou outro meio digital, ou por meio de escritas manuais. Estou informada de que o material coletado terá como finalidade o trabalho de pesquisa proposto, de caráter científico e sem fins lucrativos ou políticos.

Autorizo a divulgação dos registros coletados, sob o critério do pesquisador/a, para serem utilizados em forma de trabalho para a universidade como: dissertação, tese, livro(s), artigo(s), por meio impresso ou digital, inclusos vídeos, filmes e outros, assim como a apresentação em congressos e reuniões de natureza técnico-científica, amostras públicas especializadas ou artísticas, eventos de divulgação de diferentes formas, além de folhetos e pôsteres decorrentes, podendo fazer parte de arquivos impressos ou digitais, em bibliotecas e bancos de dados e imagens, gerados pelo laboratório e outros decorrentes de suas atividades. Pelo presente termo, cedo, de modo definitivo, por livre e espontânea vontade, todos os direitos de utilização da imagem, gravação de vídeo e de voz, desenhos ou outros produzidos durante e/ou a partir da realização das entrevistas e testemunhos registrados, incluindo em grupos, podendo utilizar os mesmos em diferentes trabalhos/produtos a serem realizados e/ou divulgados, em território nacional ou estrangeiro, sem importância alguma, sendo devida, em qualquer tempo, para referida utilização.

Local:

Nome completo da entrevistada:

Numero da identidade:

Endereço:

Telefone:

Assinatura:

ANEXO C

Entrevistas com as artesãs

1. Angelina de Fátima Rodrigues – 51 anos

Angelina, quando foi que você aprendeu a fazer crochê?

Eu tinha uns 13 anos, aprendi com minha irmã mais velha que aprendeu com uma tia minha, mas ela não me ensinou, eu aprendi olhando, aprendi só a correntinha e fazia uns guardanapos só com correntinha, pra minha mãe... punha em cima dos móveis. Depois mais pra frente eu aprendi o ponto alto e o ponto baixo, que eu não sabia a ainda, mas tudo olhando ela. Ela dizia, olha que você aprende, não tinha muita paciência para ensinar.

Já ensinei crochê para muitas pessoas, para minha filha, minhas sobrinhas, amigas, muitas pessoas conhecidas. Sempre passei o que eu sei para outras pessoas. Já dei um curso também, pela EMATER, na roça aqui em Campanha. Nesse curso tinha umas 10 meninas.

Sempre fiz crochê sozinha mas tenho uma cunhada que vai lá pra minha casa e a gente faz junta, pra ela acompanhar e tirar as dúvidas. Ela sempre quer aprender mais. Passo revistas pra ela também. Eu também vejo os pontos em revistas, tem umas que são mais fáceis de entender, eles explicam bem com os gráficos como fazer.

Já fiz crochê pra casa, pra vender, mas porque eu também gosto, para mim, é como se fosse uma terapia. Eu sento para assistir uma televisão, tenho que fazer um crochê. Mas claro, né, eu também gosto de vender, de ganhar um dinheiro.

Você acha que o crochê é valorizado?

“ah eu acho que não, porque você vai vender uma peça e pede um valor abaixo do preço da loja e não vende.” Eu acho que em roupa de criança as pessoas dão mais valor. Agora, caminho de mesa, peças de banheiro as pessoas não dão tanto valor porque tem muita gente fazendo, né? Em Campanha tem muita gente fazendo crochê, né? Tem fábrica de tapete aqui, né? O povo faz crochê pra eles.

Angelina fala que tem algumas crianças que também querem aprender a fazer.

“eu acho que é coisa da pessoa, eu desde pequena quis aprender, é interesse da criança, se ela gosta, desde pequena vai querer fazer.”

E você encontra outras pessoas para fazer crochê?

Ah as vezes encontramos sim, porque são muito perto as casas, né?

E o que conversam?

Ah essas mulheres que eu conheço, sempre gostaram de fazer crochê pra ganhar dinheiro, como se fosse uma renda principal, né? Aí a EMATER fez reuniões nesse sentido, fez mais cursos com elas de artesanato, de pintura, crochê... patchwork.

E essas mulheres acabam fazendo o crochê, porque elas já sabem fazer. A EMATER ajuda fazendo feiras, por exemplo..

Por que você faz crochê?

Porque eu gosto e ajuda na renda, né? Mas eu acho que é mais porque eu gosto. Pra mim é como uma terapia, me acalma. O crochê me acalma. No começo, eu não sabia o quanto me fazia bem, depois com o passar do tempo eu percebi o quanto o crochê me faz bem, porque a gente já fez de tudo um pouco na vida, né? E depois de um tempo você vê o que te faz bem, mesmo né?” Se você fizer com amor, com gosto, gostar do que faz.. eu adoro quando vejo a peça pronta, para mim é um prazer, é muito gostoso.

2.Marlene Maria Nascimento Novaes – 67 anos

Meu nome é Marlene, tenho 66 anos de idade, toda ela tecida em crochê. Fiz até um acróstico para te falar o que o crochê significa para mim: Com Real Orgulho compartilho hoje e sempre meu total amor pela arte. O Crochê pra mim não é só uma maneira de ganhar dinheiro, é também, mas é de ganhar amigos.

Nós artesãs podemos nos comparar com a aranha que tece sua teia com carinho. Essa arte nos foi passada pelas avós, por nossos antepassados.

Linhas muito finas de antigamente não estão mais na moda, porque o mundo hoje tá muito descartável. Hoje não se faz mais nada com linha fina, não se tem tempo para isso, a artesã não dá conta e não tem preço porque ficaria muito caro. Hoje tem que ser tudo rápido, até o crochê. Os pontos são largos, grossos, linhas grossas. Hoje, todo mundo pode ter crochê. Acho que meu crochê é genérico, o da minha mãe era autêntico.

Aprendeu com alguém?

Aprendi com minha mãe. Uma eximia crocheteira que guardava cartas da embaixatriz da Grécia parabenizando-a pelos lindos vestidos em linha de seda. Desde os 7 anos faço crochê. Minha mãe nos colocou pra estudar com o dinheiro do crochê que naquele tempo era muito difícil quem fazia um bom crochê. Ela ganhava muito dinheiro.

Por que faz crochê?

Na atual situação é o que ajuda a aumentar a renda da minha casa. Mas sempre com amor, como prioridade. Cobro muito barato, porque na verdade, faço mais por amor. Dou de presente, faço pras filhas, parentes, amigas... Sei fazer mas não tenho o tino comercial no mercado. Me considero mais artista que vendedora. Mas aqui em Campanha tem muita gente fazendo crochê e por isso não tem tanto valor. Em Campanha falta incentivo, apoio. As feiras acabaram. Uma pena!

Você encontra para fazer crochê?

As linhas atam laços de amizade entre pessoas. Gostava sempre de encontrar quando tinham feiras aqui em Campanha. Pra uma mostrar seu trabalho pra outra.

Já ensinou crochê?

Já ensinei muito aqui na cidade, em Três Corações, onde tinha uma feira. Já ensinei pras minhas filhas, mas nem todas fazem. Acho que é nato, né? é de cada um. Já dei aula, inclusive, num curso que fiz na minha casa. Pra grupos de mulheres. E ensinar e ver a pessoa chegar com a peça pronta, me dá muito prazer.

Você busca aprender sobre crochê?

Sou independente, até perco o cliente, porque gosto de fazer o que eu quero. Eu gosto de criar, de fazer do meu jeito. Mas minha filha pega muita coisa na Internet. E fico boba de ver as mestras ensinando, é uma facilidade pra aprender. Mas não quero saber de computador. Prefiro o meu modo de pensar, de fazer.

Tem o hábito de encontrar outras pessoas para tecer?

Já sim, acho muito bom. A gente troca ideias, cada um faz de um jeito e cada um gosta de fazer coisas diferentes. A gente gosta de encontrar, de ver a arte da outra, sem inveja, sabe?

Você acha que o crochê é valorizado?

Na Internet você percebe o quanto tem gente inteligente habilidosa e expandindo essa técnica maravilhosa, né? e só de estar na “rede” já mostra o quanto essas pessoas querem mostrar o que sabem fazer. Acho que está sim sendo cada vez mais valorizado. A mídia é que manda, né? se hoje aparece na TV, amanhã, todo mundo quer, né?

Pretende continuar a fazer crochê? Por quê?

Eu acho muito bonito! Dá uma satisfação muito grande, minha mãe me ensinou isso. Todas as pessoas que fazem crochê são pessoas sensíveis. Só o tempo que a pessoa se dedica aquele trabalho, né? o crochê me acalma, mais que yoga. Não sei ficar sem o crochê. Minha mãe me ensinou isso. Quando ela estava na uti, com aquele caninho transparente do soro, sabe? Enrolava no dedo e ficava simulando pontos de crochê e me falava, estou fazendo uma blusa, sabe aquele ponto? Ela estava alucinando, já.. Acho que eu vou ser assim também, crochê é isso, sabe? Pra mim, crochê é a minha maneira de passar alguma coisa pro mundo, embora as pessoas não entendem isso. Amo o crochê, de verdade, e agradeço minha mãe que me ensinou, a Deus por fazer esse crochê leve, alegre, e até o dia que eu puder e vou fazer.

3. Wanda Furtado – 84 anos

Dona Wanda, desde quando a senhora faz crochê?

Ah, não faz tanto tempo mas desde mocinha eu era habilidosa com coisas manuais. O Crochê, aprendi com minha mãe, que me ensino a correntinha. Mas eram coisas simples, biquinhos em panos de pratos.

Na família da senhora, mais alguém faz crochê?

Ah todo mundo faz! Mais coisas pra casa, coisa simples. Primas minhas com mais de 100 anos que faziam crochê, com linha finíssima.

Já ensinou pra alguém?

Ah já! Pra minha neta, pra uma moça canhota. Pra fazer para ela, eu tinha que fazer o exercício invertido, sabe? Era complicado! Agora a neta aprendeu a fazer melhor que eu, ela tem uns 32 e desde criança sabe fazer. Ela faz macramê também, muito bem.

A senhora acha que o crochê é valorizado?

Ah aqui em Campanha não é não. Todo mundo sabe fazer, tem quem faça. O povo aqui não dá valor. Mas eu acho que é porque é muita gente que sabe fazer.

A senhora busca melhorar seus conhecimentos sobre o crochê? Onde busca?

Olho na Internet, na televisão, minha neta me manda por WhatsApp. As vezes to vendo televisão e vejo alguma coisa que logo vou tirar o ponto. Só de olhar eu sei tirar. Eu gosto de fazer crochê com a linha fina, fica muito chique, né?

E porque a senhora faz crochê ainda hoje?

É porque eu tô com a cabeça boa, se tivesse caducando acho que não fazia mais. Mas eu tive um derrame e perdi muito os movimentos das mãos, tive que dar uma parada. Mas a filha ao lado disse: “mas o crochê que ajudou a melhorar”. Eu fazia crochê, macramê pra movimentar as mãos. E tem que ter paciência pra fazer, né? tem gente que não tem paciência pra ficar sentada pra fazer. E eu faço sem pressa, tem que ser perfeito! Sempre fiz mais pra casa, pra dar de presente, né? Teve uma época ,que minha filha fez parte da casa do artesão aí a gente punha tudo que fazia. Bordado, crochê, vendemos muita coisa.

Você pretende fazer crochê por muito tempo?

Ah se Deus quiser, seu eu num morrer, se eu não caducar, né? Porque as mais velhas tão caducando, né? eu acredito que o trabalho manual ajuda muito a cabeça, né?

4. Maria Marta Pereira - 59 anos

Quando foi que você aprendeu crochê?

Aprendi sozinha, porque eu sou canhota, olhando minha irmã fazendo, eu tinha 10 anos de idade. Comecei no tricô e depois que eu comecei no crochê. Mas sempre de olhar fazer. Fui fazendo a correntinha e tomei gosto, hoje eu faço tranquilamente sozinha. Gosto demais.

Já ensinou pra alguém?

A filha, Olívia, de 34 anos também faz crochê, pras minhas sobrinhas pequenas que quiseram aprender. Elas que quiseram aprender. A Olívia, desde os 9 anos faz, ela foi igual a mim, começou no tricô e passou pro crochê. É uma tradição, né?

Encontra com outras pessoas para fazer crochê?

Encontro muitas vezes com irmã para trocar experiências, tirar dúvidas, ideias. A gente conversa sobre os pontos, modelos. O que cada uma gosta de fazer, né?

Onde você busca atualizar seus conhecimentos sobre o crochê?

Ah eu olho muito revista, hoje com a modernidade, olho na Internet, sempre to pesquisando as tendências, as estações, pesquiso muito. Já fiz um curso de crochê em Campanha pelo Sebrae, também.

Você acha que o crochê é valorizado?

Olha, não gera muita renda não porque eu não faço muito, mas se pegar firme, gera sim. Acho muito bom ganhar dinheiro com algo que eu sei fazer.

Você ainda faz crochê porque?

Porque eu gosto muito. Não sei ficar sentada vendo televisão sem ter um crochê! Se tenho encomenda eu faço, se não tenho, to fazendo os quadradinhos que eu adoro, sabe? Sempre to criando alguma coisa. Vou sempre fazer, gosto muito.

5. Terezinha Moreira de Melo – 67 anos

Dona Terezinha, quando que a senhora começou a fazer crochê?

“Quando eu tinha uns 12 anos, minha mãe arrumou alguém pra me ensinar, mas foi às custas, porque eu gostava mas ela não sabia, eu via as pessoas fazer e não sabia. Eu fazia o básico, mas depois, aprendi com minha própria filha, A Cristiane.”

A senhora tem o hábito de encontrar para fazer crochê?

Junto com minhas filhas pra fazer crochê. A gente até gosta de fazer junto, né mas todo mundo mora longe, não tem condição. Mas se juntar não sai é nada. Fica é brincando com o neto, mexo na horta, saio para outra coisa.”

O que conversam?

“Ah, sai muita coisa a toa, né? (risos). A gente conversa sobre o que vai fazer, quanto vai cobrar, qual linha comprar, se vende, é sobre o crochê mesmo.”

Quando encontram, uma ensina uma pra outra?

Ah isso ensina, quando a gente vê alguma coisa na televisão, a gente conversa pra fazer. A gente troca ideia, amostra.

Porque a senhora faz crochê?

“Ah se eu tivesse tempo mesmo, eu ficava no crochê. É tão bom pegar uma encomenda, pegar o barbante e fazer, entregar e receber o dinheiro. A gente sabe o valor que vai ganhar quando pega um trabalho, planeja o que vai fazer com o dinheiro. Não sou aposentada ainda, né? Então é um dinheiro que ajuda e muito.”

A senhora acha que o crochê é valorizado?

A acho que não. Muitas pessoas dão valor, mas muitas não. Um pedacinho de pano caro assim! Mas não vê o trabalho que dá né? A linha que a gente gasta, a cabeça que esquenta, né? As vezes a gente pega uma coisa pra fazer e tem que desmanchar e fazer de novo porque coisa mal feita não dá, né? Se a gente pegar mesmo, dá dinheiro! Se não tivesse muitas outras obrigações, dá pra ganhar um dinheiro porque tudo que a gente faz sai (vende). Não fica nada em casa.

Onde a senhora busca aprender mais sobre o crochê?

“com a minha filha mesmo, porque eu não entendo nada de Internet, então vou lá na casa dela e ela passa pra mim. Ela manda eu desmanchar e fazer de novo.”

Porque a senhora faz crochê até hoje?

Ah o dinheiro serve e a gente fica entretida com aquilo ali e esquece das coisas, ne? Faz bem! Se eu não tivesse o crochê, eu ia arrumar a casa e fazer o que? A gente acaba até ficando doente. Se não tem coisa pra fazer a gente inventa, vou pro tear...

Que tipo de crochê a senhora faz?

“O que o povo pedir. Tapetinho de banheiro, jogo de cozinha, tapetinhos de porta... faço colcha de tear e crochê. Gosto de fazer com barbante porque linha fina dói a vista e não rende. Não gosto das coisas que demoram muito, gosto das coisas básicas, que rende.

E a senhora ainda vai continuar a fazer crochê?

“ah, se Deus quiser! Enquanto eu tiver vida e saúde! Mesmo aposentando agora, com 65 anos, minhas coisas eu não aposento não. Meu tear e meu crochê, não. Você faz e acha bonito, aí eu fico satisfeita. “

6. Cláudia Terezinha Bueno – 42 anos

Quando foi que você aprendeu a fazer crochê?

Claudia começou a fazer ponto cruz e vagonite em panos de prato e depois precisava de pessoas para passar os bicos de crochê nas pontas, mas acabou indo numa senhora que sabia crochê para aprender, indo aperfeiçoar com a irmã Cristiane. Isso, há uns 8 anos atrás, onde abandonou o ponto cruz e vagonite e ficando só no crochê.

Já ensinou para alguém?

Ela diz que já ensinou pra filha Isabela, de 22 anos, e alguém que aparece as vezes querendo aprender, mas ela não gosta de ensinar, não tem paciência.

Encontra com outras pessoas para fazer crochê?

Ela diz que gosta de sentar com a filha para tecerem juntas, as vezes também encontra com a irmã, Cristiane para tirar dúvidas.

Quando encontram, conversam sobre o que?

“De tudo! (risos)”

Por que você faz crochê?

Faz crochê porque dá dinheiro mas fala que lá em Três Corações , o povo não dá muito valor.

Gosto de ganhar meu dinheiro com o crochê, minhas crianças querem as coisas, o marido não dá tudo que eles querem, né? Então eu tenho dinheiro para dar o que eles querem. Hoje eu vivo do crochê.”

Você busca atualizar seus conhecimentos sobre o crochê? Como?

Busca novidades na Internet e quando encontra com a irmã Cristiane, elas trocam experiências até mesmo por telefone.

E a Isabela (filha) também continua a fazer crochê?

“Sim, ela faz, agora ela tá crescendo, né. Tá sempre querendo comprar as coisas dela.”

Você pretende continuar a fazer crochê? Por quê?

“Quando você acostuma, você não consegue ficar parada. Parece que é um vício o crochê, você não consegue mais ficar sem fazer. E porque também a gente precisa, dá um dinheiro.”

7. Cristiane Lopes de Melo – 37 anos

Quando foi que você aprendeu a fazer crochê?

“Faz uns 10 anos que eu faço crochê, aprendi na escola, com uma professora dona Marlene, na Escola Estadual, na aula de educação artística. A aula de educação artística era de artesanato. Tinha bordado, ponto cruz, pintura, crochê...”

Fiquei um tempão no ponto cruz e ao ter que passar bico nos panos que eu bordava, fui buscar saber mais sobre o crochê, e nunca mais parei com o crochê. Gosto de fazer coisas de casa, mas faço roupas também.

Já ensinou pra alguém?

“Sim, pra minha mãe, minha irmã, a vizinha”

Você tem costume de encontrar para fazer crochê?

“Sim, as vezes vou lá na minha vizinha Isabel e fico sentada fazendo, as vezes vou lá na pra casa da minha mãe também.”

E conversam sobre o que?

“Sai de tudo, desde novela, até da vida alheia (risos). “

Falam sobre crochê?

“sim, o que eu uma não sabe pergunta pra outra. Quando a Isabel vai começar alguma coisa, passa lá em casa para eu ajudar ela a começar o trabalho, os pontos. “

Você gosta de encontrar para tecer ?

“Sim, gosto quando tem muita gente. Fico conversando, distrai.”

Você busca saber mais sobre o crochê?

“Na Internet – no YouTube. Baixo os vídeos e vou fazendo. Antes eu procurava em revista. Mas eu tenho uma coleção de revista, umas 200. Tenho muitos xerox também de pontos. “

Porque você faz crochê?

Antes eu não gostava de crochê, só fazia o ponto cruz, detestava o crochê. Aí depois não tive opção e continuei com o crochê. Gostei, e hoje eu prefiro o crochê que a as outras coisas. Sempre fiz crochê pra vender. Mas primeiro é porque eu gosto e depois pelo dinheiro. É muito bom, eu gosto muito do meu crochê. Trabalhar fora não dá, não tem como. Depender de marido também, piorou a situação. Então, eu ganho meu dinheiro, gasto com o que eu quero, compro o que eu quero, dou valor nas minhas peças. Faço o que gosto, sem depender do marido, sem deixar

meus filhos, porque trabalho em casa, faço na hora que eu quero, dá pra eu arrumar a casa.

Você acha que o crochê é valorizado?

Acho que não. Aqui em Três Corações, acham caro mas não vê o trabalho que você teve. Não vê o preço da linha também. Todo mundo gosta, todo mundo acha bonito, mas na hora de pagar, acha caro. “

Você pretende continuar fazendo crochê? Por quê?

“Porque eu gosto, acho bonito. Cada peça que eu faço e vejo que ficou bem feito, na hora que termina, não tem coisa melhor. Você ver a pessoa pra quem você entregou gostar, é muito bom. Gosto de terminar uma pra começar outra.

8. Maria Eugênia Maia – 68 anos

Quando você começou a fazer crochê? Aprendeu com quem?

“Quando eu era meninota, eu devia ter uns 11 anos. Uma comadre da minha mãe, fazia crochê, então eu pedi para ela para aprender. Então minha mãe, na época, tinha os sacos de açúcar que vendiam no armazém do meu pai. Ela lavava, desmanchava e me dava o barbante, as bolinhas de barbante. Então esse moça, me deu uma agulha e me ensinou a fazer “trancinha” [ponto inicial no crochê, também chamado de correntinha]. Eu sentava num banquinho lá na cozinha dela e ficava fazendo trancinha, fazia metros e metros de trancinhas. No outro dia, ela desmanchava e mandava eu fazer tudo de novo, acho que foram uns 4 dias assim e todo dia eu ia. Depois ela me disse: hoje vou te ensinar a fazer “buraquinho”, [desenho que vai se formando com as correntinhas] faz 3 trancinhas e volta. Nossa, eu fiquei feliz da vida fazendo os buraquinhos. E depois que eu aprendi a fazer o buraquinho, ela me ensinou a fazer o “ponto alto”, [outro ponto do crochê] dentro dos buraquinhos. Aí eu comecei a fazer uma toalhinha, nessa minha mãe já comprou uma linha amarela pra mim, aí minha mãe guardou essa toalhinha que eu achei depois de anos, nossa que coisa horrorosa! (risos). Toda cheia de erros! Depois, acabei fazendo essa toalha novamente, claro, dessa vez sem os erros.

Outras pessoas também me ensinaram o crochê, uma senhora que também morava em frente à casa da minha mãe e depois eu mesma sozinha, fui tirando amostras mais simples com pessoas que também sabia fazer crochê.

Na sua família tem mais alguém que faz crochê?

Minha irmã, ela é especialista, aprendeu no colégio Sion, aqui em Campanha. E foi ela que tentou ensinar para minha mãe. Mas ela quis aprender o tricô. Ela não gostava do crochê.

Porquê você faz crochê?

“Eu faço porque eu gosto, preenche meu tempo. Não consigo ficar em frente à televisão assistindo nada se eu não tiver um crochê na mão. Se Eu vou num médico, eu levo um crochê para a sala de espera, me preenche!! Se eu fico na frente da televisão sem crochê, tá faltando alguma coisa, eu acho que estou perdendo tempo. As vezes eu fico em conflito, porque tenho um livro e tenho o crochê, aí eu leio um pouquinho, faço crochê (risos). As vezes eu fico no computador, na televisão e com o crochê na mão (risos). Depois que eu me casei,

continuei com o crochê. Eu era professora, e fiz muito chinelo de crochê, eu tinha quase uma oficina em casa. Eu morava em Campinas e lá eu achava as solas já com os buraquinhos em volta pra fazer o crochê. Eu vendia muito, já foi até para os EUA. (risos)

Você encontra com outras pessoas para fazer crochê?

“Lá em Campinas, eu tinha um grupo de oração com umas amigas, e a gente encontrava toda quarta feira na casa de uma delas e a gente fazia crochê para doar. Fazíamos toucas, sapatinhos. E aí, eu que fui ensinar o crochê. Eu lembro que ensinei uma senhora de 90 anos a fazer crochê e ela aprendeu o quadradinho [formato muito comum e conhecido no crochê; um desenho formado muito tradicional]. Ela era a rainha do quadradinho nas colchas. A gente fazia sempre uma confraternização de quem tinha feito mais quadradinhos, ela sempre ganhava! (risos). E ela era bem idosa já, né? E aprendeu o crochê.

O que você achava desses encontros?

“Nossa, era muito gostoso! É uma das coisas que eu sinto falta aqui em Campanha, porque lá, era um momento de oração e depois o crochê em seguida. E a gente conversava bastante, sabe! Era muito gostoso e bom também era ver o fruto daquele encontro, a gente doava muitas colchas. Aqui para Campanha, mesmo doamos uma colcha para a Vila Vicentina, para um centro espírita. Então eu vejo a alegria que a gente tinha de ver as coisas prontas, né? Muito gostoso!”

O que conversavam?

“Sempre alguém levava uma mensagem, podia ser um livro que gostou, um texto da bíblia, que a gente lia e procurava tirar lições da leitura e enquanto a gente fazia crochê, a gente ainda conversava sobre os textos.

Esse grupo nunca vendeu crochê, a gente sempre doou.

Você busca aprender mais sobre o crochê?

“Tudo que aparece no meu Facebook sobre crochê, eu compartilho. As vezes eu peço pra minha filha imprimir para mim alguma coisa da Internet, mas é muita coisa né? Mas eu não converso com essas pessoas que fazem crochê na Internet, quem sabe que eu faço, me manda foto porque sabe que eu gosto. Quando eu vejo algo na Internet, eu passo para as pessoas que eu sei que gostam e fazem crochê, por exemplo, outro dia, tinha um tapete e o modo de fazer passo a passo, muito interessante!

Você acha que o crochê é valorizado?

“Olha, na cidade pequena, as pessoas que fazem não dão valor não. Mas as pessoas que compram e vendem fora, ganham muito em cima. Eu acho que na realidade, quem faz, ganha muito pouco. Ganha quem revende. Bem, eu penso isso, embora eu não faça pra vender.

Minha neta um dia, escolheu a linha, a cor, o jeito que ela queria a colcha e ela ficou tão feliz o dia que eu levei pra ela, que ela colocou em cima da cama, eu ia mandando as fotos, e ela ficou tão feliz quando viu. Não sei se ela vai conservar, se vai guardar...

E você vai continuar a fazer crochê por muito tempo?

“ah se Deus quiser! Enquanto eu estiver lúcida e enxergando! Eu gosto, viu! Eu falo que sou viciada em crochê! Meu neto acabou de nascer, aí eu dei uma abandonada por esses dias, mas ontem eu falei, preciso retomar meu crochê aí já sentei na sala e fiz 3 quadradinhos à noite, emendei na colcha que eu estou fazendo pro outro neto. Sabe, o crochê me faz falta, já tentei fazer tricô, mas não dei certo, mas o crochê... e meu marido não implica não, sabe? Porque tem marido que acha ruim, ne?”

9. Elene Silva Alves – 66 anos

Quando foi que a senhora aprendeu a fazer crochê?

Comecei a fazer com 13 anos de idade, com uma senhora, Dona Laura aqui em Campanha. Saía da escola e ia aprender.

Tem mais alguém da família que faz?

Minha irmã que já faleceu, fazia muito bem também, hoje minha sobrinha também faz, a mãe dela quem ensinou.

A senhora já ensinou para alguém?

Ah, gente sempre ensina, né? As vezes vem gente pra aprender algum ponto.

E a senhora encontra com outras pessoas pra fazer crochê?

Sim, encontro um grupo de amigas. Quase todo dia, uma vai na casa da outra, as vezes elas vêm pra cá, as vezes eu vou pra lá. É bom, né? Porque uma tira ideia com a outra, tira dúvida. As vezes uma tá fazendo de um jeito e a outra vai lá e fala, não, faz assim que vai dar certo. “duas cabeças pensam melhor (risos).

Aqui em Campanha é difícil quem não sabe fazer um crochê, né? A meninada agora é que não quer aprender, né? Tá difícil, né? Com a Internet, com outras coisas diferentes... Quando eu era criança, a gente queria aprender né? Era costura, bordado, crochê.. eu saía da escola e ia aprender o crochê, de 13 as 14h, depois eu ia pro bordado, e depois até as 17h na costura.

Conversam sobre o que?

A gente conversa sobre o crochê, sobre o que cada uma tá fazendo. Nem sempre dá pra ir todas, né?

Por que você faz crochê? Por quê?

“Ah o crochê é uma cachaça, né? Você para pra assistir tv e fica lá, fazendo. Se eu sento pra conversar, pego no crochê.” Faço porque gosto e outra porque dá um dinheiro, a gente não tem outra coisa pra fazer. Mas já trabalhei 35 anos enrolando motores elétricos. Depois, meu marido faleceu, eu tive que parar e aí e eu voltei pro crochê. Mas eu gostava de enrolar motores. “

E você faz crochê pra Campanha ou pra fora?

Mais para fora, aqui tem muita gente que faz. Tenho em Petrópolis, Brasília e Varginha. Elas pedem sempre, como se fosse um fixo.

A senhora busca atualizar seus conhecimentos sobre o crochê?
Com as amigas, também né? Quanto mais você faz, mais você vai aprendendo. A vida da gente é sempre aprendendo, né? Na Internet também, tá fácil de aprender, tem vídeo que ensina. Tão bom, né? E eu invento também? Fica bonito!

Você vê dificuldade em Campanha para vender ou expor suas peças?
Eu sinto falta pra todas, de poder expor, né? Muitas vezes, fica guardado, é difícil. Se tivesse um lugar, seria bom. A cidade é pequena, roda pouco dinheiro. Mais pra fora que a gente vende mesmo.

E a senhora acha que o crochê é valorizado?
Lá fora é valorizado. O que eu vendo lá fora, elas dão o preço aí eu falo, tá pouco ou tá bom. Mas elas me dão mais do que eu vou cobrar. Aí eu fico satisfeita. Elas me pagam bem, a mais do que eu queria. Mas aqui em Campanha eu que dou o preço. Mas lá fora é bem valorizado, né? Aqui em campanha você tem que fazer pelo mesmo preço das outras mulheres ou mais barato, senão não vende. É um quartel, né? (risos)

Você gosta de tecer que tipo de crochê?
Ah bicos de panos de prato, colcha, toalha de mesa, algumas roupas, gosto da linha fina, barbante, eu não gosto. Eu comecei com a mercer crochê [linha super fininha], mas fica um crochê muito chique né? Fininho. Eu já fiz crochê muito complicado mas hoje quero é mais coisa simples.

Você pretende fazer crochê por muito tempo?
Sim, porque eu gosto mesmo e não tem outra opção, cidade pequena não tem o que fazer, aí reúne com as amigas, lá vem o crochê, não tem jeito. O papo fica naquilo em torno do crochê.

10. Isabela Bueno – 17 anos

Isabela, quando você começou a fazer crochê?
Com minha mãe, eu tinha uns 3 anos, hoje eu tenho meus 17.

Já tentou ensinar pra suas amigas?
Já tentei mas num deu certo não! Elas quiseram aprender mas não conseguiram. Quando eu tiver uma filha, eu vou ensinar pra ela (risos), eu gosto de ter aprendido com minha mãe.

Você encontra com alguém para fazer crochê?
Com minha mãe, mas sempre sai briga, porque ela não tem paciência pra ensinar, aí eu vejo vídeo no YouTube. Coloco o vídeo e vou dando pausa. Prefiro fazer sozinha do que com minha mãe.

Por que você faz crochê?
“Porque gosto, passa o tempo e ajuda minha mãe. A quando eu estou com raiva, eu faço crochê, passa. Sabe? Mas tô sem tempo porque tô estudando muito, e dá pra ganhar um dinheirinho, né? É muito bom, o que eu ganho é meu.

Você faz que tipo de crochê?
Coisas de casa, com barbante.

11. Georgina Carvalho Neres – 67 anos

Georgina, quando foi que você começou a fazer?

Ah eu era novinha, minha mãe fazia e quando ela parava eu pegava sem ela ver e fazia, sabe? Aí fui aprendendo, comecei a tirar amostras de revistas... fui praticando até quando as pessoas saberem que eu fazia e começaram a me pedir. Aprendi com minha mãe e fui praticando.

A senhora já ensinou pra alguém?

Já, tem sempre gente vindo aqui me pedindo pra ensinar. Tem uma moça que veio pra eu ensinar e pegou rapidinho, dei a dica pra ela ir praticando, tirando amostra pra ficar melhor. Ela tinha muito boa vontade, isso ajuda muito, é a pratica que faz a pessoa saber, não tem mistério. O crochê é um artesanato antigo, né? Quanto mais antigo, mais bonito. A minha família, por parte da minha mãe todas fazem. E eu acho que por ver elas fazendo que eu quis aprender, eu era apaixonada por crochê. Minha mãe fazia e eu pegava continuando o crochê dela.

Na família da senhora, tem mais gente que faz?

Tem, minha irmã e minhas sobrinhas fazem muita coisa linda.

A senhora encontra outras pessoas pra fazer crochê?

Ah sim, tenho uma amiga, Dona Nésia, que a gente encontra as vezes e conversa demais sobre o crochê. Quando eu encontro com ela vejo o que ela tá fazendo e a gente tira dúvida uma da outra. Uma ajuda a outra. E o gostoso do crochê é que você faz e se der algum problema, enquanto você não resolve aquilo, você não sossega.

E a senhora acha que o crochê é valorizado?

Muito! O crochê é um artesanato que tem muito valor. O crochê é uma coisa muito bonita, né? Não acaba.

E quando a senhora quer aprender mais sobre crochê onde a senhora busca?

Tiro de revista, sempre que eu vejo. Compro muita revista, ganho muita amostra, sabe?

E porque a senhora faz crochê até hoje?

A gente pega e não quer parar mais, sabe? E você vê, quer fazer. Mas ultimamente eu estou meio parada por conta da vista, né? Tô com catarata. Mas eu quero continuar. Eu não faço muito pra vender, mas já vendi. Quando ia num médico em Varginha, eu levava pra fazer lá, e acabou que arrumei umas clientes.

Eu tenho muitas agulhas, inclusive a que eu aprendi crochê com minha mãe, mas é muito fina. Ela está até gasta, é relíquia! Ate minhas irmãs aprenderam com ela. Esse trabalho de crochê é muito bom, e é muito procurado, né? Tenho prazer em fazer e quanto mais você faz mais pratica você adquire. Faz muitos anos.

12. Shirley Pereira Xavier Lemes – 67 anos

Shirley, quando você começou a fazer crochê?

Apreendi com minha avó materna e minha tia aos 9 anos. Minha avó deixava o crochê e saía, daí eu continuava fazendo, chegava e dizia: mexeram no meu crochê! Vendo que eu gostava de fazer , falou pra minha tia, pega um paninho e ensina a Shirley a fazer! Então minha tia pegou uns paninhos redondinhos pra eu passar biquinho, os primeiros ficavam horríveis. Mas daí fui aprendendo os primeiros passos e super feliz, né? porque sabia fazer crochê. Fui fazendo guardanapos, a casa da minha mãe ficou inteirinha enfeitadas pelos crochês: colchas, caminhos de mesa, tapetes... tudo que eu tinha feito.

Depois, fui fazer o enxoval do meu casamento, ficava até 2h, 3h da manhã fazendo crochê, minha mãe sempre falava: -minha filha vai dormir, isso vai acabar com a sua vista! Mas eu queria terminar. Meu gosto era ver o crochê terminado e não fazer errado. Se errava, eu desmanchava e fazia de novo, eu gostava de perfeição! Quando fui casar eu já tinha umas 5 colchas de crochê! Tinha muito crochê, eu sabia tirar amostra de todos os pontos.

Já Ensinou pra alguém?

Já ensinei crochê para a filha, que hoje tem uma pequena empresa com roupas de crochê, para as amigas que não sabiam algum ponto e até para algumas empregadas que trabalhavam na casa, para quem quisesse aprender. Mas ainda não achava suficiente o que eu sabia, fiz um curso de crochê com uma amiga minha, era um grupo, onde ela ensinava moldes, pontos, tinham um caderno para seguir as amostras, e ela dava até um certificado. Era um curso de uns 6 meses, eu e 3 colegas minhas da escola, eu sou professora, sabe? Encontrávamos todos os dias, a gente trocava pontos, experiências, dificuldades . Eu me sentia agora a mãe do crochê!

O que conversavam nesse grupo?

Nossa, de tudo. Ela fazia moldes, colava no caderno, tirava o ponto e colava perto do molde. Para guarda os pontos, né?

Com minhas tias e avós, a gente sentava no alpendre e ficávamos todas lá, crochitando e contando dos namorados, da vida, do passado, das artes que a gente fazia.

Você gosta de encontrar para fazer crochê?

Ah eu achava uma delícia. Inclusive essa professora ,minha amiga, que ensinava pra gente eu adorava, era de 13h as 15h. A gente trocava ideias, olhava nas revistas outros pontos, a mãe dessa professora já tinha feito inclusive roupa para a rainha da Inglaterra.

Por que você faz crochê?

Por amor à profissão. Amo crochê! Crochê, flores e gatos chamam minha atenção. Eu já fiz muito crochê. Minha avó, com 100 anos ela já tinha feito 95 colchas, então eu acho que puxei a ela, minha bisavó fazia rendinhas para anáguas, combinações com linha de carretel, e fazia metros e metros, era uma linha finíssima. Minhas tias, avós, bisavós, todas faziam o crochê, era tradicional fazer enxovais para as filhas, netas, não era pra ganhar dinheiro, era porque gostava mesmo. Quando eu casei,

eu fazia ainda muito crochê, mas dava atrito com meu marido, porque acho que ele tinha ciúme, eu não queria largar o crochê.

Você acha que o crochê é valorizado?

Eu acho que sim, não aqui no interior, porque aqui todo mundo sabe fazer, mas na capital, a gente nem vê crochê né? Eu acho que quem gosta, valoriza demais. Eu acho que tem muito valor.

Você busca melhorar sua prática do crochê?

Ah na Internet, no Facebook, e só de olhar eu sei tirar o ponto.

Você pretende continuar a fazer crochê? Por quê?

Ah, não pode perder o costume, né? Eu acho que é uma coisa que você morre fazendo, se puder, né? Minhas avós até o final da vida, fizeram crochê. Se tiver vista, né? Eu falo que é um vício, você se sente maravilhada com aquilo que você fez, a gente não vê a hora passar, acho que é até um antidepressivo, a gente não pensa em nada ruim, fica ali contando, ver se vai dar certo. Eu acho fantástico ver uma menina mais velha ensinando pra outra mais nova, né?

13. Marinete Freire Bezzerra – 70 anos

Dona Mara, quando foi que a senhora começou a fazer crochê?

Olha eu tinha uns 6 ou 7 anos de idade, lá na Paraíba. Fui na cidade e vi uma moça com uma saia, aí eu gostei, comprei agulha e linha e cheguei em casa pra fazer. Ah mas eu chorava, como chorava, fui fazer o ponto rococó, sabe? Aquele que você enrola no dedo e puxa? Nossa que ponto difícil.

Apreendeu com quem?

Como ninguém, ninguém nunca me ensinou a fazer crochê. Eu que ensino os outros, mas na minha família, todo mundo fazia crochê. Eu via pronto e tentava fazer.

Já ensinou pra alguém?

Ha já sim, pra umas 5 mulheres, que iam na minha casa. Eu achava bom. Pra minha cunhada já ensinei também. Mas eu gosto mais de fazer sozinha porque de grupo a gente conversa muito.

Por que a senhora faz crochê?

Eu adoro fazer crochê, sabe? Eu gosto de arrumar a casa correndo e sento pra fazer crochê. Ah eu acho que já viciiei né? Você pode fazer vendo TV, distraio, tenho fita da bíblia gravada, sabe? Ponho aqui e fico ouvindo. E o crochê é bom pra cabeça da gente. Não pode é ser coisa muito complicada, né? mas embora crochê fácil não é muito bonito, sabe? O povo fala que eu gosto de fazer coisa complicada

A senhora acha que o crochê é valorizado?

Você sabe que aqui em Campanha o povo gosta mais de crochê do que lá em São Paulo?

Ah de vez em quando dá, tem gente que me pede pra fazer centro de mesa de mais de 2 metros, quem tem dinheiro, mas eu faço mais é pra São Paulo, sabe? Mando para as irmãs que moram lá. Minha irmã também faz pra vender, faz bonequinhas de crochê. A senhora vive de crochê? “Sou aposentada, né? ”Agora eu tenho mais tempo, não gosto muito de televisão.” Mas eu tenho sempre encomenda, inclusive ponho outras mulheres pra fazer pra mim, quando é muito trabalhoso (risos).

A senhora busca saber mais sobre crochê, onde?

Ah tenho muitas revistas, nossa! Eu olho o ponto as vezes na própria banca e chego aqui já faço, só de olhar. Mas eu invento também, sabe?

A senhora gosta de fazer que tipo de crochê?

Ah mais coisa de casa, sabe? Tapete, caminho de mesa... as vezes faço roupas, mas é difícil, tem que ter medida.. o tamanho eu que ponho, né? eu meço em mim, né? (risos). Faço muitos bicos, né? De pano de prato. Mas tem que estar com a vista bem boa, eu já to com problema na vista. Mas eu ainda enxergo bem, sabe?

A senhora pretende fazer crochê por muito tempo?

Ah até quando eu puder, né? tô com problema nos braços também. Porque já trabalhei muito, pegando peso na empresa que eu trabalhava, sabe? Era trabalho de pegar peso, hoje eu tenho problemas por conta disso. Eu agora até não tô fazendo muito crochê, por conta disso.

14. Regina Maria Pereira Fonseca – 70 anos

Quando foi que você começou a fazer crochê?

“Então, eu comecei com 7 anos, com uma tina que fazia mas ela fazia no barbante. Ela desmanchava saco de açúcar, ou trigo e fazia com aquela linha. Quando eu comecei a aprender, meu pai fez pra mim, uma agulha de bambu, porque não tinha nas lojas pra comprar. Aí eu fui pra Escola, na hora do recreio, ao invés de ir pro recreio eu ficava lá fazendo crochê e todo mundo perguntando o que eu tava fazendo. Eu achava um barato, né? Fazendo crochê e com aquela agulha de bambu. Aí fui pesquisando os pontos porque minha tia só me ensinou o básico o resto fui buscando, em revistas...”

Na sua família tem mais gente que faz?

Assim como eu faço, bastante, não tem não.

Já ensinou pra alguém?

Já pras minhas filhas mas ninguém pega pra fazer. Já teve uma moça da roça e aí eu ensinei o tricô e o crochê. E aí ela até falou assim pra mim, uma hora eu vou trazer uma dúzia de ovos pra senhora, porque eu não quis cobrar. Aí passou um tempão ela veio com uma galinha, dizendo: eu demorei tanto pra trazer o ovo que eu já trouxe a galinha (risos). E a galinha era tão boa pra botar, ela deu com tão bom coração. (risos).

Você encontra com outras pessoas?

Encontro pouco e quando a gente encontra conversa sobre o que a outra tá fazendo.

Por que a senhora faz crochê?

Porque eu gosto. Pra mim é uma terapia. Mas é claro, que ajuda também o dinheiro. Não vivo só o crochê, mas é muito bom. Faço pra vender e pra família também, biquinhos em pano de prato.. toalhas. Faço já dever fazer uns 9 anos, pra Oficina da Roça, que é uma empresa daqui de Campanha. Eu tenho praticamente o trabalho fixo porque ela pede toda semana.

Você busca atualizar seus conhecimentos sobre o crochê? Como?

Busco muito em revista, tenho bastante. Internet, agora que eu estou começando, sabe? Até ontem uma moça me passou no Facebook, um monte de coisa.

Porque você faz crochê?

Porque eu gosto. Distraí , sentada na frente da televisão, eu tô sempre fazendo um crochê.

Uma vez, uma moça trouxe pra mim uma blusa de amostra e não conseguia fazer de jeito nenhum. Fui até tarde da noite, e pensei, mas não é possível que eu não vou conseguir fazer essa blusa. Você acredita que eu dormi e sonhei o jeito de fazer o ponto? No dia seguinte, eu acordei e fui correndo lá fazer, do jeitinho que eu sonhei consegui fazer, você acredita?

Você acha que o crochê é valorizado?

Aqui em Campanha, não muito, né? Mas acho que o crochê é valorizado sim, quem conhece, sabe, valoriza. O pessoal mais novos não querem saber, não querem aprender.

Você acha que em Campanha precisaria de um lugar para os artesãos?

Acho que sim, inclusive já teve no Fuhadão. Era uma feira, na época eu tinha cortina, colcha, vendia tudo. Eu acho que deveria ter de novo essa feira. Depois que vieram essas fábricas de tapetes pra cá acho que caiu muito, embora essa colcha que estou fazendo, é feita de tear e emendada com o crochê, né? a gente podia até juntar as crocheteiras né? e ver o que acontece, né? Aqui em Campanha tem muito trabalho bom, e escondido, né?

15. Maristela Ferrer Maia Pinto – 51 anos

Maristela, quando você começou a fazer crochê? Aprendeu com alguém?

Comecei com 11 anos, aprendi com uma vizinha, dona Gisele, da rua aqui da minha casa. Ela me ensinou e eu aprendi rapidinho.

Já ensinou pra mais gente?

Quando alguém me pede alguma informação, eu passo, não importo de ensinar. Minha filha também já começou a fazer mas não teve muita paciência (risos).

Encontra com alguém pra falar de crochê?

Ah aqui em casa, sim. Vinham para cá, a gente fazia umas quitandinhas e fazia crochê. A gente ficava tirando dúvida uma com a outra, elas falam até hoje que tem saudade desses encontros.

E porque não encontram mais?

É porque já tem gente de idade, é difícil ficar saindo. Aí cada uma agora fica na sua casa mas ainda encontro com uma ou outra.

Tem mais gente na família que faz crochê?

Minhas irmãs, Margareth e Margarida. As vezes encontramos pra tira dúvida.

Você acha que o crochê é valorizado?

Mais ou menos. Tem gente que não valoriza o seu trabalho, eu valorizo o meu trabalho. Porque dá trabalho pra fazer. Acho que o povo de fora, dá mais valor. Eu acho que aqui é porque tem muita gente que faz crochê né?

Você acha que em Campanha falta lugar para expor seu trabalho?

Ah já tentaram várias vezes. Eles tentam mas não deu certo, não foi pra frente. Acho que é o povo mesmo, falta união. Nem é culpa do prefeito.

E porque você faz crochê?

Ah eu acho que é um dom que Deus me deu. E eu gosto demais de fazer crochê, me distrai. Por isso até hoje eu to firme no crochê. Se não tiver o dom, a pessoa não continua. Eu sempre faço de encomenda, não tenho tempo de fazer e deixar pronto. Mas comecei a fazer pra minha casa, aí o povo descobriu que eu fazia e até hoje eu faço pra fora. Faço croche nas horinhas que dão. Esses dias mesmo entreguei 6 cortinas. Gosto de fazer de tudo, caminho de mesa, cortina, eu faço bastante crochê. Gosto de todo tipo, dou muito valor, porque eu sei fazer e sei do trabalho que dá.

Pretende continuar a fazer?

Ah se Deus quiser, quero continuar. E eu gosto de desafio, gosto de crochê difícil. Não gosto de crochê facinho, não. A gente olha e pensa assim, será que fui eu mesmo?

Você busca aprender mais sobre o crochê?

Ah eu gosto sempre de aprender um ponto novo, pego revista, gráfico. E agora a gente pega na Internet, né? Acho fácil aprender por lá. Se eu olhar o gráfico ou mesmo a pessoa falar, eu acho facilimo.

16. Águeda Mara Silva – 42 anos

Quando foi que aprendeu a fazer crochê?

Faz crochê desde os 17 anos, aprendeu com a avó. Fazia apenas coisas mais simples, biquinhos em panos de prato. Morava na roça quando aprendeu. E quando foi para a cidade, começou a fazer crochê para ganhar dinheiro. Na família, tem mais uma tia que também sabe fazer. Águeda está ensinando para a filha Laís, que tem 10 anos, a filha que quis aprender vendo a mãe fazendo. Já explicou crochê para outras pessoas, quando surgem dúvidas e quando encontram, conversam sobre crochê, família. Ela conta que carrega o crochê para onde vai, para o médico, onde dá para fazer ela leva.. Só não leva quando o trabalho é muito grande. Faz colchas, roupas, roupinhas de neném, sapatinhos...

Quando faz crochê, tem o hábito de encontrar com outras pessoas?

Quando a avó era viva, gostava de encontrar ela e a tia para tecer juntas. Conta que a tia só parou de fazer crochê porque teve Alzheimer. Dizia que nesses encontros, aprendia muito, que a avó sabia muito para ensinar.

Onde você busca atualizar seus conhecimentos sobre o crochê?

Hoje, ela aprende na Internet, tira dúvidas através de vídeos, postados por outras crocheteiras, acha acessível e fácil o aprendizado. Disse que pela Internet aprende muita coisa, que é o principal lugar onde ela acessa hoje em dia para ter algum aprendizado, que possui grupos no Facebook, específicos em crochê, o que facilita bastante, assim como grupos no WhatsApp. Diz que nesses grupos, as participantes compartilham modelos, tiram dúvidas, uma ajudando a outra. Ela acha que esse modo de encontro virtual, é mais fácil de acontecer, porque encontrar pessoalmente para fazer crochê é mais difícil. Disse que o próprio Senai já tentou dar cursos de artesanato, de crochê, mas que as artesãs muitas vezes desistem de fazer por conta dos horários. Agueda afirma que em Campanha, tem essa dificuldade de encontrar os artesãos para fazer artesanato, assim como de um lugar para vender. “o problema é reunir todo mundo”.

Por que você faz crochê?

“O meu dinheiro é do crochê, para eu fazer minhas despesas, minhas coisinhas. O meu trabalho é só o crochê.”

“Ah eu amo, eu amo! É muito gratificante você pegar o fio e transformar numa peça, eu adoro fazer!”

“Eu agora estou fazendo muita roupinha de crochê, estou mandando muita coisa para fora (São Paulo).

Você acha que o crochê é valorizado?

“Não! Muita pouca gente valoriza o artesanato. As vezes acha caro!”

E você acha que isso é aqui em Campanha ou é geral? “Eu acho que é aqui em Campanha, porque o pessoal que eu mando pelo correio, o preço que eu dou eles depositam o dinheiro, tudo é mais fácil. Tem gente que até dá valor, vê que dá trabalho, né? Num é fácil, tem peça que é difícil, o tempo que gasta, e a dor nas costas de você ficar sentada, mas tem gente que não dá nem um pingão de valor, mas eu estou lotada de encomenda! E eu estou correndo pra fazer tudo para entregar.

Que tipo de peça você gosta de fazer? Tapetinho de porta, cortinas, colchas de casal, roupinhas de neném..

Você pretende continuar a fazer crochê?

“É o dinheiro que entra, porque eu gosto, distrai a cabeça, é muito bom fazer. Cansa mas é muito gratificante, né? É muito gostoso fazer! Tem dia que fico até 1 hora da manhã na sala fazendo. Quando o marido vai viajar, fico até madrugada fazendo, as vezes fico esperando o filho chegar da rua... fico lá assistindo televisão.. distrai né?”

17. Paulina Cândido Rodrigues Fernandes – 59 anos.

Quando foi que você começou a fazer crochê?

Então menina, eu via crochê e ficava doidinha, eu tinha uns 14 anos por aí e minha mãe não sabia fazer, minha irmã mais velha que até já era casada, sabia fazer, aí a gente pegava aquelas linhas de saco de fazer pano de prato, alvejava as linhas pra aprender a fazer, porque na roça não tinha como comprar o material, aí alvejava bem clarinha e fazia, mas não sabia inventar modelos, né? não tinha aquele dom, aí a irmã do meu pai, fazia muito aí ela falava, toda vez que vocês vierem na cidade, vocês passam aqui que eu vou ensinando, e foi ensinando os pontos de laçada, com 15 anos já fazia aquelas colchas imensas. Na época que o correio estava aqui, no auge, eu fazia muito crochê. Colchas, caminhos de mesa, tudo para o enxoval. Quanto mais eu fazia, mais eu aprendia, fui aprendendo sozinha.

Na minha família eu e minha irmã sempre fizemos muito, ela conseguiu pagar o INPS dela, com crochê, ela sempre teve problema de saúde. A gente fazia feira, aqui e fora de Campanha. Em Três Corações, Monsenhor Paulo, Lambari. Aqui na jornada médica no Sion, como a gente vendia bem!

E você já ensinou o crochê pra alguém?

Pra muita gente! Já ensinei pra minha filha, mas ela gosta mais de ponto cruz. É porque gosta, né?

Você tem o hábito de encontrar para fazer crochê?

Ensinava na minha casa, eu tinha 5 moças que eu ensinava, 2 sobrinhas e 3 amigas. Elas iam lá em casa. A gente encontrava numa área grande que tinha na porta e botava na mesa as linhas as coisas que a gente tinha, era tudo muito difícil né? A gente não tinha muita opção de linha nem dinheiro pra comprar aí a gente fazia com o material que tinha mesmo. Outro dia, encontrei com uma dessas moças que vinha aqui em casa e ela me disse, nossa, não sei o que seria de mim, se não tivesse aprendido o crochê, hoje eu to desempregada e tô pegando umas coisas pra fazer.

O que conversavam?

Ah tudo sobre crochê, uma contava que queria fazer uma colcha, a outra uma blusa, uma levava um modelo pra gente descobrir o ponto. A gente encontrava 3 vezes por semana. É muito bom discutir os assuntos de crochê, né?

Dá pra ganhar um dinheiro com o crochê?

Dá, e é bom porque você tá trabalhando na sua casa, já tem as freguesas certas que te procura, eu sempre vivi praticamente do crochê, sempre ajudou demais e ajuda ainda hoje. Tô aposentada pelo rural, né? Só aposentadoria não dá. Tô com uma encomenda de 3 dúzias de pano de prato pra uma pessoa só, eu passo bico nas pontas, eu tenho 2 pessoas que bordam pra mim. Minha filha coloca no Facebook dela pra mim. Ela quer que decore com frutas, bichinhos. Faço toalhas de banho também, tenho encomendas para Belo Horizonte.

Você acha que o crochê é valorizado?

Ah, não. Mas aqui em Campanha tem gente que valoriza muito. Mas o crochê tem que ser bem feito, né? não pode ter pressa.

E hoje, quando você quer saber sobre crochê, onde busca?

Ah pelas revistas, porque Internet eu não busco. Mas tenho amigas que vem aqui até hoje pra trazer um modelo novo pra eu fazer. Eu tenho muita revista de modelo.

O que leva fazer crochê até hoje?

Ah menina, eu gosto demais. Eu gosto demais (risos). Porque eu acho que se eu não gostasse já tinha desistido. Não sei se é porque eu praticamente vivi com isso, né? Criei meus filhos, mas se não gostasse, não teria feito. Faço direto. Eu tenho encomenda direto.

Você acha que em Campanha tem incentivo para os artesãos?

Acho que falta. Antes até tinha alguma coisa, mas eu tinha que ficar o dia inteiro na feira, era muito cansativo. Na jornada médica, que o povo vinha de fora, eu vendia muito. E agora que minha filha tá colocando na Internet, o povo vê e quer.

Faço pra Marisol também.

Eu vivo do crochê, não tem outro jeito, mas esse mês tenho que ir no oculista, né? porque a vista já não está boa, a idade vem chegando. Eu gosto demais, né? tenho muita coisa de crochê. O que eu já fiz pra vender, nossa! As vezes vou na casa de alguém, vejo algum crochê meu e a pessoa, fala, olha esse foi você quem fez.